OS DOUS AMORES
**BRAZILIA. Bibliotheca Nacional** dos melhores autores antigos e modernos. Já fazem parte desta interessante e monumental colleção, as obras poéticas seguintes:

**A Assumpção**, poema de Frei Francisco do S. Carlos, 1 v. in-8°. Ricas encadernações, 4#000 e 5#000.

**Gonzaga**, poema por ***, 1 v. in-8°. Ricas encadernações, 4#000 e 5#000.

**Marilia de Direceu**, por Thomas Antonio Gonzaga, 2 v. in-8°. Ricas encadernações, 8#000 e 12#000.

**Obras completas** de Casimiro de Abreu, 1 v. in-8°. Ricas encadernações, 5#000 e 6#000.

**Obras completas** de Antonio Castro Alves, 2 v. in-8°. Ricas encadernações, 6#000 e 8#000.

**Obras completas** de L.-N. Fagundes Varella, 3 lindos v. enc. 9#000, br. Ricas encadernações, 12#000.

**Obras completas** de Junqueira Freire, 2 v. in-8°. Ricas encadernações, 8#000 e 10#000.

**Obras completas** de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, 2 v. in-8°. Ricas encadernações, 8#000.

**Obras completas** de Ignacio José de Alvarenga Peixoto, 1 v. in-8°. Ricas encadernações, 4#000.

**Obras completas** de Alvaraes de Azevedo, 3 v. in-8°. Ricas encadernações, 9#000.

**Poesias** de Gonçalves Dias, 2 v. in-8°. Ricas encadernações, 8#000, 10#000 e 12#000.

As obras de cada um desses autores são colligidas, annotadas precedidas de uma biographia acompanhada pela maior parte de documentos históricos. Nenhum amador das letras brasilieras ou cidadão instruído pode deixar de possuir tão interessante colleção, pela grande cópia de noticias que encerra sobre a historia litteraria do paiz, sendo a sua acquisição facillima, pois cada autor se vende separadamente, podendo-se pelo decurso do tempo possuir toda a livraria nacional, verdadeiro monumento levantado ás letras patrias.

**LIVRARIA CLASSICA. — Excerptos dos principaes autores portuguezes**, seguidos de uma extensa noticia sobre a vida e obras do autor, um juizo critical, apreciaciones de bellezas, defesos estudos de lingua, obra colaborada por muitos dos primeiros escriores da lingua portugueza.

**ANTÔNIO FERREIRA**, 3 v. in-4° 15#000, in-8°. 9#000.

**MANOEI, BERNALDI**, 2 v. in-8°. 6#000.

**Fernão Mendes Pinto**, 2 v. in-4° 10#000, in-8°. 6#000.

**GARCIA DE REZENDE**, 1 v. in-4° 5#000, in-8°. 3#000.

**BOCADE, 3 v. in-4° 15#000, in-8°. 9#000**.

**JOÃO DE LUCENA**, 2 v. in-8° 10#000, 8#000. 6#000.

Ha ricas encadernações para presentes.

HAVRE. — TYPOTRIA DO COMMERÇIO, RUA DE LA BOURSE, 3.
OS DOUS AMORES

ROMANCE BRASILEIRO

PELO

Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

QUARTA EDIÇÃO

Tomo segundo

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, Rua do Ouvidor, 71

PARIS. — EMILE MELLIER, rue Séguiier

1887
O amor é a paixão das inconsequências e dos absurdos.

A impossibilidade de bem definil-o provém da mesma natureza d'esse sentimento: tem-se escrito milhões de volumes sobre o amor, e a inteligência humana ainda o não retratou com todas as suas cores, porque sempre elle se mostra com uma nova nuance.

Fizerão-no parente da amizade, derão-lhe até o grão de seu irmão; mas se realmente tanto n'ella como n'elle ha sempre um pendor para o objecto que nos é grato, differem ambos em tudo que resta, tanto e tanto, que parecem mais ini-
migos do que deviãão ser dous parentes tão chegados.

Differem muito, differem nos princípios e nos resultados.

O bello título de amigo adquire-se á custa de uma longa provação, que dura annos: agglomerão-se obsequios sobre obsequios; é preciso que o tempo e o tracto mutuo de dous homens tenha feito conhecer a ambossua também mutua dedicação, e o desinteresse e a paciencia, e até certo ponto conformidade de sentimentos, e de sentimentos que sejão nobres, para que no fim de tudo isso sâbia o nome de — amigo, — não da flor dos lábios, mas do amago do coração.

O amor não é assim: às vezes é a obra de um instante tão breve como um suspiro.

A's vezes não se estuda a nobreza dos sentimentos da pessoa a quem se vai, sempre involuntariamente, amar; e nunca se espera por alguma prova de dedicação e paciencia, e não se pôde esperar por alguma de desinteresse; porque o amor é terrivelmente interesseiro no seu genero.

A's vezes dous olhos pretos, dous lábios de coral, e um instante para vé-los, resumem toda a historia de um grande amor.

Pois bem, ahi tendes um amor e uma amizade: o primeiro, filho do temperamento, ou da sympatia, ou do que quizerdes; o filho, em summa, de um curto momento, em que não houve, nem reflexão, nem vontade; a segunda, sentimento reflectido, criado pela dedicação, amamentado pela virtude, educado cuidadosamente durante muitos annos.
Ahi tendes a amizade, virgem encantadora cheia de pureza, de formosura, de graça e de castidade; e o amor, menino impertinente, audacioso, exigente, importuno, teimoso... para dizer tudo, menino malcriado.

O que é que acontece no correr da vida de ambos?...

Acontece que o filho do momento, que devia ser o mais fraco, é o mais forte; que o menino malcriado, que devia ser menos tolerado, é de quem se sofre muito mais.

A amizade para viver precisa que a ajudem: é a alampada do templo, cuja luz se extingue se lhe falta o oleo; é necessário que a dedicação, o desinteresse, a paciência, que já tanto se provaram, vão sempre de seu existir dando novas provas, para que a amizade subsista; para que a virgem não fuja envergonhada.

E o amor?... amai, e vede: aquillo mesmo que destruiria para logo a mais antiga e enraizada amizade, é quasi sempre um incentivo que dá mais vigor e mais fogo ao filho do momento.

Amai, e vede: a mulher que vos plantou no coração esse sentimento, vos desafia com seus rigores; vos faz escravo de seus caprichos; com um desdém arranca lagrimas de vossos olhos, e com uma lagrima vos faz dobrar os joelhos.

Na amizade, a traição faz esquecer; no amor, a traição faz enlouquecer.

As diferenças que existem entre os dos sentimentos continuam ainda; e, como devia acontecer, compensação finalmente os triunfos que sobre a amizade dão no principio ao amor.

O orgulhoso que de si mesmo tirava suas for-
ças, que vivia de seus caprichos, de desdens e de lagrimas, devia por força cansar mais depressa do que a virgem modesta, que caminhava cuidadosamente a sombra de mil cuidados, e guiada pela virtude e pela dedicação.

O tempo é portanto a vida da amizade, e a morte do amor.

E assim como vimos ha pouco, que aquillo mesmo que podia instantaneamente matar a amizade, era para o amor incentivo que lhe dava mais vigor, e lhe tornava mais intenso o fogo; veremos agora, em compensação tambem, que o principio que anima a primeira é causa do resfriamento e morte do segundo.

Queremos falar do gozo, porque, embora de natureza distincta, tanto o amor como a amizade tem o seu.

Dous amigos gozão-se com a troca de seus sentimentos e de seus cuidados, gozão-se partilhando mutuamente os pezares e os prazeres um do outro, ajudando-se na prosperidade e nos trabalhos da vida; e esse gozo anima o fogo do sentimento que o dá, enraíza ainda mais a amizade que o promoveu.

Agora o que acontece com o amor, perguntai a todos os esposos: interrogai principalmente a todas essas bellas moças, a quem se jurou paixão eterna; interrogai a essas... um anno depois de casadas.

Ellas vos dirão o que desde muito tempo já foi dito — « o desejo é a medida do prazer ».

Ou, o que pouco mais ou menos exprime a mesma cousa — « a morte do amor está no gozo ».

Mas emquanto se não goza, flammeja um dese-
jo imenso que accende a imaginação, e os me­
nores encantos são perfeições angelicas, e tudo 
é engrandecido e divinisado no objecto que se 
ama : da mulher se faz um anjo.

Não ha mais nada de terrestre n’ella : houve 
uma metamorphose operada pela imaginação.

O desejo suspira às vezes como um favonio que 
brinca com as flores de manhã cedo ; e logo de­
pois brame como a tempestade, como o vento 
enraivado varrendo a floresta virgem.

Se ha um abysmo, o homem lança-se dentro 
d’ elle; se lá dentro... se lá em baixo elle vio o 
rosto da mulher que ama...

Se ha um muro de bronze, o homem trabalha 
uma vida inteira para lançal-o por terra.

E nem os annos, e nem a ausência podem fazer 
esquecer a mulher que se ama.

Porque não houve gozo.

E pôde a mulher ser caprichosa e ligeira; 
pôde zombar, pôde parecer inconstante, pôde 
desdenhar, podem mesmo asseverar que ella é 
falsa ; o homem estará preso a seus pés como 
um misero escravo.

Porque não houve gozo.

É, com isto, e mercê d’estas considerações 
mil vezes já enunciadas de modo mil vezes me­
lhor, que se explicava o amor extremoso e irre­
sistível de que o joven Henrique se achava pos­
suido pela filha de Anacleto.

Henrique era um exemplo que se podia dar dos 
dous sentimentos que acabão de ser discutidos.

Laços de uma pura e virginal amizade o ligá­
rão a Carlos : grilhões de um amor tyrannico e 
invencivel o prendião aos pés de Marianna.

1.
A amizade porém dos dous mancebos era mais velha que o amor de um d’elles; e Carlos, com o zelo de um amigo fiel, tinha acompanhado todo o correr d’esse amor, que durante muito tempo se lhe figurou em abysmo.

Com franqueza e lealdade combatêra esse sentimento de Henrique durante seus primeiros tempos; apoiára sua viagem á Europa, e, apezar de lêr o nome de Marianna em todas as cartas de seu amigo, só começára a fallar d’ella nas suas, quando começára tambem a viuvez da filha de Anacleto.

Depois da volta de Henrique á patria, acompanhava-o ao Céo côr de rosa, e observava...

Os dous amigos estavão juntos na manhã que se seguia depois da noite dos annos de Celina.

Henrique achava-se pensativo e profundamente melancolico.

— Preví que estimarias vêr-me hoje cedo: disse Carlos.

— Estimo vêr-te sempre; que quer porém dizer a tua previsão?
— Adevinhei que estarias pensativo e triste.
— Então adevinhaste tambem o motivo?
— Tambem.

Henrique córou sem querer: ensaiou um sorriso, e perguntou:
— E qual é?...
— Sou teu medico, Henrique, e vi que a noite de hontem deveria fazer-te mal.
— E fez-me.
— Portanto, fiz bem em vir conversar contigo: necessariamente tens muito que dizer-me.
— Não; tenho ao contrário alguma cousa que perguntar.

— Vamos, pois.

— Que observaste hontem á noite, Carlos?...

— Provavelmente menos do que tu, Henrique.

— Menos do que eu?...

— Sim; porque eu examinei tudo com o olhar frio do observador, e tu viste tudo com os olhos enganadores da paixão.

— E então?...

— Então tu deixaste hontem o Céu côr de rosa com a convicção terrível de que tinhas um rival poderoso no joven Salustiano.

— E tu?...

— E eu vim com a certeza de que a bella viuva detesta esse homem mais do que tu mesmo.

— E' possível?! !

— Mas eu trouxe também a certeza de que entre ella e Salustiano existe um segredo, que é uma barreira que se levanta contra o teu amor.

— Oh!... mas esse fatal segredo...

— E' um segredo... não o saberás... não o saberemos.

— Mas eu daria meu sangue... metade de minha vida para poder arrasal-o.

— E nunca o saberás.

Henrique torceu as mãos com violência, e depois exclamou com accento de dôr profunda :

— Que eu não possa esquecer essa mulher!!!

E começou a passear por toda a extensão da sala visivelmente alterado.

Carlos acompanhava-o em silencio e com os
braços cruzados, até que em fim Henrique prin-
cipiou a desabafar seus soffrimentos, fallando.
— E' incrível! exclamou elle: como se pôde
explicar este sentimento que tem feito o cons-
tante padecer de minha vida?... como é que
pôde em mim tanto essa mulher, que nem a
razão, nem a ausencia, nem a amizade poderão
conseguir fazer-me esquecêl-a?... como é que
eu me prendo assim a uma rosa que me es-
pinha; que me offereço a um raio que me
abraza?!! Oh! Carlos! Carlos! este amor é fa-
tal como a maldição de um pai!...
— Eu t'o predisse: no seu começo fora possi-
vel vencêl-o; agora é tarde.
— Possível vencêl-o?! se não fôras meu
amigo, eu te desejaria um amor como este, para
sentir-se como foi elle no seu começo; sabes o
que é estar um homem devorado pela sêde, e
preso a uma columna de ferro a dois passos de
um rio de agoas límpidas?... pois foi assim que
eu vivi enquanto Marianna esteve casada; a
minha sêde era de amor, minha columna de
ferro era a honra, e essa mulher era para mim
uma fonte de angelica pureza... oh!... foi muito
horribel a minha vida!... foi muito horribel!!!
Carlos guardou silencio.
— E agora? proseguio o apaixonado mancebo;
— agora que nenhuma consideração digna de
respeitar-se oppõe-se ao meu amor; agora que
eu não me envergonho declarando-o á mulher,
que tanto pôde sobre mim; agora que eu a ouço
todos os dias dizer que me ama, hade vir um
homem, que até hoje desprezei, ostentar a meus
olhos o poder que exerce sobre ella?... isto não
é uma tentação abominável?... dize Carlos, dize, isto não é uma tentação capaz de perder-me para sempre?

Os olhos de Henrique flammejavão.
O que queres dizer?... exclamou Carlos.

— Quero dizer, respondeu Henrique tremendo, que hontem á noite eu vi a mulher que adoro, levada pelo braço d’esse homem, pallida, abatida, tremula como uma criminosa; e elle, arrogante, soberbo, terrível e feroz como um algoz; quero dizer, que de então até agora eu tenho sonhado com um punhal... com a deshonra...

— Insensato! bradou Carlos.
— Mais do que isso!!
— Comprehendes bem tudo o sentido das palavras que pronunciaste?...
— Perfeitamente.
— Serás capaz de repetil-as?...
— Sem duvida.

— Henrique, disse Carlos com voz triste e grave; fallas com o teu amigo, responde pois seriamente: pensaste já uma só vez em realisar esse pensamento abominável?...

Henrique hesitou.

Esse pensamento é um crime, tornou Carlos; mas eu sou teu amigó para t’o perdoar; responde pois, pensaste já uma só vez em realisal-o?...

Henrique empallideceu como um moribundo, e disse:
— Já... esta noite,
— Estás quasi perdido!! exclamou dolorosamente o amigo.

Henrique, escutando esse grito da amizade,
atirou-se no sofá chorando desabridamente. Carlos sentou-se, e reflectiu durante muito tempo; o médico procurava um remédio para o seu doente; e o doente tinha medo daquele médico, que sempre se havia opposto ao seu amor.

No fim de meia hora, Carlos chegou-se para junto do amigo, e tocando-lhe no hombro, disse:

— Sê homem.

Henrique levantou a cabeça.

— Tenho pensado bem, continuou aquelle; não vejo razão para tão grande dór.

— Como? perguntou Henrique.

— A bella viuva te ama.

O mancebo suspirou, e disse:

— E aquelle homem?...

— E' um vil... despreza-o...

— Era só isso o que tinhas para me dizer?...

— Não.

— Que mais então?

— Cumpre que tudo isto tenha um termo; e quanto mais cedo, melhor.

— Que devo fazer?... eu não sei nada... desvairo e choro.

— Pois bem: irás ao Céo cór de rosa.

— Quando?...

— Hoje não; estás agitado demais: irás ao primeiro serão.

— E depois?...

— Terás uma conferencia com tua amada, e positivamente offerecer-lhe-has a tua mão.

— E finalmente?... exclamou Henrique.

— Pedil-a-has em casamento ao velho Ana-cleto.
— Tu m’o aconselhas !... bradou o amante abraçando com força a Carlos ; tu m’o aconselhas ?...
— Sim! sim! respondeu este.
E depois continuou fallando consigo mesmo : 
— Dos males o menor.
Se o olhar do observador podesse chegar ao fundo do coração humano, esquadrinhar todos os seus escaninhos, arrazar seus segredos mais ocultos, lêr n'elle como em um livro; teria, é verdade, muito de que horrorisar-se, muito de que espantar-se com a hypocrisia e malvadeza da humanidade; em compensação porém acharia um encanto indizível, examinando o coração de uma moça, que começa a amar pela primeira vez.

Porque, se doçura immensa se goza já n'essas rapidas e passageiras traições-zinhas, que fazem ao pudor de uma virgem os suspiros que por entre os labios escapão, e os olhares que com mal comprimido fogo dardejão os olhos; em que mar de innocencia, de amor angelico, de
candura e de graças se não banharia o pensamento do observador, penetrando no coração da virgem cristã?!!

Uma vida nova começa com o primeiro dia de amor: a aurora d’esse dia rubra com o pejo da moça, revela um mysterio, que ainda se não compreendia a noite passada.

De então por diante todos os pensamentos, todos os desejos, os brilhantes arabescos da imaginação, os sonhos, que a alma sonha acordada, o futuro, os risos, o pranto e a vida da virgem estão presos por correntes de flores ao mysterio que se revelou.

Foi o grito da natureza que soou, e que repercutiu no coração da donzella.

Mas a virgem cristã teve a educação da pureza, e tem o pudor da mulher: desde que concebeu a ideia do amor, desde que ao sentir, ouvindo o grito da natureza, córou de si mesma.

Porque córa?... porque esconde um sentimento, que a natureza inspira?... porque córa?... perguntai-lhe: ella responderá com voz quasi sumida — não sei, — e ha de córar mil vezes mais, respondendo.

E a virgem que não córasse por mais formosa que fosse, seria como uma flor sem perfumes, ou uma alma sem pensamentos.

Mas a virgem pretende em vão esconder o amor que amanheceu no seu coração: ella o esconde, e elle se revela, como ainda o perfume que escapa da flor, e ainda o pensamento que transpira d’alma.

Observai a moça que começa a amar: tudo é novo n’ella: uma revolução se operou em seu
carácter, e em suas acções; o seu physico mesmo se resente; ella se torna mais encantadora.

Estudai a expressão de seus olhos; seus olhares são vagos, rápidos, às vezes langorosos... é bello vê-l-a olhar assim...

Melancolica e distrahida, seus antigos prazeres a afadigão; esqueceu-se d’elles... tem na mente um desejo novo...

Louquinha que amava as festas com seu ruido, e bulício; que corria pelos prados; que brincava com as companheiras saltando, gritando, zombando; agora se esconde em seu quarto para chorar sem motivo, e depois, no jardim, fica uma hora parada defronte de uma flôr...

Isso, e ainda muito mais que não será possivel descrever completamente nunca, é a historia da madrugada do amor, que todas as que forão moças gozarão, e que as que o não são, devem gozar ainda.

Celina começava a experimentar todos esses phenomenos: a noite de seus annos rasgara, em fim o véo da duvida... no fim do canto do mancebo pobre, ella tinha comprehendido que já o amava muito; que dentro do seu coração esse amor brotara, e cresçera, sem que fosse sentido... Candido era amado.

Mas porque se tinha elle retirado antes da terminação do baile? porque não aparecerá desde então no Céo côr de rosa?

O amor de Celina começava com tormentos: porque também é regra que no amor uma duvida é um tormento, uma suspeita é veneno.

Com anciedade esperou a Bella Orphã pela primeira noite de serão... devia vê-l-o... Can-
dido, se a amava, não podia faltar... havia de vir por força...

Gastou o dobro do tempo que costumava, em seu toucador: tinha vontade de parecer ao homem que amava, a mais bela de todas as mulheres.

Chegou a hora do serão: vierão pouco a pouco chegando todos aquelles que costumavão frequentar o Céo cor de rosa.

Celina não podia arrancar os olhos da porta da entrada; por tres vezes tinha já ido a janella sob diferentes pretextos.

Apresentou-se Henrique... algum tempo depois apareceu Salustiano.

Os sinos tocarão nove horas da noite. Candido não havia chegado.

Celina não pôde conter um forte movimento de impaciência, e desagrado.

— Meu Deus! D. Celina, exclamou Felícia, o que é que hoje você tem...

— Parece que esperava por alguém, que não chegou, disse Mariquinhas; ella não tem tirado os olhos da porta da sala.

— Oh! não! respondeu a Bella Orphá; é que hoje não estou boa... sinto um calor, que parece febre; preciso respirar ar puro e livre.

E dirigio-se de novo à janella... ninguém vinha: esperou cerca de dez minutos; mas sempre de balde.

A pobre moça sentio então uma dôr nova para ella; apertou-se-lhe o coração, como se uma mão de ferro a estivesse comprimindo com os dedos; e não podendo supportar o ruido que na sala reinava; parecendo-lhe as risadas que
ouvia, os gracejos que se dizão, as músicas que se cantavão, e os olhares que lhe lançava Salustiano, um insulto feito á sua dôr, aproveitou um momento de distracção geral, e sahindo da sala sem ser sentida, subio para seu quarto, e atirando-se no leito, começou a choriar.

No entanto, Henrique havia oferecido o braço a Marianna, e passeavão conversando.

Chegárão-se ambos para uma janela, e ven­do-se a sós Henrique fallou á bella viuva:

— Minha senhora, eu precisava fallar-lhe a sós sobre um objecto de grande importância para nós ambos; julgará opportuno este mo­mento?...

— Posso eu dar uma sentença sobre causa que não conheço? perguntou gracejando Marianna.

— Não haverá gracejo, nem puerilidade, no que eu devo dizer, tornou Henrique com tom sério.

— Mas é que eu não sei sobre o que devemos tratar.

— Oh !... senhora !... será possível, que não adevinhe qual será o objecto de que lhe quero fallar?... não lh' o diz o coraçöna ha seis an­nos ?...

— Para aquelles que se amão, disse Marianna abaixando a cabeça e a voz, todos os momentos e todos os lugares são oportunos e propícios.

— Então eu fallo; e depois que eu fallar, é que realmente ouvirei uma sentença.

Marianna levantou os olhos, e vio a expressão apaixonada e séria do semblante de Henrique.

— Eu não leembrarei o passado, disse o
mancebo: é a história de uma luta desesperada entre o dever e o amor, que eu não quero recordar, porque ainda me causa terríveis angústias...

— Oh! lembremol-o sempre!... a sua memória é doce porque não desdoira... foi um amor do espírito.

— Embora... mas se quizer, eu o lembre sómente para dizer, que esse amor que resistio ao dever, que não morreu na ausência, é um amor que deve ser bem caro, senhora!...

E tem elle sido mal pago, senhor?... n'essa luta entre o dever e o amor, sofreria menos a mulher, para quem o amor é sempre mais ardente, e o dever era dobradamente maior?...

— E agora, senhora?... agora, que não há mais barreiras levantadas diante d'esse terno sentimento?...

— Agora?...

— Sim; agora?...

— Aceite como resposta, senhor, a mesma pergunta que acaba de fazer-me.

— Oh! pois bem; mas o que vemos na sociedade?... quem é que se apressa a desejar prender-se por laços sagrados?... é por ventura o homem, que pôde esperar dez annos sem perder na opinião dos outros homens?...

— Que quer dizer, senhor?...

— Quero dizer, minha senhora, que acreditando em suas palavras, julgando-me feliz e amado, eu me espanto de que a mulher que me ama, e que tem a certeza de ser por mim idolatrada, livre, tão senhora de sua mão como de seus pensamentos, não se lembrasse uma só vez
ainda de me estender essa mão ha tantos annos desejada, dizendo-me: — eil-a aqui!
— Ah! senhor...
— Quero dizer que tenho pensado comigo mesmo sobre a causa provável d’essa frieza, e seguramente ha erro em todos os meus juízos: pensei, eu o confesso, senhora, que eu podia ter sido o objecto de uma zombaria de seis annos... que o amor, em que acreditava, era fingido...
— E teve duas vezes esse mesmo pensamento?... perguntou Marianna, deixando cair duas grossas lagrimas.
Henrique não vio felizmente as lagrimas da viuva.
— Não... não... esse pensamento duas vezes concebido seria capaz de matar-me: esse pensamento foi certamente uma loucura; mas como essa, mil outras loucuras me vierão á cabeça, e finalmente pára n’uma, que foi a peior de todas, que é horrível!...
— Mas por felicidade nossa, senhor, não passará também de uma loucura.
— Pensei, disse Henrique voltando os olhos para a sala, que havia no mundo um homem que se oppunha á minha dita... e que a mulher que eu adoro, obedecia á sua voz, e tremia de baixo de seus olhos!
Henrique encarou Marianna como querendo apanhar-lhe no rosto, no tremer convulsivo de um musculo, ou no espanto do olhar um segredo que ella guardasse; mas, apenas vio raiar nos labios da interessante viuva o mais feiticeiro dos sorrisos.
Com serenidade, sangue frio e graça respondeu Marianna em tom alegre:
— Quando eu dizia que era ainda uma loucura!...
— Uma loucura sómente?... uma chimera, e mais nada.
— Sim... sim; sómente uma loucura; mas uma doce loucura, que me agrada, porque a sua origem me é grata.
— Deos permitta que eu fosse realmente um louco!

Apezar da serenidade que afectava, a viuva sentia-se terrivelmente combatida interiormente pelas suspeitas de Henrique; a todo transe quiz saber até onde tinhão ellas chegado.
— Porém, disse ella; para que ficar assim apenas conhecido por metade o juizo que fez a meu respeito?... arrependo-me de o haver interrompido.
— Ao contrario, senhora, fez bem em dar apressada um copo d'água ao homem morto de sede; tanto mais que o meu juizo parou ahi... não pensei mais nada...
— Falta seriamente?, não procurou conhecer esse homem, que podia tanto em mim, nem descobrir a causa de sua admiravel influencia ?...
— Não passei além do que disse.
— Oh! exclamou Marianna, Deos permitta que os seus votos de amor sejam mais verdadeiros do que as suas ultimas palavras...
— Porque, minha senhora ?...
— Porque agora não disse averdade: o homem, do qual, quer fallar, está ali na sala... seus olhos o procurará, ainda ha pouco.
— E' verdade; murmurou Henrique.

Marianna córou, e disse com violência mal comprimida:
— E o senhor... o homem a quem eu distinguí com o meu amor, o senhor que é um homem nobre; porque se o não fôra, eu o não amára, abaixou-se até o ponto de tomar para seu rival um miserável que não tem espírito, nem beleza?... abaixou-me, dando-me por amante um moço sem merito, e que eu detesto!...
— E' possível!...
— Oh!... eu sei amar melhor do que sou amada!...

Henrique apertava com ardor uma das mãos de Marianna; cahiria a seus pés, se não podesse ser visto por tanta gente, que estava a alguns passos d'elles.
— Eu sei amar melhor, continuou a viúva: porque ao menos eu não rebaixaria o homem que amo, julgando-o capaz de esquecer-me por uma mulher que não se podesse comparar comigo!...
— Mas aquelle homem por toda a parte a segue... e eu... ah! senhora, eu já disse que sou um louco.

O rosto de Marianna tomou ainda uma nova expressão physionomica; radiou n'elle outra vez o prazer, e com accento gracioso respondeu:
— Quando eu digo que amo, que me é grata uma loucura assim!...
— Que contradicção, meu Deus!
— Que quer?!! a culpa não é minha; quando penso em levantar-me violenta e ressentida contra essa loucura, vem logo desarmar-me a imagem do louco!...
Henrique torceu as mãos apaixonadamente, e disse:
— Ah! senhora! eu quizera sentar-me em um throno para lhe dar metade d'elle... eu tremeria menos assim, porque o esplendor do meu diadema deslumbraria aquelas que ousassem erguer os olhos para aquella que se sentasse a meu lado!
— E eu, pelo contrário, respondeu a viuva com seu encantador sorriso, quizera vê-lo no fundo de um horrível abysmo para descer até lá, e ir viver debaixo de seus olhos; eu então não tremeria nunca... porque nenhuma mulher quereira descer como eu, e esquecer o mundo pelo abysmo.

O piano tocou nesse momento os primeiros compassos de uma valsa.
— Chamão-nos! disse Marianna.
— Sim... chamão-nos... mas com suas bellas palavras ficou esquecido o fim principal de nossa conversação! seria encantadora que o homem não deve ouvir para se não perder!...
— Ah! porém eu compreendi tudo.
— Tudo?... talvez; porém não respondeu nada.
— Eis a minha resposta; disse a viuva.
E oferecendo a Henrique sua mão direita, acrescentou, abaixando os olhos e com voz comovida:
— Eil-a aqui.
O mancebo apertou aquella mão delicada e bella com ardor e entusiasmo, e com os olhos humidos de lagrimas de prazer, disse:
— A'manhã virei pedil-a a seu pai!
— Venha... eu o espero: respondeu a viuva. Os dois entrarão na sala ebrios de alegria e de amor.

A musica viva e animadora de Straus tinha feito voltar á sala mais alguém, que d'ella estava ausente.

Pouco tempo depois que Celina havia subido para seu quarto, deu Mariquinhas por falta da amiga, e adivinhando onde a acharia, correu ao segundo andar.

Quando entrou no quarto da Bella Orphã não pôde reter um pequeno grito de susto:

Celina estava meio deitada em seu leito, e com o rosto coberto com um lenço chorava tristemente; seus cabellos se havião desatado, e caihão-lhe espalhados sobre o lindo collo.

Escutando o grito de Mariquinhas, tirou o lenço dos olhos, e sentando-se, perguntou agitada:

— Quem é?...

— Sou eu, D. Celina; disse Mariquinhas aproximando-se; sou eu, que te venho perguntar o que querem dizer essas lagrimas.

A Bella Orphã passou a mão pela fronte, e respondeu tristemente:

— Já te não disse, que não estava boa?... é a minha cabeça que sofre.

Mariquinhas olhou para a amiga por algum tempo, e depois tornou-lhe assim:

— Sou alegre, D. Celina, tu me chamas maliciosa. D. Felicia diz que eu sou ligeira, e que não tenho juizo; mas olha, o que eu sei, é que sou tua amiga.

— Eu te creio, D. Mariquinhas.
— Pois bem, sabe que compreendo alguma coisa de tua dor... não adivinho tudo, mas alguma coisa eu sei.
— Que queres dizer?
— Que não é a tua cabeça que está sofrendo
— Então o que?...
— É o teu coração:
— D. Mariquinhas!
— Basta: por agora nem mais uma palavra: deixe-me arranjar teus cabelos... teremos tempo para conversar qualquer d'estes dias.
— Mas eu...
— Silêncio: enxuga as tuas lagrimas: que precisão há de que saibam lá em baixo que tu choraste?... sabes?... perguntar-te-iam, ou quereriam adivinhar porque.
A Bella Orphã abaixou a cabeça, e Mariquinhas começou a endireitar-lhe o cabello.
— Quando acabava esse interessante trabalho, soarão em baixo os primeiros compassos da valsa.
— Ouves?... disse Mariquinhas.
— Sim; ouço.
— Pois vamos descer.
— Para que?...
— Para dansar.
— Eu não dansarei hoje.
— Oh! tornou Mariquinhas; mas é necessário dansar, é necessário rir, é necessário tingir; porque a moça que não finge, sofre muito n'este mundo que morde.
— Oh! que mundo!...
— Vamos.
— Espera: olha bem para mim: poderás
descobrir nos meus olhos que eu estive choro­
mando?...

Mariquinhas olhou de perto para Celina, foi
aproximando o rosto, deu-lhe um beijo, e
disse:
— Teus olhos brilham... as lagrimas estão no
coracao.

Descerão as duas amigas.
Quando, deixando a janella, em que havião
conversado, Marianna e Henrique tornavão á
sala, Celina e Mariquinhas aparecião também.
Erão dous amores que entravão ao mesmo
tempo: o primeiro trazia a esperança nos
olhos, e o segundo um tormento no coração.
III

Candido

Na noite dos annos da Bella Orphã, foi a velha Irias uma das primeiras pessoas que reparou na ausência de Candido.
Depois de esperar inutilmente vê-lo entrar de novo na sala, perguntou por elle, e soube com espanto que se havia retirado.
Receando que algum incommodo grande e imprevisto tivesse sobrevenido a seu filho adoptivo, despedio-se dos donos da casa, e deixando o Céo cór de rosa entrou no Purgatorio-trigueiro.
Subio ao velho sotão, a porta estava fechada: bateu em vão primeira, segunda e terceira vez.
Espantada d’aquelle silencio que no sotão reinava, desenhando-se em sua imaginação já um grande infortunio, Irias gritou com força:
— Candido! meu filho!... Candido!...

Ouvio então os passos de alguém que da porta se aproximava, e Candido respondeu:

— Ide socegar, senhora; não tenhais receio algum pelo meu estado... não estou doente.

A voz do mancebo tinha uma não sei que de assustador.

— Abre! disse a velha.

— A'manhã, senhora.

— Abre! eu quero que abras.

— Eu preciso de repouso.

— Abre!

— Perdoai-me... mas esta noite não posso obedecer-vos.

— Abre, Candido! exclamou a velha; abra em nome da mulher que te concebeu... abra em nome de tua mãi.

O mancebo pareceu hesitar ainda: mas logo depois deu volta á chave, e a porta abriu-se.

— Acertastes! disse elle; d'hoje ávante tudo por minha mãi... tudo... e só por ella.

Irias ficou extatica diante de Candido.

Não era mais aquelle moço pallido, melancholico, abatido e fraco: seus olhos brilhavão de ardentos, suas faces estavão rubras, seus labios às vezes convulsos, havia em todo seu semblante fogo e vivacidade; mas de sua fronte cahião gotas de suor, e em seu aspecto, e em seus modos notava-se a agitação, e esse excesso de vida que acompanha os febricitantes.

— Que é isto?... que tem?... bradou Irias agarrando-lhe no braço:

— Quereis dizer que nunca me vistes tão bello, não é assim, senhora?... respondeu o
mancebo com um rir convulsivo, que fez estremecer a velha.
— Candido !...
— Pois então ?... não é melhor assim ?... não estou mil vezes mais bello com este meu rosto enrubescido, com meus olhares flammejantes, com este ardor e este fogo, em vez de todo aquelle gêlo antigo ? oh ! applaudi-me !... batei palmas ?... eu triunpho !... sou feliz !...
Uma risada nervosa terminou a delirante exclamação de Candido.
A velha, que tinha entre as suas segura a mão do seu filho adoptivo, disse com força :
— Tu não estás bom... tens febre ; eu vou chamar um medico.
De um salto colocou-se o moço diante da porta, e respondeu.
— Aqui não entrará mais ninguem esta noite : para que um medico ?... o que é um medico ?... é o homem da vida ; é o homem que deve esforçar-se para prolongar o mais possivel a nossa existencia ; é o inimigo da morte ; pois então para longe !... a vida é somente uma longa cadeia de tormentos : suas duas unicas realidades a definem com um gemido ; porque o homem geme quando nasce, e geme quando morre ; portanto aquelle que tem por officio estender esse longo apparelho de torturas, é um tyranno. O medico é um homem mão... nada de medico !
— Meu filho !...
— Não! não! eu não sou vosso filho, sabeis ?... não quero que me chameis por esse nome... é um direito sagrado que usurpais ! devo-vos muito,
não é isso?... pois bem, tomai todo meu sangue... ou melhor, sêde a senhora de meus dias; trabalharei enquanto viver para vos sustentar; serei vosso escravo, e ainda assim morrerei confessando que vos fico devendo muito; mas ah! não me chameis vosso filho! d'hoje á-vante está isso decidido... não me chameis vosso filho!

A velha começou a chamar. Cândido, que passava a largos passos por toda a extensão de seu quarto, escutou enfim um soluço da pobre Irias; correu para ela, e achaou-a sentada em seu leito, desfazendo-se em lagrimas.

— Vós chorais?... perguntou elle; que querem dizer essas lagrimas?... não confessei já que vos devia tudo?...

— Oh! não! não! vós não me deveis nada, respondeu a misera velha.

A voz de Irias trazia o accento de tamanha dor, que abri o coração do mancebo a seus naturaes sentimentos: esquecendo de subito os tormentos que o faziam desarrazoar, cahio aos pés da velha, e de joelhos, abraçado com elles, exclamou:

— Perdão! mil vezes perdão, se vos offendi! amaldiçoada estesera a minha alma, fechadas lhe sejão as portas do céo, senhora, se uma só vez concebeu uma só idéia que podesse ser inspirada pela ingratidão a vossos benéficios. Vós tendes sido tudo para mim! ahi n'esses vossos peito eu bebi o leite da vida... foste quem ganhou o meu primeiro sorriso infantil! vós eréis pobre, não tinheis senão um pão, e me destes metade d'esse pão! e me destes vosso coração todo inteiro!... perdoai-me! perdoai-me!... que hoje
depois de tanto sofrer, seria demais para mim a convicção de ter movido vossas lagrimas! perdoai-me!...

A velha e o moço abraçarão-se apertadamente, misturando o pranto que derramavão ambos.

As lagrimas parecerão abrandar um pouco a excitação de Candido: elle ficou, durante algum tempo, silencioso e pensativo diante de Irias, que não pronunciava uma só palavra, medrosa talvez de vêr renovar-se o desespero de seu filho adoptivo.

Finalmente foi Candido quem rompeu o silencio, dizendo tristemente:
— Eu me lembro do que disse: pedi que não me chamasseis vosso filho...
— Não fallemos mais n'isso.
— Ao contrario, devemos falar; pois eu... eu que não quero deixar em vosso coração a mais leve duvida a respeito de meus sentimentos; pedi que me não chamasseis vosso filho... foi um desvario produzido por minha exaltação; eu vos offendi, porque não estava em mim; um remorso, que me tortura, fez-me delirar.
— Um remorso!...
— O remorso de uma grande falta que eu commetti, e da qual já comecei a receber o castigo.
— Como?... quando?... perguntou Irias.
— Desrespeitei um sentimento sagrado... quiz cultivar na minh'alma uma flor estranha ao pé de outra flor, que lá está plantada pela mão do Senhor Deus. Sabeis o que aconteceu?...
— O que?
— A flor estranha está murcha... está morta,
disse com voz tremula e dolorosa o mancebo; mas deixou para sempre na minha alma o germem de um tormento horrível... desesperado!

Os olhos e o rosto de Candido acendeu-se de novo: a velha começou a recear que sobre viesse algum acidente mais grave, e ia falar, quando o moço prosseguiu com voz cada vez mais repassada de dôr.

— Plantei em um vaso sagrado uma flor humana, quis equiparar um sentimento, que me veio do céo, com outro que achei na terra: o resultado é este: o vaso foi profanado... a flor humana feneceu... um remorso é o que me resta d'ella.

— Candido!

— Quereis dizer que não me tendes compranhendido?... eu vos explico tudo; metade da culpa pertence-vos também; mas mal não vos quero por isso. Ouvi-me.

A velha não achou uma só palavra para dizer a Candido, que continuou a falar.

— O amor dos pais vem do céo: é um sentimento tão grande, tão nobre, tão divino, que apesar de ser natural a todos os homens; de às vezes achar-se um bom filho em um mau cidadão; o Senhor Deus desceu do céo, misturou-se com os homens, e quiz que esse sentimento fosse d'elle também, fazendo-se filho de uma mulher.

O amor dos pais nos anima, nos consola, nos exalta, nos aproxima de Deus. Oh! eu nunca vi meus pais, e os amei com toda a força de minha alma: quando soube que no mundo só me restava mãe, concentrei todos os raios da minha faculdade de amar n'essa mulher, que eu
tenho criado na minha imaginação tão bella como um anjo. Oh! minha mãe!... eu não tinha pensamento que não fosse d'ella; todos os meus desejos, todos os meus sonhos de venturas relacionavão-se com ella: oh!... eu pensava ser, mas não era desgraçado! porque no meio de meus dissabores, de minhas tristes vigílias, de meus sofrimentos e de minhas privações, a imagem de minha mãe me aparecia bella... amante... carinhosa; e, contemplando essa imagem, eu esquecia todos os meus infortunios: eu era pobre no mundo, mas com o meu coração rico d'este amor, eu gozei muitas vezes delícias indizíveis; porque, quando eu me engolvia em bellas phantasias a respeito de minha mãe, quando me sentia redobrar de amor por ella, oh!... parecia-me ver lá de cima, do céo, o Senhor Deus sorrindo-se para mim, mandar-me um anjo murmurar-me aos ouvidos — abençoado!...

— Abençoado!... repetio a velha enxugando com a face dorsal da mão, duas grossas lagrimas que dos olhos lhe cahirão.

— Não é verdade que eu deveria contentar-me com esta suprema felicidade que gozava; felicidade que não ha ouro que a compre?...

— Oh! sim! sim?...

— Pois o coração do homem é uma fonte de insaciavel ambição; o homem é tão ambicioso de riquezas, de honras, e de empregos, como de affeixões: eu perdia-me, porque sou como todos os outros.

— Como? que queres tu dizer?...

Candido passou a mão pela fronte e prosseguiu:
— Da fresta d’aquella janella vi uma mulher de quem eu não podia ser filho, e que eu amei tanto quanto amava e amo a imagem de minha mãe!...

— Que importa?...

— Que importa!! pois não é um sacrilégio igualar o sentimento da terra com um sentimento que foi digno de Deos?!? oh !... pois não é uma ingratitude inqualificável amar a uma mulher, a quem nada devemos, que muitas vezes nos não paga o nosso amor, que outras vezes é mesmo indigna de ser amada: e amável tanto quanto amamos aquella que padeceu por nós horríveis trances, aquella, cujo sangue é o nosso sangue?! é sacrilégio, senhora, e é ingratitude. Eu fui sacrilégio e ingrato!

— Candido!...

— Esqueci tudo por uma criança de dezesseis annos, que ao romper de uma aurora descobri por entre as flores d’aquelle jardim: o momento que bastou para vê-la, começou a pesar em meu coração tanto quanto até então tinha pesado minha mãe. Esqueci minha pobreza, não me lembrei que ahi por esse mundo um pobre é um ente à parte, que não deve comer à mesa com os ricos, que não deve amar a quem tem mais do que elle... esqueci tudo... de minha mãe, comecei a lembrar-me menos; no altar da minha alma coloquei duas santas... e quando orava, já não orava só por minha mãe!... fiz mais: deixei o silencio de meu quarto, fui tomar parte nas festas de gente que não era pobre como eu; rirão-se talvez de mim mil vezes em cada noite!... eu diverti-os; cantei, para
que me tolerassem ali... curvei-me... abaixei-me... e nem assim me tolerarão.

— Candido!...

— A culpa foi também vossa, exclamou Candido; quem vos inspirou o fatal pensamento de ir patentear o estado do meu coração aquella criança?... porque vieste tirar d'aqui os versos que eu escrevia em minha loucura?... oh!... eis-aqui a vossa e minha obra!... sabeis como elas me tratáram?... não sabeis?... tiverão piedade de mim: despedirão-me, e não me mandarão correr pelos escravos: oh! forão piedosos! respeitarão a linha com que, em seus tratos e modos, distinguem um pobre de um cão!...

— Candido!... é possível o que estais dizendo?

— Pensais que eu me lastimo?... continuou o mancebo; pois já não confesssei que era um castigo? julgais que me resta algum ressentimento?... não: é um remorso o que me resta!

— Oh! não é isso, exclamou Irias; não é isso o que te quero perguntar: o que eu desejo é saber se tu zombas, se estais em ti, se não inventas?...

O mancebo rio-se com um rir terrível.

— Elles despedirão-te?...

— Como a um pobre se despede.

— Elles?... ella?!!

— Porque vos admirais?...

— Ella te ama.

Candido tornou a rir-se mais terrivelmente ainda do que ha pouco.

— Ella te ama! repetio com accento de profunda convicção a velha Irias.

— Não! bradou o moço; não, e não! se é
uma consolação que pretendeis derramar na minha alma, minha alma rejeita uma consolação em que não pôde acreditar.

— E’ uma verdade, o que eu digo... uma verdade que o futuro te ha de demonstrar.

— Então vós vos enganais, senhora; estais ainda menos adiantada que eu no conhecimento d’este mundo, onde tendes vivido três vezes mais do que o desgraçado que adoptastes.

A velha fez com a cabeça um movimento de impaciência, e ia falar.

— O que é, continuou Candido sem querer ouvir Irias, o que é, que vos prova o amor d’essa moça?... o que?... não ordenar que me lançassem fóra de sua casa no momento mesmo em que tivestes a imprudencia de hedeclarar o meu amor?... soffrer que eu para ella algumas vezes olhasse, e algumas vezes também ter olhado para mim?... engano e illusão, senhora?... essa mulher é como as outras: a mulher se apraz de merecer o amor, a admiração da criança, do moço e do velho; todos elles incensão o amor proprio, a vaidade mesmo, que é a corda mais vibrante do coração da mulher! amai-me! admira-me! diz ella; porém pagar esse sentimento que querem inspirar com outro sentimento igual, é mui diverso do que isso: quem confunde amor com vaidade dirá tambem, como vós dizes, que eu fui amado pela neta de Anacleto.

— Então esse amor entra por ventura na ordem dos impossíveis?...

— Dos impossíveis absolutos não; porém no pé em que se acha a sociedade, entra na ordem dos impossíveis moraes.
— Como?... meu querido Cândido, que te falta para ser amado?...

— Falta-me aquillo que é hoje no mundo a primeira das virtudes; a virtude que encanta homens e mulheres; que abre-nos a porta dos empregos e das honras; que abre-nos corações ao amor... falta-me a virtude a quem se está rendendo um culto idolatra; falta-me a riqueza.

— Oh!...

— Pois então?... aquella mulher não tem olhos para ver que eu sou pobre, e vendo-o, não tem inteligência para compreender que amar um pobre é uma loucura?... ella fez o que devia.

— Desvairas...

— Não; estou calmo: fallo com a frieza da razão: a mulher é vaidosa sempre, quer ser amada, admirada por sua belleza e por seus vestidos: quer para seu marido um homem em alta posição para elevar-se ella também; quer estar de alto, coberta de sedas e de brilhantes, deslumbrando os homens, e sendo invejada pelas outras mulheres: no casamento, isto é tudo, e o amor é quasi nada: e a mulher, que isto consegue, lá vai... incensada... feliz... deslumbradora... invejada... ainda que seu marido seja um ente abjecto e estúpido; que abjecto!... que estúpido!... não ha abjecção, nem estupidez onde ha riqueza: os altos funcionários, que nunca estão em casa para receber o artista de mérito, o velho soldado, e o honrado servidor do paiz, o estão sempre para ir ajudar a descer da carruagem o millionario analphabeto. Que querieis que fizesse a mulher?..., esqueceu a missão do céo; ornou-se com os prejuízos e as douradas vilezas...
— Isso não é falso; mas é exagerado, respondeu tristemente a velha Irias.

— Oh! não... é a propria verdade, e mal pintada ainda; pergunta a todos os que sofrem, pergunta a vós mesma: a sociedade não tem pejo!... hoje despreza um moço humilde, sem educação, que vive em miséria, e que para viver se sujeita a trabalhar como um escravo, e que por isso mesmo é indignamente ridicularizado; bem... amanhã esse moço, que compreendeu a época em que nasceu, exerçou... descobriu um meio que lhe oferece inmensos... incalculáveis lucros; mas esse meio, sim, é que é desonesto; é que desdoura, é que rebaixa o homem diante da moral e da propria consciência... que importa?... o moço aproveitou-o... foi feliz: e depois d'amanhã, senhora, quando o moço sahe no seu bello carro, os grandes da terra, os nobres, os ministros e todos em sim o saúdo respeitosos, e vão depois festejal-o... curvar-se diante d'elle!... isto é mentira ou verdade?...

A velha guardou silencio.

— Não se zomba senão do pobre; não se ridiculariza senão a elle: dizei, porque é que sois o alvo de uma zombaria desprezível?... porque foi que vos lançarão uma alcunha insultuosa?... porque é que quando passais, a gente que vos vê se sorri, e vos maltrata, lançando sobre vós um epitheto afrontoso?...

— Porque eu sou uma triste mulher velha; respondeu Irias.

— Não, senhora; é sómente porque vós sois uma triste mulher pobre.
— Embora... embora; isso porém não me tira do meu pensar: a Bella Orfã te ama.
— Pois bem, ficai-vos com o vosso pensar.
— E eu hei de provar-te que tu te enganas com ella; e serás tu o primeiro que me virás confessar a injustiça que lhe estás fazendo.
— Será difícil.
— Frequentam mais assiduidade o Nócor de rosa...

Cândido, que já se achava mais socegado, tornou-se de novo rubro de despeito e vergonha.
— Eu não irei lá mais nunca!... exclamou.
— Mais nunca?...
— E se lá tornasse merecia que me lançassem longe da porta como a um cão.
— Cândido!...
— Eu não irei lá mais nunca! repetio com vehemência o mancebo.

E estava cumprindo á risca o seu proposito; dous serões havião já tido lugar depois da noite dos annos de Celina, e Cândido tinha saltado a ambos.

No começo da noite, que se seguio á do segundo serão, achava-se Cândido descansando no sotão do Purgatorio-trigueiro, quando a velha escrava de Irías lhe annunciou o Sr. Anacleto.
IV

A moça e o velho

O viver da Bella Orphã estava sofrendo notáveis modificações.

Desde que Candido deixara de aparecer no Céu côr de rosa, tornou-se mais constante e profundamente a melancolia da moça.

De ordinario escondida no seu quarto, Celina comparava seus curtos dias de um amor nascendo, com aquelles que estava passando de anciadade e de duvida, e consequentemente misturava saudades com lagrimas.

Os pezares d'esta ordem são mil vezes mais fortes e crueis na mulher, do que no homem: porque a sociedade impõe á mulher o dever de calar, e o homem pode sem córar desabafar-se contando-os, derramando-os n'alma de um amigo: ella portanto concentra a sua dôr, re-
olve-se n'ella, devora-a em silencio, o que dôe mais certamente.

Succedia isso a Celina: apezar da amizade com que sua tia a tratava, não podia a moça esquecer-se da diferença da idade que havia entre ella e Marianna, e por isso, ainda quando pretendesse confiar a alguém os seus pezarés, não se animaria nunca a escolher a viuva para confidente.

Em resultado a Bella Orphã fugia de tudo, e de todos para viver com seu segredo, para pensar sómente n'esse amor que tão sem sentir lhenascêra no peito.

Todos os seus antigos e mais preferidos entretenimentos estavão esquecidos: o piano não mais se abria, as musicas descansavão, os livros tinhão sido aborrecidos; porque também às vezes a pobrezinha, pretendendo vencer-se, tomava um romance, lia uma pagina inteira, e no fim d'ella, conhecia que lhe era preciso lêr outra vez, porque sua atenção se distrahira: mas a leitura se repetia uma e dez vezes e o resultado era sempre o mesmo: ella lia apenas com os olhos... com o pensamento não podia.

Era melhor não lêr.

Um unico de seus antigos costumes conservou intacto: ao romper da aurora ia sempre ao seu jardimzinho colher um botão de rosa... quem sabe se elle a observava occulto atrás da janella?

Era sempre uma esperança... a de ser vista assim tão abatida e tão triste.

Até o velho Rodrigues perdera com as mudanças do viver da Bella Orphã: as séstas não se renovarão mais: e elle nem ouvia a doce voz
de Celina, nem podia, acompanhado por ella, entoar suas balladas e antigos romances.

Foi indo assim a moça, admirada de que ninguém, nem seu avô, nem seu tia, dissesse uma só palavra notando a ausência de Candido, até que chegou a noite do segundo serão, depois da de seus annos.

O moço do Purgatorio-trigueiro faltou a esse, como tinha faltado ao primeiro.

A afflicção da Bella Orphã subio de ponto: ella conheceu que já tinha tantos pezares no coração, que poucas erão as lagrimas que derramava em segredo, para esvasial-o; conheceu, que lhe era absolutamente preciso, para ser consolada, fallar a preço mesmo do que soffreria seu pudor de virgem.

Lembrou-se de uma sua amiga.

No fim do serão chamou Mariquinhas de parte, e disse-lhe:

— D. Mariquinhas, no ultimo serão vossê me havia dito que teriamos tempo de conversar sobre alguma cousa, em qualquer dos dias que se seguissem...

— Ah! é verdade: respondeu a amiga.

— Então?

— Eu pedirei a meu pai que me deixe vir passar um dia contigo, D. Celina.

— Olha, depois d’ámanhã é domingo.

— Pois sim.

— Queres que eu peça a teu pai?

— Não... elle me estima muito para me negar esse prazer.

— Então eu te espero...

— Depois d’ámanhã.
As duas amigas separarão-se.

No dia seguinte, e na hora em que a Bella Orphã tinha por costume ir cantar, e ouvir o velho Rodrigues, estava Celina encerrada em seu quarto e toda entregue a suas meditações.

— E' me preciso falar, pensava ella: não se pode viver assim em silêncio com a alma cheia de angustias, e condemnada a não soltar um só gemido. Os homens tem o direito de chorar bem alto!... quando se diz o que se está padecendo, parece que o mal abrandar um pouco...

Ella pensou alguns instantes, e proseguiu:

— Seguramente aquelles que escrevem, os poetas em primeiro lugar, devem achar bastante consolação escrevendo: esses sim, não tem necessidade de um seio, onde depositem os seus pensamentos, seus segredos, e suas dores: elles tem uma amiga fiel e mais condescendente que nenhuma outra na sua penna; quando soffrem, escrevem, dizem o que tem no coração; exaltão-se, eternisão suas penas, suas desgraças, e n'essa mesma eternidade achã um grandelenitivo para sua dôr. Um poeta!... se elle ama, elle o diz nos seus livros, faz do que se passa em sua alma um romance; está dizendo que ama, e a quem ama á face do mundo inteiro, e ninguém compreende o bello segredo que está derramado em todas as paginas de seu livro, senão a pessoa que elle quer que compreenda!... oh!... se eu fora poetisa!!!!

E proseguiu ainda:

— Um poeta!!! um homem excepcional... o genio tem por força em alguma cousa de divino: assim como o Oceano é no universo o que pode-
ria dar a ideia do infinito, se a ideia do infinito se podesse dar; o poeta arremedaria o poder da divindade, se esse poder chegasse a ser arremedado: porque o poeta cria também o seu mundo, o seu universo; levanta palácios, e abre cavernas; desprende as tempestades, e faz bellas auroras... oh!... que riqueza ha ahi tão rica como a imaginação de um poeta!... oh! se eu fosse poetisa!...

Respirou alguns instantes, e continuou:
— Se eu fosse poetisa... não precisava tanto; se eu podesse ao menos escrever algumas paginas, que eu mesma não me fatigasse, lendo-as, ao chegar ao fim da primeira... oh!... que felicidade!... eu havia de pintar o estado do meu coração... exalar meus tormentos e minhas saudades nas paginas do meu livro... escreveria com lagrimas; porém depois, que consolação!... eu beijaria minh'alma nas minhas letras, beijaria meus olhos nas minhas lagrimas...

Celina hesitou um momento, e depois disse:
— Quem sabe?...

Ficou pensado ainda:
— Não... não... eu não escreveria nada, que merecesse ser lido... iria descorar o quadro, que existe traçado no meu pensamento... mas em summa, ninguem havia de ler, o que eu escrevesse... era um livro, que depois de acabado, eu lançaria no fogo... oh!... se eu podesse escrever...

Ella tornou a hesitar, e depois disse como da primeira vez:
— Quem sabe?!!

A moça pensou ainda... parecia lutar entre
um grande, um nobre desejo, e um receio, que, apezar de pueril, podia muito no seu ânimo: enfim o nobre desejo triumphou.

A Bella Orphã ergueu-se do leito, onde estava recostada, foi primeiro observar se sua tia estava no visinho quarto... Marianna dormia.

Tomou então todas as disposições para escrever, e sentando-se junto de uma mesa, começou a trabalhar.

O fruto das inspirações d’aquella virgem de dezesseis annos devia ser cheio de pensamentos inocentes e puros: era talvez como uma flôr, que derrama na solidão perfumes agradáveis e leves.

Ao terminar a primeira pagina, a Bella Orphã parou de repente ouvindo a voz do velho Rodrigues.

O guarda-portão do Céo côr de rosa cantava, sem duvida no fundo do alpendre, um romance já conhecido de Celina.

“Era um dia um mancebo qu’ardente
Pobre vida esquecido vivia,
“E uma virgem formosa, inocente,
“Qu’outra igual não se vio, não se via.
Quem separa o ardor da beleza?...
“Um abysmo fatal: — a pobreza.

O velho Rodrigues parou no fim do primeira estrophe do romance.

Celina, que havia interrompido o seu bello trabalho para ouvir a voz do guarda-portão esperou de balde, que elle proseguisse, durante algum tempo.

Suppondo enfim, que o velho Rodrigues não
proseguiria em seu canto, tomou outra vez a pena, quando a voz de novo se fez ouvir:

« O mancebo a donzella adorava?...
« Quem o sabe?... ninguém d'elle ouvio.
« Em seu peito esse amor sepultava,
« Se o amor em seu peito nutrio,
« E se amava, era triste esse amar ;
« Era um mudo e terrível penar.

O canto, como antes succedêra, parou no fim da estrophe.
— Que quererá isto dizer? perguntou a si mesma a Bella Orphã; porque é que o velho Rodrigues canta e se suspende no fim de cada estrophe?... esta é a hora em que mutuamente nos fazíamos ouvir: quererá elle assim lembrar-me, o que tenho esquecido?... mas porque escolheu para chamar-me, o romance que exprime um segredo do meu coração?...

A voz fez-se ouvir pela terceira vez: Celina ergueu-se meio agitada.

O guarda-portão do Céo côr de rosa proseguindo no seu canto, saltou pela terceira estrophe do romance, e cantava a quarta:

« O que é feito da virgem, do pobre?...
» Quando o dia voltar t'o direi;
Negro manto da noite nos cobre:
« Ella dorme... mas elle... não sei.
E' na terra das trevas o véo ;
« Vagão sonhos... mysterios do céo.

A voz parou como até então fizera, e a Bella Orphã, guardando apressadamente os seus papeis, sahio do quarto, desceu a escada, e entrou na sala.

Não havia ninguem ahi.
Celina sentou-se ao piano, e começou a tocar uma música terna e melancólica.

O velho Rodrigues apareceu à porta da sala, e aproximou-se com seu andar vagaroso.

— Tinha-se esquecido de mim, senhora, disse-elle.

A moça abaixou a cabeça, e respondeu:

— Tenho passado mal.

— Está doente?...

— Não estou boa.

— Acha-se hoje melhor?

— Não.

— Talvez que nesse caso possa a música incomodar a.

— Ao contrário.

— Quer cantar?...

— Não; quero ouvir.

— Escolha o que quiser, senhora.

— A moça hesitou; mas emfim respondeu com a cabeça baixa:

— O mesmo romance que estava cantando há pouco.

O velho Rodrigues começou de novo a cantar o «Sonho da virgem».

Quando o canto terminou, a Bella Orfã deixou cair a cabeça, e ficou pensativa.

Depois de algum tempo de silêncio, o velho perguntou:

— Porque está triste assim?

— Não sei; respondeu a moça.

— Faz-lhe mal ouvir este romance?

— Não; faz-me bem.

— Mas essa tristeza deve ter forçosamente uma causa?... qual é ella?...
— Eu não sei; tornou a moça enxugando uma lagrima.

O velho fingio não vêr essa lagrima, e proseguio dizendo:
— Parece que a melancolia é a molestia reinante da quadra actual.
— Porque?...
— Tenho um bom amigo padecendo do mesmo mal.

A moça não disse nada.
— Um bom amigo, que a senhora também conhece.
— Quem é elle?
— O Sr. Candido.

Celina olhou espantada para o guarda-portão, mas para logo abaixou os olhos rubra de pejo.
O velho deixou que a Bella Orphá serenasse, e depois continuou:
— E' um bom moço aquelle Sr. Candido.

A moça não respondeu.
— Não pensa como eu? perguntou o velho.
— Penso: murmurou Celina.
— Pois o infeliz moço anda agora bem triste; e desgraçadamente com razão.

A Bella Orphá fez um leve movimento.
— Incommodo-a, senhora?
— Não.
— Dizia pois que o Sr. Candido tinha bastante razão para andar triste... offendêrão-o gravemente...
— Sinto isso; balbuciou a moça.
— E ha de sentir mais, quando souber que se servirão do seu nome para offendêl-o...
— Do meu nome?... disse a moça estreme-
cedo, e levantando ao mesmo tempo a cabeça.
— Do seu nome: repeto o velho.
— E como? e porque? eu não sei, eu não suspeito cousa alguma...
— Estou certo d’isso, senhora; mas o facto é grave, e eu não sei se commetto uma imprudência fallando-lhe d’esse assumpto.
— Não, não, falle; eu lhe peço que falle.
— Pois bem, eis aqui o que se passou: o Sr. Candido foi política, mas formalmente despedido d’esta casa.
— Quando?... exclamou com traidora com- moção a Bella Orphã.
— Na noite de seus annos.
— E porque?
— Por sua causa.
— Por minha causa?... meu Deos!... disse a moça com lagrimas nos olhos.
— Sim, minha senhora: sua tia teve com o Sr. Candido uma entrevista no jardim: quer saber o que ella disse? que n’esta sala zombava-se da senhora, dizendo-se que a senhora e o pobre mancebo se amavão...
— E’ falso!... isso não é verdade.
— E que em consequencia d’essas zombarias fôra a senhora queixar-se a ella de que seu nome estava exposto ás calumnias e á maledi- cencia por causa do Sr. Candido.
— Meu Deos! Meu Deos!...
— Que a senhora fizera notar que esse man- cebo, apezar de suas boas qualidades, não estava pelo estado da pobreza em que se acha, na posi- ção de pretendê-l-a.
— Oh! mas eu não disse nada.
— E finalmente, senhora, sua tia fez compreender ao pobre moço qua a presença d’elé no Céo cér de rosa tornava-se incommoda e prejudicial á senhora.
— E elle?... perguntou Celina.
— Retirou-se, e não voltará mais nunca ao Céo cér de rosa.
— Acreditou em tudo?!!
— Como não acreditar, senhora?!...
— Oh! e me detesta!... e julga mal de mim!...
— Não! não; elle ainda não soltou uma só queixa.
— E como sabe o senhor de tudo isto?...
— Eu estava no jardim, ou perto d’elle: estava em um logar onde podia e pude observar quanto se passou.
— Oh! e então porque não jurou, porque não disse a esse mancebo que era falso tudo isso que avançarão contra mim?...
— Eu lh’o disse, senhora.
— E elle?
— Não quiz crér-me.
— Sim! sim! e tinha razão; exclamou por entre lagrimas a Bella Orphã; tinha muita ra­zão!.. quem poderia suspeitar que minha tia levantasse contra mim uma tão grande calum­nia?! que quer dizer isto, meu Deos?!... que mal tenho eu feito?... que significa está intriga!... oh! e que juizo estará fazendo de mim esse nobre moço? como não terá elle amaldiçoado a hora em que pela primeira vez me vio?!!
— Não, tornou o velho; elle não ha de amal­diçoal-a nunca.
— Minha cabeça arde, disse a moça sem atender ao guarda-portão: eu me perco... eu não sei o que faça; mas é terrível que eu deixe assim vingar uma intriga... uma calúnia que me desdoira!... não, não é possível.

E voltando-se para o velho tomou-lhe uma das mãos, e apertando-a proseguio:

— Sr. Rodrigues, eu devo-lhe amizade; sei que me estima; não consinta pois que tão injustamente estejão talvez praguejando contra mim: eu sou uma pobre criança... devo fazer loucuras... mas nunca me lembrei de dizer o que dissera que eu disse: vá, escute; se não julga haver n’isso inconveniente, vá ter com esse moço, e diga-lhe da minha parte...

A virgem parou subitamente... cobriu-se-lhe o rosto de uma cor rubra, e ella estremeceu...

— Dizer-lhe o que?... perguntou o velho.
— Nada: não lhe diga nada; tornou a Bella Orphã com tristeza profunda.

O guarda-portão ficou olhando admirado para Celina.

— Desculpe-me, disse depois a moça: uma calúnia deve ter bastante força para exaltar sua vítima, como eu ha pouco me exaltei.
— E aquelle pobre moço?...
— Saberá um dia a verdade: no entanto não posso esquecer-me do que devo á minha educação: uma cousa só tenho direito de fazer...
— O que?...
— Queixar-me-hei a meu avô, mesmo na presença de minha tia.

O rosto de Celina tinha tomado um tal aspecto...
de nobreza, sua voz um timbre tão forte, o seu olhar tanto fogo, que o velho Rodrigues esteve durante muito tempo olhando para ella sem dizer palavra.

— Perdôe-me, senhora, disse elle emfim; mas eu creio que não vai bem pelo caminho que pretende seguir.

— Porque ?... perguntou ella com voz firme.
— Porque, se ha intriga como suppõe, é um erro expôr-se a ella com essa franqueza que a caracteriza : os que intrigão trabalhão sob o manto da noite, e para triumphar d’elles não basta a innocencia, é necessaria tambem a prudencia. Senhora, não diga cousa alguma a seu avô, nem se atraição diante de sua tia.

— Que devo pois fazer ?... perguntou a moça olhando admirada para o velho.
— Guardar silencio, respondeu este.
— Silencio ?... e até quando ?...
— Eu lh’o direi. No entanto anime-se com a certeza de que tem amigos que velão por elle... pela senhora...

E o velho accrescentou com voz insinuante :
— E que velão sobretudo pelo seu amor.
— Senhor...
— E’ inutil fingir comigo... eu sei tudo.

A moça cobriu o rosto com as mãos, envergonhada e sentida.

E o velho deixou a sala, cantarolando por entre os dentes o romance da — Virgem :

« Era um dia um mancebo, que ardente...
A subita e imprevista retirada de Candido n’aquella fatal noite de annos, tinha sido um novo golpe para o coração do velho pai de Marianna.

Anacleto vira sahir da sala sua filha pelo braço do mancebo, apanhara um raio de colera dardejado contra ambos pelos olhos de Salustiano, e combinando estas observações com o desapparecimento de Candido, parecia-lhe, que sua filha, cedendo á inexplicavel influencia d’aquelle, tinha uma parte qualquer no triste acontecimento.

-Muito occupado com os desgostos e temores que lhe causava Marianna, deixou passar a noite e os dous dias que lhe seguirão, sem desafiar explicao alguma.

Depois do primeiro serão, que teve lugar, pas-
sada a noite de annos, um novo pensamento encheu a alma d’aquelle bom pai, que não tevi mais tempo de lembrar-se de Candido.

Henrique viera pedir-lhe formalmente a mão de Marianna: o casamento ficará ajustado, e com geral assentimento determinou-se que se effecxuaria antes de um mez.

Na noite do seguinte serão Anacleto apresentou os noivos a seus amigos; e então lembrou-se outra vez, que faltava na sala alguém a quem votava estima leal e bem merecida.

No outro dia chamou Marianna a seu quarto, e interrogou-a sériamente sobre a ausência de Candido.

A viuva contava que mais cedo ou mais tarde se trataria d’isso no Céo cór de rosa, e tinha-se preparado para não atraícoar-se deixando entrever a verdade.

Respondeu a seu pai com segurança e calma; ella não sabia nada que possesse ter relação com esse facto; sentia mesmo muito que um moço tão recomendável assim se tivesse retirado do Céo cór de rosa.

O olhar penetrante e desconfiado do velho esteve, durante toda a conferencia, constantemente fito no rosto de Marianna, e não pôde apanhar o mais leve indicio de fingimento: a verdade estava fechada no coração da viuva com uma porta de ferro.

— Estou determinado a ir ao Purgatorio-trigueiro; disse Anacleto olhando sempre fixamente para sua filha.

— Creio que é o melhor passo a dar, respondeu ella sem hesitar.
— Devo pedir uma explicação a esse moço.
— Sem dúvida, tornou a viuva; ninguém melhor do que elle pôde esclarecer este mistério.
— Suppôes que me cumpre esperar ainda alguns dias?... perguntou o velho observando.
— Ao contrário, disse Marianna, penso que meu pai deve ir fallar-lhe hoje mesmo.
— Bem... irei esta noite.
A filha de Anacleto apreciava com justiça o carácter de Cândido para temer que elle declarasse o que havia ocorrido; e sobretudo jogava ainda com a probabilidade do silencio do mancebo, porque, quando mesmo fallasse, elle contava com o extremoso amor de seu pai para ser perdoada.
Ao começar da noite Anacleto dirigio-se ao Purgatório-trigueiro.
Começou por conversar com a velha Irias, a quem pedio explicações a respeito da ausencia de seu filho adoptivo.
A resposta da velha Iria foi uma e unica:
— Elle está lá em cima, e melhor do que eu poderá dizer se teve razões para retirar-se.
Anacleto fez-se anunciar a Cândido.
Quando o moço vinha descendo a escada, Anacleto começou a subil-a dizendo:
— Sou semceremonia, meu caro, e quero antes ir conversar lá em cima.
O velho e o mancebo achárão-se a sós defronte um do outro.
— Adevinha certamente o motivo que me traz aqui?... perguntou Anacleto.
Cândido não sabia fingir, e respondeu:
— Talvez.
— Pois então... ia dizendo o velho.
— Mas, é melhor que o exponha o senhor, interrompeu o mancebo; é possível também que eu esteja enganado, e que nossos pensamentos que supomos reunidos em uma só ideia, se achem pelo contrário bem afastados um do outro.
— Não; não estão.
— Emfim, sou eu quem deverá ouvir as causas de uma visita que, em todo o caso, muito me li-songeia.
— Meu caro, disse Anacleto, eu ponho as formalidades e as etiquetas para o lado, quando converso com aquelles de quem sou amigo; e nós somos.
Cândido abaixou a cabeça em signal de agra-decimento.
— Ou pelo menos, tornou o velho, eu o sou seu.
O moço tornou a repetir com a cabeça o mesmo signal de ha pouco.
— Deixemo-nos pois de longos rodeios, e vamos já ferir de face a questão. O senhor retirou-se de minha casa do um modo singular: de duas uma, ou alguém lá o offendeu, ou o sen-hor nos offende; e, em todo caso uma explica-ção se faz necessaria.
Cândido empallideceu a proprio pezar, e ficou pensando.
— Estuda para responder? perguntou o velho.
Com um sorriso fraco e triste respondeu o mancebo.
— Agradeço-lhe, senhor, a delicadeza com que me trata, e o interesse que eu não mereço; mas que, apesar d’isso, mostra por mim.

— Não se trata de agradecimentos, nem de delicadezas, é nem de interesses: o caso é simples, meu caro; alguém o ofendeu em minha casa?...

— Ninguem: disse o mancebo, rindo-se amargamente como ha pouco.

— Então como devo eu explicar o que ocorreu, e está ainda ocorrendo?...

— Explique como quizer, senhor; explique pela minha má cabeça.

— Como é isso?...

Cándido pensou alguns instantes, e começou depois a falar.

— Eu errei em não ter agradecido, em não haver fugido de aceitar o oferecimento que V. S. me fez da sua casa...

— Que!...

— Ah! senhor! eu direi tudo: invejar a ventura dos outros é um crime; mas forçar um infeliz a ter diante dos olhos e constantemente o quadro da felicidade alheia, é quasi rir de seus tormentos!

— Então...

— Sua casa é um céo de prazeres e... de virtudes; estar porém ali um desgraçado que não pôdefruir esses prazeres, e, que, se acaso tem uma ou outra virtude não a pôde mostrar para ser por ella estimado, é o martírio de Tantalo... a causa creio que foi essa; eu me retirei por isso.

— Sr. Cândido, ha nas suas palavras alguma
cousa que se parece com a ironia: e ha no seu coração algum sentimento que quer sahir e não pôde, porque o senhor impede.

— Não... não... tudo se diz em uma palavra eu sou infeliz, e tenho consciência de o ser; além da realidade de meu infortúnio, senhor, a natureza deu-me ambições, deu-me desejos que não posso realizar, e que por consequência me atormentão.

— Devo fallar-lhe com franqueza, Sr. Candido: entendo que a sua posição na sociedade não é a melhor possível; que seus merecimentos lhe marcavão um logar mais alto n’ella: compre-hendo mesmo que um moço pobre, que vê o mundo cheio de gozos e delicias que não lhe é dado gozar, tem até certo ponto razão para entrister-se durante algumas horas; olhe porém à roda de si, Sr. Candido; que numero immense de homens não está ahi diante de seus olhos com mil vezes mais razão para lastimar-se?... quantos tiverão como o senhor a felicidade de receber uma educação proveitosa e acurada?... já não é alguma cousa a superioridade da luz do seu espírito?...

O moço sacudio a cabeça, e disse:

— Já confessei que sou ambicioso: e demais a educação agiganta as privações: o mendigo contenta-se com um pedaço de pão velho para comer, e com um capote feito em pedaços; e com a porta de uma igreja para dormir; mas o mendigo não sonha com a felicidade como sonha o moço que estudou, e que tem imaginação e ardor. Não é ouro o que eu desejo, senhor... a riqueza que eu peço a Deos não é de metal, nem
de bilhetes do banco; a minha riqueza é a do coração: se muitas vezes fallo com amargor do poder do dinheiro, é porque me revolto contra a prepotência dos ricos; é porque me revolto quando vejo a cima do talento, da honra e do mérito o ouro! mas não é o ouro o que eu ambiçiono:

— Não o comprehendo, disse Anacleto.

— O que me acanha, o que me obumba, o que me faz nascer desejos de fugir para essas florestas virgens de minha patria, é a pobreza de affeições em que vivo: ah! Sr. Anacleto!... eu sou o último, o mais miseravel mendigo dos melhores amores?...

— Que quer dizer?

— Pois então? como é que um homem como eu não ha de sentir apertar-se-lhe terrivelmente o coração, quando, comparando-se com os outros homens, se acha o somenos de todos elles?... pois não ha de doer-me o aspecto da felicidade de uma familia, comparado com o meu isolamento?... Em sua casa, em toda a parte onde ha homens e mulheres, eu vejo um moço brilhante de mocidade, de talento, de ardor e de ventura; pensa que é isso o que eu invejo?... não; também sou moço, tenho tambem alguma intelligencia, e também fogo no coração: o que eu invejo é o olhar de genio bemfeitor, é o olhar de benção, senhor, com que um velho pai se revive n'aquelle moço; é o carinho, o doçura angelica com que uma terna mãi o festeja; é a doce amizade com que uma boa irmã o abraça; e então, senhor, quando eu penso que nunca cheguei a gozar, nem gozarei
um olhar assim de um bom pai, nem um carincho de mãe, nem uma meiguice de irmã, não é verdade que tenho bastante razão para considerar-me desgraçado?... não é verdade o que eu digo? não sou eu o último, o mais miserável mendigo dos melhores amores?...

— E o remédio agora, meu pobre Candido?!! disse Anacleto meio commovido.

— Remédio para curar radicalmente a minha dor não ha nenhum; para minoral-a é a solidão, é o retiro: aqui, senhor, no fundo, d'este quarto eu não vejo essa scenas de felicidade domestica, não tenho ao vivo diante dos olhos o quadro d'aquillo que em vão desexo: ficarei pois aqui, senhor, enquanto esta boa velha carece de meu braço: deste o momento porém em que ella fechar os olhos, o meu destino é outro.

O moço respirou, e proseguio:

— Não conheci meus pais; minha mãe é a natureza; pois bem irei viver onde a natureza é mais bella, irei adoral-a nos seus mais vivos encantos: aborresco a sociedade dos homens; o campo... o valle... a montanha... os precipicios... a floresta virgem... o rio caudaloso é um espectaculo bem bello!... ah ! sim! o campo... o valle... os precipicios... a floresta virgem... e o rio caudaloso são meus irmãos; tem como eu por mãe somente a natureza.

Cândido tinha-se exaltado muito, que Anacleto deixou-o socegar para continuar a conversação que havia encetado.

— Tem ainda muito fogo, Sr. Candido, disse o velho; é muito moço, e sua imaginação avulta os seus pezares: respeito-os porque são
de nobre origem; mas tenho o direito dos annos para dizer-lhe que peccão por excessivos.
— Embora...
— Procurar ser feliz é ao mesmo tempo um dever do homem.
— Quando ha esperança.
— E quem a não tem?... quando foi que ella nos abandonou?... eis-me aqui velho e cansado... eis-me aqui á borda do tumulo com os olhos fitos em Deos, e uma esperança no coração.

O mancebo olhou para o velho.
— Sim! não se admire: uma grande esperança, e depois d'esta virão ainda outras: uma grande esperança, a de vêr feliz minha filha.
— Sua filha!!! repetio Candido.
— E então não é uma nobre esperança?
— Bem doce!!
— E quem lhe diz que não terá ainda uma igual?...
— Eu não: eu hei de completar o meu destino: fui arrojado do mundo com desprezo... quando abri os olhos, abri-os entre os estranhos... não conheço os meus; eu sou — só; — compreenda bem esta palavra, Sr. Anacleto; é uma palavra, um nome de duas letras que revela toda a minha historia, o meu passado, o meu presente, e o meu futuro — só! — completarei a minha sina: farei a viagem do mundo sem um companheiro do meu sangue — só!... sempre só!...

E como se essa palavra tivesse realmente a significação que lhe elle dava, como se ella fosse a sua divisa, Candido ainda uma vez repetio
com voz sonora e profundamente melancólica:
— Só! — sempre só!

Mostrou-se Anacleto impaciente; e, depois de coçar a cabeça por vezes, tornou:
— Não temos feito nada, meu caro: vim aqui saber a razão porque deixou de ir à minha casa de um modo tão singular; e já temo bem retirar-me sem levar explicaçao alguma.
— Por ventura não tenho eu dito bastante? esse acto é filho de uma excentricidade minha.
— E no entanto o que pensará de nós ambos os nossos amigos?...
— Os seus amigos podem pensar o que quiserem a meu respeito: para mim é isso indiferente.
— E para mim?...
— O senhor lhes dirá que eu sou um louco, que me condenho a um inferno que eu mesmo tenho creado para atormentar-me: o senhor lhes dirá se quizer: « Aquelle moço tem uma cabeça desarranjada, deixa a nossa sociedade agradável... obsequiadora e feliz, pela solidão e pelo isolamento: elle quer estar só... sempre só ».
— E se eu lhe rogasse que de novo frequentasse a minha casa?... tomaste parte nos nossos prazeres?... fosse de novo um de nossos mais constantes companheiros dos serões?...
— Eu teria o imenso pezar de não poder servil-o; respondeu com tristeza indizível o moço.
— Paciencia, disse Anacleto; resta-me ao menos a convicção de que nunca o offendi voluntariamente, e que fiz tudo o que estava de
minha parte para provar-lhe a estima em que o tenho.

O velho ergueu-se pezaroso e quasi resentido. Candido apertou-lhe a mão com ardor, e disse:
— Não me desestime por isto... creia que, o que faço, é o que devo fazer: creia que, o que eu disse, é o que eu devia sómente dizer... e o senhor, que é um dos poucos homens, cuja mão me tem sido oferecida com lealdade e franqueza, sinta por mim antes piedade do que resentimento.
— Serei o mesmo sempre; respondeu o velho dispondo-se para sahir.
— Uma palavra ainda.
— O que?... perguntou Anacleto.
— E' um novo obséquio que lhe quero pedir. Provavelmente minha ausência tem admirado também a sua família.
— Sem duvida.
— Eu lhe rogo que em meu nome lhe ofereça minhas desculpas, em particular á senhora sua filha: quizera que ella tivesse conhecimento da obsequiosa visita que recebi; do que se passou entre nós, e do que emfim julguei dever responder, explicando o meu procedimento.

O velho olhou para Candido como desconfiado do irriotivo d'esta ultima recommendação.
— E a ella, e a todos, senhor, que possam mostrar-se curiosos das causas de minha irrevo-gavel resolução, poucas palavras bastão para explical-a; e para arredar de sua pessoa e de sua família a menor suspeita de uma offensa ainda involuntaria feita a mim, é de sobra dizer: « elle completa a sua sina— só.. sempre só ». 
VI

Duas amigas

Era na tarde do domingo.
Anacleto e Marianna, obrigados a ir fazer uma visita de etiqueta, tinham acabado de sahir para voltar antes de duas horas.
Celina e Mariquinhas subirão ao segundo andar, e entraráo no quarto da primeira.
Sentaráo-se defronte uma da outra, junto da pequena mesa sobre a qual escrevêra a Bella Orphã no dia antecedente.
E斯塔vão ambas as moças vestidas de branco, e erão ambas muito bonitas; Celina porém mostrava-se meio perturbada e confusa; apoiou o cotovello na mesa, descansou o rosto na face palmar da mão, e fechou um pouco os olhos como se quizesse dormir.
Era Mariquinhas três annos mais velha que a
Bella Orphã, tinha dezenove annos; mas dera-lhe natureza com um gênio alegre e brincador, com uma tendência para faceirice e ambição de agradar, tanto talento, tanta viveza e tão fino instincto para viver no mundo e conhecê-lo, que pouco mais de quatro annos de vida de assembleias, de theatros e de reuniões tinhão sido de sobra para ella dissecar a sociedade, e suficientemente apreciá-la no que na sociedade ha de relativo a uma moça bonita e solteira.

Mariquinhas tinha mesmo orgulho do que ella chamava — sua experiencia: discernia com summa habilidade a simples delicadeza do galanteio, o galanteio da paixão que se improvisa e a paixão que se improvisa do verdadeiro amor.

Com sua experiencia pois ella adevinhava que Celina estava já pagando o seu tributo de coração; e vindo n'esta tarde ouvir-l-a confidencialmente, não quiz esperar que sua amiga começasse a fallar.

Conheceu que a Bella Orphã achava-se perturbada e vergonhosa; e, querendo antes levar-a sem sentir ao principal objecto que as reunião que começar logo a tratar d'elle, dirigio-lhe a palavra em primeiro logar:

— Estamos aqui mais à vontade, D. Celina, creio que ninguem nos virá perturbar...

— Ninguem...

— E' que as moças tem mais necessidade de conversar em segredo do que os homens; creio mesmo que de cada vez que uma moça solteira falla à vista de muita gente não deixa de corre seu perigo.

— Mas porque ?...
Ora... porque vivemos em um mundo notável, principalmente por suas contradições a respeito de nós outras; dizem que somos fracas e frágeis; por consequência não é verdade que deveria haver muita desculpa para nossos erros? ...

Sim.

Pois a nós é que se não perdoão tenues faltas; uma leviandade é quasi um crime; e às vezes uma simples palavra dita com a maior inocencia d'este mundo desafia escarcéos taes, que é melhor não fallar, D. Celina.

Oh! parece que é assim.

Ah! os homens e as mulheres!... olha; as apparencias são em verdade todas em nosso favor: somos flores que se cultivão, bellas estatuas que se admirao, lindas santinhas que se adorão... nas apparencias, D. Celina.

E a realidade?

Oh!... isso é outra cousa: os Srs. homens entenderão lá a seu modo a theoria das compensações; bem vês que nos não podíam dar tudo... guardárao o bom para si: ninguem os chamara tolos por isso.

E nós somos então...

Ora... nós?... nós somos o que elles querem que nós sejamos; também!... olha, D. Celina, durmo todas as noites com um socêgo que não ha igual.

E todavia ninguem dirá que isso se passa assim.

Em parte nós temos a culpas.

Como?

Com systema, com arte, mesmo com esta
nossa fraqueza, nós poderíamos, apezar de tudo, valer muito, e conservar um poder que fazemos por abandonar. Eu sou moça, mas observo; às vezes quando me rio, estou pensando bem séria-
mente.

— E o que observas?... no que pensas?...

— Observo o sistema de vida que seguem minhas camaradas logo que se casão, e penso que eu havia, que eu hei de seguir um outro bem diverso.

— E' um segredo que guardas para ti só?...

— Não, eu o quisera dizer a todas as do meu sexo; ou me engano muito, ou faríamos uma revolução; D. Celina, eu sou reformista... quero a reforma do sistema doméstico.

— Como é isso?...

— Eu te vou dizer.

— Espera... disse a Bella Orphã, erguendo-se; não sentiste chegar alguém à porta do quarto?...

— Não... mas vai vêr sempre.

— Celina chegou à porta, olhou para um e outro lado, não vio ninguém.

— Enganei-me, disse ella sentando-se de novo: faltava agora, eu te escuto.

Mariquinhas começou a discorrer:

— D. Celina, eu não quero faltar de uma moça que vive pobremente em solteira, e vai pobremente viver depois de casada cercada de privações e de filhos: para essa, a misericórdia de Deos e a virtude, e gratidão de seu marido essa, coitadinha, já está por si mesma na posição em que mais se sofre física e moralmente por si e por seus filhos: eu quero sómente fal-
lar n’aquellas que, podendo conservar-se de cima no seio da felicidade, lanção-se por terra aos pés do infortúnio.

— Pois bem, disse Celina.

— Uma jovem senhora, bonita, moça como tu, ou como eu, que não é rica, mas que também não é pobre, que teve educação, que se estima, que é delicada, e que deseja fazer-se amar: o que faz ella?...

— O que faz ella?... perguntou Celina repetindo a phrase de Mariquinhas.

— Encontrou um mancebo ardente, extremoso e. bello; sympatisão ambos; fallemos agora a verdade, D. Celina, como procede a moça? de frente de seu toucador empenha todos os esforços para se tornar mais bella, seus cabellos estão sempre atados primorosamente... ha perfumes nos seus vestidos, fogo em seus olhos, graça em seus sorrisos, espirito em suas palavras, amor em toda ella, diante d’elle canta apaixonada-mente; para agradar-lhe estuda com fervor a musica, o desenho, a litteratura, a dansa, tudo; consegue o bello triumpho, faz de um namorado um escravo; seus pais applaudem a escolha de seu coração... esse homem é emfim seu marido.

— E depois?...

— Depois?... essa moça não se lembra mais que a paixão esfria... oh! é incrivel!... ella mesma trabalha involuntariamente por esfriala. De manhã seu marido a vê com os cabellos desgrenhados diante d’elle, erguendo-se do leito com os pés nús... o piano passa fechado meszes inteiros... o canto lhe desagrada... o desenho
a aborrece, ella não lê mais, não se sorri, nem olha, nem falla, como se sorria, olhava e fallava d'antes. E, se alguém lhe lança em rosto esse metamorphose, ella responde: « Consegui o que queria, o passaro já está preso ». E a louca não pensa que o passaro que prendeu foi o amor d'esse homem, passaro que vai fugir bem depressa.
— E' assim; disse a Bella Orphã.
— Entretanto, continuou Mariquinhas, acontece o que devia acontecer: o coração do marido espanta-se d'aquella repentina mudança; procura vêr de novo a bella moça de lindos cabelos, de escolhidas vestes, de olhar de fogo, de espirituosas palavras, de gracioso sorriso; e achando pelo contrario uma menina descalça, sem graça, sem espírito, sem arte mesmo, recúa... esfria, e ás vezes desanima; e então grita a mulher contra a inconstância do homem; fallemos outra vez a verdade, D. Celina, o homem não tem culpa... a mulher que elle amava não é certamente essa, que então assim se lhe mostra.
— Oh! tens razão; é assim mesmo; exclamou Celina.
— E depois qual é a vida que vive d'ahi por diante a esposa?... uma vida de mentiras e de fingimento nas assembléias, e de frieza ou de indiferença em casa: em casa toma a posição de criada grave de seu marido; por suas mãos a toma: tem por prazer a costura, e por officio determinar o almoço, o jantar e a ceia: quando o marido chega da rua ralha com elle... quando o marido sahe ralha com os escravos: d'onde lhe veio esse máo humor?... do ciúme?... acre-
dita que já não é amada ?... quem teve culpa
d‘isso ?... ella mesma, que se fez outra.
— Continúa, D. Mariquinhas.
— Ora agora; prosseguiu a moça, eu acho tão
facil, tão bello, tão nobre seguir-se uma vida
absolutamente opposta a essa !... uma vida que
faria ao mesmo tempo o encanto do marido, e a
felicidade da mulher.
— Dize... dize.
— Mesmo depois de casada, a moça não se
enfeita com esmero para ir a uma assembléa ?...
quaes são os pensamentos, que a occupão quando
ella está defronte do toucador ?... dous, princi­
palmente: primeiro, não ser sobrepujada, não
parecer menos bella que as outras senhoras:
este sentimento nasceu comnosco, e nos acom­
panhará em todas as épocas de nossa vida: o
segundo, é o desejo de agradar; porque, sem
offender nem levemente sua pureza de esposa,
uma senhora pode querer, e quer agradar; pois
não é, D. Celina, uma contradicção indescul­
pavel, um erro que custa a defender, o esmerar-se
uma senhora casada em agradar, em parecer
bella aos outros, e esquecer-se, e não fazer um
só esforço para mostrar-se bonita aos olhos do seu
marido ?...
— Sem duvida; sem duvida.
— A moça que acaba de casar-se, não tem
necessidade de mudar muito em suas relações
com o homem, que recebe por marido; seu
melhor empenho, seu maior triumpho estaria
em continuar a ser a namorada de seu. esposo.
Pode parecer que seja isso muito difficil; mas
eu não o creio.
— Então como? falla.

— Porque não ha de a moça empenhar para prender seu marido, os mesmos meios de que ella se servio para encadeal-o, quando se amavão solteiros?... quando de manhã aparecer-lhe, apareçá-lhe penteada, vestida com simplicidade, mas sem negligencia, com seu vestido apertado, fresca, louça e bella, que, ou eu me engano muito, ou ganhará um abraço de seu esposo: gostava elle de ouvir-a cantar?... pois cante ainda, e cada vez mais aprimore sua voz: dava-lhe prazer o piano? a harpa?... pois estude novas musicas, e em relação com o gosto do homem que ama; e converse com elle como d'antes, meiga e pudibunda, e ao mesmo tempo amorosa; e, finalmente, sem deixar-se cahir no ridículo (que seria então muito peior), obrigue a seu marido a ser ainda seu namorado à força de namoral-o: seria isto um impossivel?...

— Eu não sei; mas, falla ainda.

— E sobretudo o pudor, D. Celina!... o pudor da senhora casada não deve differir muito do pudor de uma virgem; de cada vez que uma esposa se veste diante de seu marido, perde um anno do fogo de amor.

— Oh! deve ser assim!

— O amor vive de mysterios, de imaginação, de segredos, de véos, de dificuldades, de opposição e de fogo; a realidade é fria como o gêlo, a realidade o mata; a esposa deve aparecer aos olhos do esposo sempre pudibunda e recatada: esse pudor, esse recato, esse rosto que cora, é uma espada cujo gume não se dobra nunca; assim ella será sempre bella, sempre nova para...
— Oh! D. Mariquinhas, exclamou Celina muito sériamente; D. Mariquinhas, tu és sabia. Escutando a ingênua exclamação de Celina, Mariquinhas desatou a rir.

— Então eu te faço rir?...
— Pois então?... não me chamaste sabia!
— Mas é que tu dizes cousas que devem ser bem verdadeiras.
— Estimo que te aproveitem.
— À mim?
— Sim, algum dia poderão aproveitar-te.

A Bella Orphã sacudiu tristemente a cabeça, e respondeu:
— À mim, não.
— E porque?...
— Porque eu não me hei de casar.
— Ah! queres ser freira?... tens vocação para o claustro?...

Celina abaixou a cabeça.

— Dizem os homens que as moças têm duas maneiras muito notáveis de responder afirmativa-mente; que quando abaixam a cabeça e guardam silencio, ou quando respondem simplesmen-
te — não sei, — querem dizer que sim; mas eu sou capaz de jurar que d'esta vez tu, abaixando os olhos, D. Celina, quizeste dizer que — não.

— Começas a gracejar?
— Não, Deos me livre; a tarde deve acabar como principiou, séria e philosophica; olha, D. Celina, ha pouco me chamaste — sabia;— agora eu digo que somos duas philosophas: quem nos ouvisse teria de achar-nos bem modestas.
— D. Mariquinhas!
— Vamos ao que importa; eu te fiz uma pergunta, e não quizeste responder-me; hei de arrancar-te a resposta á força. Fizeste ha pouco dias dezeseis annos, D. Celina; eu sou mais velha tres annos...

De repente começou Mariquinhas a rir-se muito.
— De que te estás rindo assim?
— Ora... de uma coincidencia.
— Qual!...
— Tu has de ser toda tua vida uma pobre innocentinha, e em toda tua vida precisarás de uma mestra bem complacente.
— Começas outra vez?
— Não, é verdade: lembra-te que na noite em que fizeste treze annos, aqui, n'este mesmo quarto, uma boa amiga foi tua mestra, e te explicou com bastante habilidade o que era certo sentimento, que ignoravas; o que era amor.
— Oh! que bom tempo! disse Celina suspirando.
— E hoje, n'este mesmo quarto, uma outra boa amiga tua te está dando lições de philosophia amorosa.
— Acabaste já?...
— De fallar sobre a coincidência, acabei, mas agora vou tratar do que muito nos importa.
— Pois falla; mas não gracejes.
— Tens dezeseis annos, D. Celina, continuou Mariquinhas; és bonita, mesmo bem bonita, de- rão-te muitas prendas, deves ser sensível, e por consequencia não te achas com vocação para o claustro.
— Porque?...
— Porque já sabes o que é amar um homem, porque muitos cavalheiros sem duvida já se prostrarão diante de ti, já te jurarão um amor imenso... desesperado... eterno... que ha de passar além da morte; já te declararão muito positivamente que tua indifferença é capaz de matar-os...
— Oh! basta... que quer dizer isso?...
— Quero dar-te um conselho de amiga.
— Qual?...
— Que não tenhas medo de que esses senhores se deixem morrer por tua causa.
— Ora D. Mariquinhas...
— Que não acredites n’elles...
— Certamente, que não.
— Escuta: quando um homem se chegar a ti e começar a fazer o elogio de tua belleza, como se fosse um poeta que recitasse um cantico, e depois a jurar amor, constância, paixão e ardor por toda a eternidade, desconfia d’elle; os homens que mais fallão são os que mais men- tem.
— E os que não fallão?... perguntou Celina.
— Esses não dizem nada: respondeu Mariquinhas com ingenuidade.
— Ora, tornou a Bella Orphã com um movimento de desagrado, d’isso já eu sabia.
— Então o que é?...
— Dizes que não devemos acreditar n’aquelles que falam muito e juram sempre; bem: e n’aquelles que de longe nos olhão medrosos,... tristes,... modestos... mas que nos olhão com fogo, e que abaixão a cabeça quando suas vistas se encontrão com as nossas?...
— Esses, respondeu Mariquinhas, das duas uma, ou amão devéras, e pela primeira vez na vida, ou são peiores que todos, são hypocritas.
Faz a Bella Orphã um novo movimento de impaciencia.
— E como distinguir?... perguntou ella.
— Estudando-os em seu proceder.
Celina calou-se.
— Tu tens uma historia para me contar, disse Mariquinhas abraçando-a.
— Historia?...
— Sim: a historia de um moço triste e modesto que te ama, que nunca te fallou de amor, mas que te olha com olhos de fogo.
A Bella Orphã córou.
— Somos duas amigas... quasi de mesma idade; que pejo é esse?...
— Eu não sei.
— Falla.
— Não ouviste outra vez rumor á porta?...
— Qual! é a tua imaginação.
— Vou vér sempre.
— Celina foi de novo á porta do quarto;
olhou para um e outro lado, e não viu ninguém.
— Falla agora.
— Ah! D. Mariquinhas! exclamou Celina caindo nos braços da amiga; eu sou bem infeliz!...
VII

Confissão de amor.

Celina estava muito commovida.
— Amina-te! disse Mariquinhas.
— Tu já amaste? perguntou aquella.
— Agradecida pelo comprimento, respondeu-lhe a amiga: com que, tendo eu apenas dezenove annos, entende que já não posso responder senão pelo passado?
— Pois bem, D. Mariquinhas, tu amas?
— Vamos mal: eu vim para perguntar, e não para responder.
— Mas tu amas já?
— Desconfio que sim.
— Pois sómente desconfias?...
— És muito simples, D. Celina.
— Porque?
— Porque ainda não sabes que entre nós, as
moças, desconfiar, n’este assumpto, é saber de certo.
— Ah!...
— E tu?
— Eu?... então se tu amas deves ter sofrido muito.
— Sim... sim... sempre se sofre mais ou menos: e tu?...
— Eu também.
— Conta-me isso.
— Não se pôde contar o que eu soffro.
— Mas porque?
— Parece que não é nada, e é muito: é uma dór... um desassocego... um abalo interno que se não pôde explicar.
— Pois basta que me contes a historia do teu amor: farei idéa de tuas penas pelas minhas.
— Eu penso que amo...
— Sim... compreendo... desconfias que amas.
— Mas olha, D. Mariquinhas, eu não amei por minha vontade... foi sem sentir...
— Sim... sucede a todas nós isso mesmo.
— Foi pouco a pouco que esse sentimento entrou no meu coração... eu não desconfiava d’isso, aliás saberia combatêlo...
— Debalde!
— Quando me veio ao pensamento que eu poderia estar amando... quando cahi em mim oh!... tudo foi em vão... era já muito tarde...
— Tal qual sucedeu comigo.
— Chorei muito, D. Mariquinhas, chorei muito... uma noite inteira... e tu?
— Eu?
— Sim; tu choraste também muito?
— Eu não, D. Celina.
— Mas porque?
— Por duas razões: primeira, porque eu desejava amar.
— É possível?!?
— Eu fazia uma ideia muito engraçada do amor; há porém muitas moças que pensam como eu: pensava que o amor era para uma moça o mesmo que a boneca para uma menina, um passatempo inocente, um brinquedo, que se deixa quando nos aborrece, e nada mais; por isso eu desejava amar.
— Que louca!
— Depois, eu não devia também chorar; não tinha de que; o homem que eu amei era, e é digno de mim.
— Certamente não foi por pensar o contrário disso que eu chorei, respondeu Celina corando.
— Então porque foi?
— Também não sei: ficava só neste quarto pensando... phantasiando tantas cousas... tantas cousas... depois ia, sem saber porque, tornando-me triste... triste... até que desatava a chorar.
— E depois?
— Depois que chorava, eu me sentia um pouco mais alliviada de uma dôr, que não se pode dizer como é; continuava a pensar... a phantasiar outra vez... de novo me entristecia, e de novo chorava.
— Pobre D. Celina!...
— Olha; e nem uma só vez me tenho rido...
— Mas essa tristeza?
— Era um tempo muito amarga e muito doce; se me dessem a escolher uma festa, um baile, um bello passeio, uma noite de teatro ou uma hora de solidão, de isolamento com minha querida tristeza, eu te juro. D. Mariquinhas, que preferiria essa hora de pranto a essas noites de prazer.
— Eu compreendendo...
— Oh! pensar n'elhe, exclamou Celina, que se ia exaltando pouco a pouco; pensar n'elhe! ter sua imagem dentro do coração, e ao mesmo tempo diante dos olhos!... estar elle ausente, e eu vêl-o ao meu lado... ouvir a sua voz tão doce! tão meiga! tão melancolica! sentir o toque de sua mão que me causa um abalo indizível; o roçar de seu vestido com os meus em uma curta passagem, que me faz estremecer vivamente... vêl-o andando garboso e engraçado ouvindo-o a cantar um hymno de amor tão terno... não existir nada d'isso, e estarmos vendo e ouvindo tudo isso... oh! é muito!... faz com que instinctivamente ergamos mãos ao céo, e clamemos: « bemdito seja Deus que nos deu a imaginação, para, na ausência, vêermos e ouvirmos assim aquelle a quem tanto amamos!... »
— Tens razão, D. Celina!
— Oh! é sublime! proseguio a moça; isso é tão bello, tão encantador, tão magico, que eu fico às vezes uma hora inteira, mais de uma hora, em contemplação, enlevada n'essas delícias, n'essas imagens, entre o céo e a terra, porque esse estar assim, esse gozo tem por força alguma cousa de celeste; e por fim, D. Mariquinhas, sem querer, sem sentir, no meio d'esse
sonho de vigilia, sem sofrer dôr alguma, não sei porque mesmo as lagrimas cahem em rios de meus olhos...
— E choras?
— Pranto bem doce! é bom quando se chora assim!...
— Meu Deos!
— Tu não choras nunca assim, D. Mariquinhas?
— Nunca.
— Infeliz! disse a Bella Orphã olhando com piedade para a amiga que a escutava admirada.
— Eu infeliz? por não chorar?
— Oh! sim!... porque ha certas lagrimas que dão um prazer que está acima de todos os prazeres!
— Então tu és bem ditosa?
— Não.
— Como pois? esse prazer?
— Ah! não me sacia nunca.
— E então...
— Eu sou como aquelle que está devorado por ardente febre: com fervor leva aos labios um copo d’agua... esgota-o... e de novo mata-o a sède. Amor é tambem uma febre... não é?
— Eu já não digo palavra, respondeu Mariquinhas; estás mais adiantada do que eu.
— E porque tu não amas.
— Mas notá que tenho observado muito.
— Engano! amor não se observa... sente-se?
— Todavia tu és contradictoria, D. Celina.
— Como?
— Começaste queixando-te de tuas lagrimas, e acabaste abençoando-as.
— É porque nem todas são da mesma natureza: a imaginação, que não é nossa escrava, a imaginação, livre, independente, como as aves da floresta virgem, se às vezes me oferece um quadro de esperança, de amor e de saudade, outras vezes, D. Mariquinhas, cria fantasmas que aterrorizam, fantasmas horíveis que bradam a meus ouvidos... que então o hino Infernal, o hino do desespero resumido em uma palavra fatal...

— Qual?
— Impossível!...

— O som com que a Bella Orphã pronunciou essa palavra foi tal, que tanto ella, como Mariquinhas, se deixarão ficar caladas durante algum tempo, tristes e pensativas.

No entanto, serenou o ardor, que fizera Celina exprimir-se com tanta viveza, de modo que, quando Mariquinhas quis continuar a conversação, já a achou perturbada e comovida como no princípio.

— Mas, D. Celina, ainda me não disseste o que eu desejo principalmente saber.
— O que?
— Quem é o venturoso mancebo que tanto merece de ti.

A Bella Orphã hesitou.
— Se eu não quisesse saber também tudo, quanto se tem passado entre elle e ti, continuou Mariquinhas, abster-me-ia de fazer-te esta pergunta.

— Porque?
— Porque não acho muita dificuldade em adivinhar o nome d’aquelle que amas.
— Já o adivinhaste, D. Mariquinhas?
— Ora !...
— Desde quando?
— Desde antes de teus annos.
— Foi na verdade bem cedo, respondeu Celina; porque então eu mesmo apenas o suspeitava.
— Não duvido; isso acontece; mas então não queres dizer-m’o?
— Para que, se tu já sabes?
— Seria possível que eu estivesse em erro.
— E’s muito viva para te enganares.
— Pois bem, dir-te- hei eu o nome, com uma condição porém.
— Qual?
— Se eu acertar, has de confessal-o.
— Sim.
— Chama se...
Celina olhou para Mariquinhas.
— Candido.
A Bella Orphã abaixou a cabeça.
— Adivinhei?
— Adivinhaste; murmurou a moça.
— Levanta a cabeça; conta-me o que tem havido; não foi para isso que nos reunimos hoje?
Celina pensou um momento e disse:
— Sou uma louca.
— Tu?...
— Sim; mas ao menos a minha loucura poderá agora ser-me util.
— Como?...
— Escrevi o que se tem passado comigo...
— A historia do teu amor?...
— Sim...
— Um romance?!!
— Não... uma verdade.
— Como não?... pensas que os romances são mentiras?...
— Tenho certeza d’isso.
— N’este ponto estás muito atrasada, D. Celina; os romances tem sempre uma verdade por base: o maior trabalho dos romancistas consiste em desfigurar essa verdade de tal modo, que os contemporâneos não cheguem a dar os verdadeiros nomes de baptismo às personagens que ali figuram.
— Pelo que ouço, D. Mariquinhas, tu já escreveste!
— Não, mas conversei já com um moço que escreve. Vamos porém ao nosso caso; deixa ver o teu romance.
— A minha historia; tornou Celina, que abrindo a gaveta da mesa tirou algumas folhas de papel, e entregou-as com mão tremula a Mariquinhas.
— «Historia do meu amor», disse esta lendo; ah! eu tinha adivinhado o título.
— Peço-te que leias para ti só: eu me envergonharia muito se te ouvisse lêr alto.
Mariquinhas começou a leitura da historia do amor de Celina.
A Bella Orphã acompanhava com os olhos todos os movimentos, todas as impressões que aquella leitura produzia em sua amiga, corando se esta se sorria, animando-se, tremendo, e confundindo-se segundo as expressões physionomicas da leitora.
Quando Celina vio que os olhos de Mariquinhas volvião-se correndo pelas últimas linhas da derradeira página, abaixou de novo a cabeça, envergonhada e confusa.

— Bravo, D. Celina! estás em bom caminho para romancista; mas repara que não pôdes aproveitar muito no nosso paiz.

— Não zombes.

— Fallo séria; porém, dize, que destino pretendes que tenhão estes papeis?...

— Que destino?..., o fogo.

— O fogo?!!

— Sim; queimal-os-hei; respondeu soltando um suspiro a Bella Orphã.

— Não; não commetterás um parricidio: quando tua mão se erguer para lançal-os às chammas, tua alma, eu o juro, cantará os versos de Torquato:

<< Ah! no seria possible. >>

— Pois então que poderia eu fazer d'elles?...

— Quem sabe?... estes papeis guardão-se: é possível que cheguem um dia ás mãos do feliz mancebo, que te moveu a escrevêl-os.

— Oh! Deos me livre!...

As duas moças calárão-se de repente, sentindo que alguém subia a escada: Celina guardou os papeis na gaveta d'onde os tinha tirado.

Appareceu uma escrava à porta do quarto.

— O que é?... perguntou Celina.

— O Sr. Salustiano; respondeu a escrava.

— Dize-lhe que meu avô e minha tia sahirão; respondeu a Bella Orphã.
— Mas que nós descemos já para receber, acrescentou Mariquinhas.
— Não!
— Sim! vai: dize-lhe que o vamos já receber. A escrava desceu.
— Que queres fazer, D. Mariquinhas?...
— Conversar, divertir-me.
— Oh! porém tu me comprometes; este homem é um maldido impertinente...
— Melhor.
— Requesta-me... diz-me loucuras.
— Optimo.
— Eu o aborreo.
— Por isso mesmo.
— Que queres pois?...
— Rir-me.
— Então entendes que devo...
— Zombar d’elle.
— Como?...
— Como te parecer.
— Mas eu não sei fingir.
— Pois desenganando-o; isso também me diverte: ainda não vi como fica o rosto de um desenganado.
— Tu és louca.
— Vamos!
— Hei de arrepender-me d’este passo.
— Ao contrario prevejo que terás de agradecer-m’o: vamos! não te lembres que o Sr. Salustiano nos espera?

Mariquinhas tomou a mão da Bella Orphã, e levou-a quasi á força para o andar inferior.
Quando as moças acabavam de descer a escada, correu-se a cortina que tapava a portinha do
fundo, por onde se comunicavão as camaras de Marianna e de Celina.

Um homem aproximou-se com precaução e cuidado da mesa, junto da qual tinham as moças conversado.

A gaveta dessa mesa estava fechada, mas Celina havia-se esquecido de tirar a chave.

O homem abriu a gaveta, tirou d'ella os papeis que continham — a história do amor da Bella Orphã, — e sahiu com tanto cuidado e precaução como entrra.

Esse homem era o velho Rodrigues.
Entrarão as duas moças na sala, e Salustiano, que se tinha recostado a uma janela, voltou-se para recebê-las. Sentarão-se todos três.
Era bem de estudar-se a expressão physionomica de cada uma d’aquellas tres personagens.
Celina, que havia sido trazida quasi à força para a sala, mostrava-se contrafeita e acanhada; sentou-se bem unida a Mariquinhas, cuja mão apertava como procurando uma defesa.
Salustiano esforçava-se para ostentar a imposibilidade de que se jactava; mas não podia esconder de todo a commoção que sentia na presença da moça que amava, e o quanto o contra-riava uma terceira pessoa, que elle não queria encontrar ali n’aquella occasião.
Mariquinhas completava o grupo: no meio dos desapontados aparecia risonho, bello e malicioso o rosto da interessante moça: seus olhos vivos e travessos confundiam realmente Salustiano, que, a pesar seu, já não tinha sarcasmos para suas palavras, nem para seus sorrisos.

— Sinto havê-la incomodado... tinha dito Salustiano muito desenxabidamente.

— Oh! não, não nos incomodou, respondeu Mariquinhas; deu-nos ao contrário muito prazer.

— Seria isso possível?... perguntou o moço, fitando os olhos em Celina.

— Pois ainda duvida?... tornou a primeira.

— Perdão, minha senhora, mas considero tão subida essa felicidade que muito me custa acreditar n'ella.

— Ora esta!... eu achava a cousa muito simples!

— Talvez para V. Ex.

— Digo mesmo que a sua visita foi um verdadeiro obsequio que V. S. nos fez.

— Lhes fiz?!? V. Ex. falla em nome de mais alguém?... perguntou sorrindo-se o moço.

— Certamente: fallo tambem em nome da minha amiga.

Celina apertou com força a mão de Mariquinhas.

— Ai! não me apertes a mão, D. Celina!!...

— Ora, D. Mariquinhas, vossê está sempre brincando!
— Mas, como eu dizia, V. S. nos fez um verdadeiro obsequio aparecendo aqui.

— Bem... supponhamos que V. Ex. não está apenas dizendo palavras muito lisonjeiras; supponhamos que eu tenho a vaidade de acreditar, que fiz um verdadeiro obsequio a VV. Ex. aparecendo aqui; devo por ventura concluir que eu era esperado e desejado?

Mariquinhas pensou um momento: sorriu-lhe a malícia nos lábios, e depois respondeu:

— Esta D. Celina compromete as amigas terrivelmente! é capaz de conservar-se em silêncio um dia inteiro!

— Tenha V. Ex. a bondade de responder por ellea.

— Pois bem: digo que não era positivamente V. S. quem desejávamos ver.

— Eis ahí o que eu não compreendo.

— Queríamos a presença de um de certos cavalheiros, e V. S. serve-nos a mil maravilhas.

— Posso saber para que?

— Para um estudo particular.

— Ora!... eis-me compreendendo ainda menos do que ainda há pouco.

— Trata-se de um segredo de moças.

— Bem... não perguntarei mais nada.

— Óh! pelo contrario, pergunte: eu sou como as outras; quando tenho um segredo, sou louca por contá-lo a todos; na alma de nós outras, um pensamento que se não deve revelar, não é um segredo, é um martyrio.

— Então, o que é segredo?

— Para as moças?

— Sim, minha senhora, o que é um segredo para as moças?
— E' uma cousa que se diz baixinho aos ouvidos de quasi todos.
— Pois, nesse caso, minha senhora, peço a V. Ex. que, se me julgar digno d'isso, diga-me o seu segredo, ainda que seja baixinho.
— Oh! este pôde-se contar em voz alta.
— Se por tanto me supõe digno...
— Sem dúvida que o julgo; até V. S. nos ha de servir de muito.
— Estou à espera, minha senhora.
— Trata-se de um romance...
— De um romance?!?
— Sim, de um romance, que D. Celina e eu estamos compondo.
— Parabéns, minhas senhoras; mas eu não sei... VV. EEx. querem por ventura um terceiro colaborador?...
— Qual?...
— Eu. V. Ex. tinha falado em mim.
— Deos nos livre: perderíamos a gloria de autoras.
— Porque?
— Os senhores homens custão muito a julgar-nos capazes de escrever; e portanto era V. S. quem ganharia todas as honra da obra.
— Mas esse romance...
— E' uma historia de todos os dias e de todos os salões.
— Já está completa?
— A invenção completámos hoje: mas a execução nos está dando muito que fazer.
— O que falta?
— Quasi tudo; atrapalha-nos grandemente uma das principaes personagens.
— Porque!
— Pela dificuldade de descrevê-la; mas V. S. chegou muito a tempo.
— E então?
— Então, é que enquanto nós conversamos, D. Celina vai tomando nota.
— Nesse caso, eu...
— V. S. ou outro qualquer... V. S. é como quasi todos...
— Obrigado, minha senhora.
— Cortou-me a palavra; não tem que agradecer-me, pois não sabe o que eu ia dizer.
— Adevinhei.
— Dou-lhe parabens: veja se adivinha também o nosso romance.
— Não chego a tanto, minha senhora,
— Quer que lhe tracemos o esqueleto da nossa obra?...
— Terei muito prazer em ouvir a V. Ex.
— Não poderá fazer uma justa ideia do que será, pela falta dos episódios e dos diálogos.
— Oh! mas eu compreendendo o que poderá fazer uma pena manejada por quem deve à natureza tanto espírito como V. Ex.
— Agradecida.
— Creia V. Ex. que faz um relevante serviço a tão atraizade literatura do país.
— Muito agradecida, respondeu Mariquinhas rindo-se, e sem dar mostras de doer-se da ironia com que Salustiano tentava ferir-a.
— Era uma necessidade que desde muito palpitava, tornou Salustiano; o céo devia ao Brasil uma Stael, uma George Sand.
— Mil vezes agradecida; mas então V. S. não quer ouvir o nosso romance?
— Estou prompto, minha senhora.
— Trata-se de amor.
— Eu o previa.
— É uma jovem senhora de cabelos castanhos quasi pretos, olhos de saphira, lábios de coral, rosto pallido, emfim, uma jovem senhora bella e muito parecida com D. Celina...
— D. Mariquinhas, basta!... isso é quasi de mais! disse a Bella Orphã.
— Quem fez a pintura da moça fui eu, e portanto posso fallar: a respeito do protógonos fallará então vossê.
— Continue, minha senhora.
— Pois bem: essa moça, a quem eu ainda não dei nome, ama um jovem modesto e bonito, e é por elle apaixonadamente amada; mas o jovem é pobre, e acredita que sua pobreza é um muro de bronze erguido entre elle e a bella de seus pensamentos.
Salustiano empallideceu sem querer, ouvindo as ultimas palavras de Mariquinhas: começava a compreender o que queria dizer aquelle romance.
— Acha-se incommodado?... perguntou Mariquinhas encarando Salustiano.
— Oh! não! pelo contrario...
— Cheguei a pensal-o, Sr. Salustiano; porque V. S. mudou de cór.
O mancebo serenou, e respondeu sorrindo-se:
— Ah! foi effeito da interessante narração de V. Ex.: sensibilisei-me... realmente o seu
romance é muito sentimental... toca no coração.

— Sim... sim, tornou a moça; eu creio bem que elle tocará o coração de V. S.

— Mas, concluiu-se?...

— Certamente que não; ficaria sem sentido, sem pés nem cabeça...

— Era mesmo assim excelente... estava na moda; porém já que o romance não termina ahi, quererá V. Ex. ter a bondade de contar-me o resto!...

— Pois não! com summo prazer; temos, como eu dizia, uma moça bella e um jovem pobre que se amão muito... romanescamente; até ahi não ha senão um idyllio; imaginámos pois, imaginámos não, foi D. Celina quem imaginou uma especie de tyranno de comedia, um outro namorado da heroina, um mancebo rico, honrado, e vaidoso de sua fortuna, que se vem erguer como uma barreira terrível entre os dous amantes.

Celina apertava a mão de Mariquinhas de instante a instante; mas não se atrevia a dizer palavra.

— E depois?... perguntou Salustiano.

— Depois as scenas se succeedem... deverão haver lutas domesticas, esperanças que morrem e revivem... jogo de affectos... e finalmente...

— Finalmente...

— Boa pergunta! por fim de contas triumpha o amor innocente e puro... triumpha a inspiração de Deos... o moço pobre alcança a mão da moça bella.

— E o outro!
— O outro!... exclamou Mariquinhas dando uma risada; o outro deve muito provavelmente ficar com cara de tolo.

Salustiano mordeu os beijos. Mariquinhas prosseguiu:
— Mas veja... estávamos em uma verdadeira dificuldade!
— Qual!...
— Não sabíamos como descrever o tal sujeito rico, ousado e vaidoso...
— Ora! que modestia a de V. Ex. !... com tanta imaginação... espírito tão atilado...
— Sim... sim... porém nós queremos seguir à risca a natureza... procurávamos pois um original, quando V. S. chegou.

O último golpe acabava de ser dado tão directamente que Salustiano córou até à raiz dos cabellos.
— Comprehendo tudo, minhas senhoras!...
— Ora... pois o que compreendeu?
Salustiano pensou alguns momentos, e depois respondeu:
— Que devo também escrever um romance.
— Ah! disse Mariquinhas, então isto é contagioso?!!
— Creio que sim, minha senhora.
— Tanto melhor, tornou a moça rindo-se; creia V. S. que faz um relevante serviço á tão atrasada litteratura do paiz.
— Agradecido.
— Eu estou pensando já no muito que poderá fazer uma penna manejada, por quem deve á natureza tanto espírito como V. S.
— Muito agradecido.
— Era uma necessidade que desde muito palpitava; o céo devia ao Brazil um Cooper, um Walter Scott, um Dumas.
— Mil vezes agradecido.
— Quando começa a escrever?...
— Ora... já está metade escripto.
— Já!... e então!...
— E' o mesmo de VV. EEx.
— O mesmo?... não... não... seria um triste roubo feito a duas probrezinhas.
— Mas o meu romance, que se parece muito como o de VV. EEx. até o meio, differe completamente no fim.
— Como?
— No meu romance triumpha o moço rico, o ouselo e vaidoso...
Celina ergueu a cabeça nobremente, e fitou os olhos em Salustiano.
— Cére então, que isso chegue a ser verosimil?... perguntou Mariquinhas.
— Não será sómente verosimil, tornou Salustiano elevando a voz com incrível audácia; ha de ser também uma realidade.
— Bravo!... exclamou Mariquinhas; isto me está parecendo um desafio.
— Pois seja um desafio; veremos qual dos dous romances se realisa.
— Acceito, disse, levantando-se, a Bella Orphã.

O rosto de Celina estava acesso de rubor e de colera; em pé, ella encarava Salustiano com olhos cheios de fogo.
— Minha senhora... ia murmurando o moço.
— Eu lhe disse, que aceito o desafio, senhor!... exclamou Celina; não é bem claro isto?

Reinou então silêncio por alguns instantes, até que Salustiano despediu-se com seu sorrir sarcástico nos lábios, e saiu com o desespero e a raiva no coração.
— Bem bom! bem bom! disse Mariquinhas batendo palmas com uma alegria infantil.
— Fizeste mal, D. Mariquinhas.
— Pois sim... concedo, fiz mal; porém tu, D. Celina, fizeste muito bem.
— E agora?... quem sabe o que me espera?...
— Que nos importa o futuro? o futuro é de Deos.
— Mas eu preciso que me animem; eu sou fraca e sou só.
— Vem portanto animar-te... subamos ao segundo andar.
— Para que?...
— Vamos ler de novo a história do teu amor.
— Oh!... sim!... tu és louca como eu, D. Mariquinhas; mas o que acabas de dizer deve ser verdade...
— Vamos pois...
— Vamos.

As moças subiram a escada correndo, como duas crianças travessas; entraram no quarto de Celina... abriu-se a gaveta, onde deveria estar a história do amor da Bella Orphã...
— Os meus papeis!... exclamou esta.
— Que ha então?... perguntou Mariquinhas.

— Eu os tinha posto aqui.
— E' certo...
— Oh !... furtáro-m'os !...
— Meu Deos !...
— Os meus papeis !... a minha historia !...

exclamou doloresamente a Bella Orphá.

— Como pôde ser isto?...
— Onde estarão elles?...
— Quem entraria aqui?... perguntou Mariquinhas.

— Eu não sei... eu não podia ver!... o que eu sei, o que eu vejo, é, que estou perdida. Oh! isto foi uma desgraça !...

— Quem sabe?... disse Mariquinhas com ar pensativo: também pôde ser que seja uma felicidade.
IX

O velho Rodrigues e Candido.

O velho Rodrigues apareceu à porta do sotão do Purgatorio-trigueiro, e ficou ali parado alguns instantes.

Candido estava só, e tinha os olhos fitos na porta; mas não dizia palavra.

Era porque o moço estava olhando, porém não estava vendo.

Ha alguns homens no mundo, que tem frequentemente horas inteiras passadas assim; horas em que, concentrados em um mundo interior, nada vêem, nada ouvem, nada sentem do que se está passando ao redor d’elles.

Serão pobres loucos ou entes privilegiados esses homens?

Ha muitos que d’elles se rijem, ou que d’elles tem piedade: deixal-os rir... deixal-os ter piedade.
O velho Rodrigues fallou:
— Sr. Candido!
— Quem é? perguntou o moço erguendo-se, e como despeitando de um somno afadigado.
— Sou eu... um velho amigo.
— O Sr. Rodrigues... ah! entre, sente-se.
— Não; preciso voltar já: é pouco o que tenho a dizer-lhe.
— Como quiser... eu lhe escuto.
— Sr. Candido, foi bem triste a ultima vez que nos vimos; foi em uma noite de prazer e de dor: noite em que na mesma casa e ao mesmo tempo soavam cantos alegres, e corrião lagrimas amargas.

Já passou tudo isso... esqueçamos.
Não; lembremos antes, mancebo.
— Nessa noite uma intriga foi forjada, e a calunia venceu então a verdade.
— Senhor... para que falar nisso?
— Uma mulher calumniou a outra mulher: as portas do Céo cór de rosa lhe foram fechadas em nome da Bella Orphã... a mulher que intrigava, depois de lançar mortal veneno em seu coração, deixou-o só no jardim, e eu apareci então... e o que lhe disse? lembra-se?
— Não; tudo esqueci... o teatro, o drama, as personagens... tudo está esquecido; nem quero outra vez lembrar-me.
— Oh! mas é preciso lembrar-se! ouça pois eu apareci então, e disse: «aquella mulher mentio!».
— Não mentio: respondeu com força o mancebo.
— Foi isso mesmo o que me disse, Sr. Can—
dido; mas eu jurei a mim mesmo provar-lhe que a Bella Orphã fora calumniada, e que o senhor ofendia a pureza, a virtude de uma inocente moça sustentando uma calumnia.

— Ah! Sr. Rodrigues... murmurou meio commovido o moço.

— Eu jurei que havia de confundil-o com a verdade, e de castigal-o com o arrependimento...

— Mas para quê...

— Para que? para que justiça fosse feita a uma interessante virgem; para que balsamo consolador fosse derramado no coração de um desgraçado.

— E quem é esse desgraçado?
— É o senhor.
— Tem razão; eu o sou.
— Eu quero que a esperança amanheça de novo em sua alma... que arrependida sua alma se ajoelhe ante a imagem da mulher que amava tanto...

— Senhor... basta.
— Que o seu arrependimento e a sua esperança façam de novo fallar a sua alma; que outra vez de joelhos ante a imagem da bella virgem a sua alma exclame com ardor... — 'eu te amo!' —

— Senhor, senhor, é preciso que eu lhe diga que considero meu inimigo aquelle, que me falla de amor...

— É uma loucura.

— Que o fogo da vergonha ainda queima meu rosto, quando me lembro do que comigo se passou n'essa horrível noite!
— Mas o bafo da virgem ha de apagar esse fogo.
— Senhor! nem mais uma palavra sobre ella.
— E as provas de sua inocencia?
— Eu não as quero.
— Para condemnal-a sempre?
— Não a condemno.
— E o amor que lhe tinha?
— Eu amo a minha mãe.
— E o amor d'essa pobre virgem?
— Senhor!
— Esse amor angelico?! esse perfume de flor que se desabrocha?... esse amor...
— Basta... é demais...
— Não quer ouvir-me então?...
— Dispense-me d’isso, Sr. Rodrigues.
— Não me acredita?
— Não.
— E se eu provar o que digo?...
— É inútil
— Embora, eu o provarei.
— Mas com que fim?... que lhe importa minha desgraça, ou a minha felicidade!...
O velho olhou fixamente para Candido, e disse com voz grave e pausada:
— Pode ser que me importe mais do que pensa: quem sabe se o seu passado, que é tão escuro para todos, não é bem claro para mim?
— Oh!... exclamou Candido: falle pois!... eu lhe escuto...
— E tarde: eu já devia ter voltado.
— Mas...
— Eu lhe deixo estes papeis, Sr. Candido; peço que os leia... e que os guarde.
— O velho Rodrigues tirou então do bolso algumas folhas de papel, e as deitou sobre a mesa.
— O que contém estes papeis?... perguntou Cândido com viva curiosidade.
— Uma história.
— A minha história?...
— Também é sua.
— O velho retirou-se vagarosamente, e Cândido foi buscar uma luz, e abrindo a primeira página d’aquelles papeis, leu:

**HISTORIA DO MEU AMOR**
— Deverei eu lêr estes papeis!... fallou Cândido consigo mesmo; não haverá ahi veneno espalhado n’essas paginas!... não será fraqueza ceder a um desejo, que não passa de pueril curiosidade!... não: estou determinado; podem rolar um século sobre essa mesa; não os hei de lêr nunca.

Mas elle não podia arrancar os olhos dos papeis que lhe deixara o velho, e passados alguns minutos pensou já de outro modo; pensou assim:

— E’ que também, se eu os não lêr, podem julgar que desconfio de mim mesmo... que tenho medo de amar ainda... que não sei triunfar de uma paixão de dous dias... é isso; podem julgal-o: pois eu lerei... mas hoje não:
mostrarei a minha indiferença não lendo hoje; provarei que nada receio lendo amanhã; estou determinado.

E passado ainda um certo espaço, o mancebo mudou outra vez de resolução, e disse consigo:

— Mas isto, sim, é que é puerilidade! lêr amanhã ou hoje, é sempre acabar por lêr; e que tem isso?... que impressão me pôde causar esta leitura?... e que me importa o juízo que de mim quiserem fazer?... eu sou pobre... eu sou só... eu sou portanto bem livre.

E abrindo a primeira página começou a ler.

HISTORIA DO MEU AMOR

I

Eu já fui como uma flor que se desabotou; sou agora como uma pomba, que gême solitária.

Quem sabe o que eu virei a ser ainda?... pobre orphã que sou, o meu porvir está tão escuro!...

Até a idade de quinze annos eu fui como uma flor que se desabotou.

Meus pais viviam ainda, e eu passava uma vida tão feliz!... eu era a florzinha de meus pais; o jardim que eu perfumava era o coração delas.

Meu pai me chamava o seu anjo: minha mãe
dizia que eu era a sua alma; e eu via bem que
elas sentião isso que dizião.

As palavras de meu pai erão tão ternas!... os
carinhos de minha mãe erão tão doces!... oh!
palavras e carinhos, como esses... oh!... mais
nunca.

Eu era tão feliz... de manhã erguia-me, dava
grãcas a Deos, meu pai e minha mãe me beija-
vão, e depois eu ia brincar.

Como eu fui travessa! às vezes, quando me
tornava por demais traquinas, meu pai se fíngia
enfadado, e me dizia: « Celina... aquieta-te...tu
estás ficando feia ».

E minha mãe me defendia dizendo: « deixa-a
brincar; ainda é feliz!... quem sabe se ha de
ser sempre como hoje!... »

Oh! minha mãe adevinhava com o coração! o
amor dos pais é assim... prophetiza.

E meu pai se tornava melancólico; abraça-
va-me, beijava-me, e com os olhos humidos de
lagrimas me dizia: — vai brincar.

Oh! sim! bem feliz!... bem feliz!... a minha
vida era um laço de cem amores: eu amava a
Deos, amava a meus pais, amava a meus paren-
tes, amava os pobres, e amava as flores.

II

Amava as flores!... Como e quando foi que começou esse amor,
não sei bem explicar: quando pensei... já as
amava.

No berço brinquei com flores... ensaiei meus
primeiros passos para ganhar uma flor que
minha mãe de longe me mostrava; quando pudemos correr, meu pai me deu um jardim.

Desde então, quando a aurora aparecia, eu me encontrava no jardim: eu gostava do primeiro raio do sol.

Os primeiros raios do sol e as flores foram as camaradas que brincarão comigo na infância.

Eu amava as flores; gostava de acompanhá-las na vida de um botãozinho de rosa, que se ia desabrochando pouco a pouco, como um pensamento de amor na alma de uma criança.

Depois eu fiz treze anos, e na noite em que eu fiz treze anos, tive um sonho de flores: sonhei com um botão de rosa.

Que sonho!... é uma das doces recordações do meu passado; eis-aqui como foi o meu sonho.


III

Eu pois acabava de fazer treze anos: era ainda como a flor que se desabota.

Mas quando completei o terceiro lustro, a morte esvoaçou ao redor de mim, e não me feriu, nem me matou: oh! eu minto: matou-me duas vezes, porque de um só golpe me arrancou pai e mãe.

Porque não fui eu que morri, meu Deus?... eu, que nada era, nada sou, que nada serei no mundo?

Eu, que nesse tempo tinha somente sorrisos para a vida, e que, apesar d’isso, morreria
sorrindo-me também; porque creio em Deus que me ha de salvar!

Oh! que hora tremenda foi essa, em que eu tive de receber duas solenes bençãos de despedida, lançadas pelas mãos já frias de meu pai e de minha mãe!

Oh! que hora tremenda foi essa, em que eu tive de partir em dous pedaços um adeos de agonia!

Não se morre de dôr.

Eu vi morrer ambos elles... a meu pai e minha mãe: eu vi... e não morri então; eu os estou vendo... e não morro ainda.

Eu estava... tinham-me posto de joelhos junto ao leito de meu pai: era a hora terrível.

Meu pai voltou o semblante para mim, e fitou os olhos no meu rosto...

Seus olhos brilhantes e pasmos pareciam querer saltar das orbitas sobre mim... oh!... se elle não fora meu pai eu teria tido medo d'aquele olhar.

Sua boca se entre-abria... seus lábios se moviam; mas ah! o desgraçado não podia falar.

Olhou... esteve assim olhando muito tempo... muito tempo, até que... oh! meu Deus!...

Duas lagrimas limpidas e brilhantes ficarão pendentes de suas palpebras... sua mão direita apertou o peito no lugar do coração, e... sempre me olhando... sempre me olhando, meu bom pai expirou.

A vida... a alma lhe sabia pelos olhos: oh! sim! porque elle morreu olhando para sua filha.

Lancei-me sobre o cadaver de meu pai: arrancarão-me d'ahi; e sabes para que?... para ver morrer minha mãe.
Pobre de minha infeliz mãe!... não estava em si quando eu meu ajoelhei junto d’ella; dellava.

Começou a brincar com os meus cabelos, passou depois os dedos sobre meus olhos, e, sentindo-os molhados de minhas lagrimas, levou-os aos lábios, sorveu as lagrimas de sua filha, dizendo:

— É bem doce!... é bem doce!...

Depois entrou a rir-se e a cantar: que rir! que cantar aquelle!... até então eu não sabia que a morte tinha também seus risos e seus cantos.

Continuou a rir-se e a cantar; a brincar com os meus cabellos, e a beber minhas lagrimas.

Houve um momento terrível! um tremor súbito e desesperado agitou convulsivamente todo seu corpo...

Cessou de rir-se e de cantar: olhou-me... que olhar!... era um adeus que se dizia por mil modos nos seus olhos.

Tinha talvez desapparecido o delírio, mas ella já não podia fallar.

Ouvi alguém, a poucos passos, dizer baixinho — é chegada a hora: — oh! comprehendi tudo... soltei um grito.

Escutando esse grito, que me sahio do coração, minha mãe agarrou com suas duas mãos a minha cabeça, e com força indizível levantou-me, aproximou meu rosto ao rosto d’ella, uniu meus lábios aos seus, deu-me um longo e ardente beijo, e expirou.

A vida... a alma lhe sahio pelos labios: oh! sim, porque ella morreu beijando sua filha.
As almas de meus pais, antes de subir ao céu, tinham passado por mim; a alma de meu pai pelos meus olhos; a de minha mãe pelos meus lábios.

Como eu fiquei então!!!... não se diz.
Não se morre de dor.
E estava orpã.
Deixei de ser como uma flôr que se desabota.

IV

Eu era uma pobre orpã.
Tinha começado a ser como a pomba que geme solitaria.

Chorei! chorei muito! quando não tive nos olhos mais lágrimas para chorar, chorei saudades no coração; choro-as ainda: mas resisti, e resisto, graças à educação que me derão meus pais.

Elles me ensinarão a ter fé e esperança em Deus: ensinarão-me, na prosperidade, a ser christã: sou christã na desgraça.

Quem crê em Deus, chora, mas resiste.

Eu chorei, e resisti.

Tenho esperança de vêr ainda meus pais aos pés do Senhor Deus... não sei quando será; mas espero.

Esta esperança me anima: no entanto meu coração está sempre cheio de saudades, que não hão de acabar nunca.

Eu pois sou agora como uma pomba que geme solitaria.
Passou-se um anno.
Um anno de lagrimas é muito tempo : é um século.
Passou-se mais tempo ainda : chegou o dia de finados.
Fui rezar no tumulo de meus pais.
Rezavão lá...
Oh ! se soubessem como um coração de filha agradece uma oração que se reza por seus pais !...
Rezavão lá !... uma mulher e um homem.
A mulher era uma velha que eu conhecia ; o homem não... eu o via então pela primeira vez.
Mas esse homem... a velha erguçu-se, e eu lancei-me de joelhos no mesmo lugar, que ella tinha ocupado.
Fiquei junto d’esse homem que rezava por meus pais...
Oh ! pela primeira vez, que uos encontravamos na vida, nossos pensamentos se união, se misturavão, e subiço juntos ao céo tão iguais... tão parecidos, como dous irmãos-zinhos gémeos !...
Oh !... nós não nos havíamos visto nunca, não nos tínhamos olhado ainda, e nossas almas se correspondião já, fallando a linguagem do Senhor... rezando...
Elle ergueu-se emfim... e fugio. Eu senti que elle chorava e soluçava.
Eu não sabia se elle era moço ou velho, bonito
ou feio, rico ou pobre... e comtudo desde esse momento eu amei esse homem.

Amei esse coração generoso, que se fora ajoelhar junto ao tumulo de meus pais!

Esse homem amava portanto meus pais!

Era pois meu irmão no amor, meu irmão nas lagrimas e nas orações; quero... devo amal-o:
o mais sagrado dos laços unio-nos aos olhos de Deus à face de um tumulo.

Eu o amo.

Quem é elle ?...

VI

Emfim, já pude vêl-o de perto: veio visitarnos, acompanhando a velha Irias.

Elle é moço e pallido, é triste e modesto; é bello.

Parece que esconde no coração um grande tormento, que ninguem comprehende, e que elle abafa.

Pallido, triste e silencioso, sua figura tem um não sei que de gracioso e phantastico, que toca n’alma e faz arder a imaginação.

Se elle passa por diante de vós, sem querer vós vos lembrais da sombra de um ramo de palmeira, quando um ramo de palmeira, em noite de claro luar é impellido por brandos favonios.

A’s vezes fica pensativo horas inteiras; torna-se alheio a quanto se passa em torno d’elle...

E’ bello vêl-o assim; parece que transportado contempla uma visão: ninguem lhe falla, e elle se sorri... se entristece... se espanta... e mur-
mura phrases inintelligíveis como se estivesse conversando com algum ser invizível.

Será um louco?... não: elle é um poeta; eu já sonhei que os poetas erão assim.

Eu gosto dos poetas.

Os poetas são homens que mal vivem n'este nosso mundo, e que são senhores de mil mundos; habitão um espaço entre o céo e a terra, e fallão a língua das aves e das flores, das montanhas e dos mares, dos phantasmase dos anjos.

Os poetas são homens que sabem amar; os que não são poetas amão como todos, amão com esse amor commum que se vê todos os dias, que não tem nada de novo, que tem bem pouco de bello.

O amor dos poetas é de um fogo que se não accende na terra, é um fogo como o do sol.

Os poetas são irmãos do sol; elles são os astros que illuminão o mundo como o sol illumina o espaço.

A luz que dardejão os poetas e o sol, vem da mesma fonte, é a mesma luz santa e pura; veio-lhes do céo, sahida dos olhos do Senhor Deos.

Eu amo os poetas.

VII

Elle se chama Candido.

Tem continuado a visitar-nos; frequenta os serões do Céo cór de rosa; meu avô o estima e minha tia também.

Eu tenho por elle um sentimento tão doce...
tão socegado, que me parece que assim é que se ha de amar um irmão.

Quasi nunca se dirige a mim... não conversa comigo... parece que se esconde, que foge de todos os olhos; porque?...

Parece infeliz; gosto ainda mais d’elle por isso; a melancolia pôde tanto na minha alma!..

Um homem melancólico vale mil vez mais do que aquelle que viverindo-se constantemente.

En tenho pena d’essa gente que anda rindo-se de continuo.

Esses homens que vemos sempre a rir, a zombar, a dizer sarcasmos, a ridicularizar tudo, são como insultos que a natureza faz á terra.

A tristeza d’aquelle mancebo tem alguma cousa de solenne; elle está triste porque soffre.

A’s vezes de relance me olha... o seu olhar é então bem terno, e seus olhos quasi sempre amortecidos tem n’essas occasiões um fogo...

Desde que pela primeira vez o apanhei olhando-me assim, eu senti alguma cousa de novo em mim... eu córei; porque?... não será puerilidade córar por isso?...

VIII

Preciso conversar com o meu coração; dentro de mim se estão passando muitas cousas, que ainda não compreendo; é uma serie de contradicções... um desejar sem querer, o que eu estou experimentando.

Como foi que eu comecei a amar este moço, que se chama Candido, não é por certo um mys-
terio; vi-o de joelhos junto do tumulo de meus pais, e amei-o por gratidão: amei-o como se eu fôra irmã d’elle.

Disse a todos que o amava assim; rião-se de me ouvir, e eu não córava.

Nos primeiros dias, quando elle me olhava, seu olhar passava por sobre meu coração, tão suave, tão doce, como o sopro do favonio sobre a rosa que acaba de desabrochar.

Depois... as sensações foram outras: seu olhar não foi mais para o meu coração como o favonio para a rosa, é como a aurora para o céo; porque o céo se avermelha quando o dia amanhece e meu rosto se enche do rubor do pejo quando elle me olha.

Porque?...

Agora, quando elle está ausente, eu me aflíjo, desejo ardentemente vé-lo chegar; quando elle se annuncia, meu coração palpita; quando elle entra na sala, minhas faces córão; quando elle se chega a mim, meus olhos se abaixam quando elle me comprimenta, eu não posso responder-lhe.

Porque?...

Eu gosto de ouvir fallar d’elle; mas não pronuncio nunca o seu nome; sua imagem aparece nos pensamentos todos de minhas vigílias, e nas bellas imaginações de meus sonhos; parece que a imagem d’esse mancebo é dona de minha alma.

Porque?...

Oh! eu o estimo, e estando a seu lado, tremo; acho-o bonito, e tenho receio de olhar para elle; gosto de ouvír-o fallar, e nunca me animo a conversar com elle.
Porque?...
Ah! porque? porque, meu pobre coração?
porque é que eu sinto que já não amo esse mancebo como se fôra sua irmã? como é então que o amo agora?...

IX

Oh! que revolução se operou em toda minha vida, em todo meu ser!
Eu já sei que se ama a alguém que não é nosso pai, nem nosso irmão, e que não é nosso amigo;
eu sei em fim o que é amor: quem m’o ensinou?... foi o coração, foi a natureza, foi Deus.
O amor é uma flor que existe em botão na alma da virgem; o homem a quem se tem de amar é o sol que faz desabrochar essa flor.
E’ uma flor que Deus plantou dentro de nós, porque, quando a virgem nasce, já consigo a tem no coração.
Oh! eu já despertei a um bello grito; gritarão-me — elle te ama!... — pois eu deveria tê-lo adivinhado.
Sim! oh! sim!... eu devo crer que me ama: porque também elle córa quando encontra meus olhos? porque também treme quando me falla?
Eu revolvo na minha alma quanto se tem passado entre elle e mim, como a mão de uma menina revolve bolícosa uma cesta cheia de flôres.
Recordemos...
Uma noite... que noite! dansámos juntos... fui o seu par... nossas mãos tremêrão... quizemos fallar e não dissemos nada... ah! parece que fazendo assim é que nós dissemos tudo!...
Depois fui com duas amigas para meu quarto; contei-lhes a história do sonho do — botão de rosa: — ninguém me devia ouvir senão elas.

Em uma das tardes seguintes veio o velho guarda-portão dar-me a sua hora de música; cantou um romance; esse romance era a história do meu sonho... a história do botão de rosa. Quem escreveu estes versos? perguntou eu; foi o Sr. Candido; respondeu o velho Rodrigues.

Cheguei a crer que um gênio invisível velava em prol d'esse terno sentimento que nascia.

Fomos ao Passeio-publico: passeávamos juntos e só eu e elle: estávamos ambos tão perturbados!... eramos como dous criminosos; ouvi que alguém dizia — são dous namorados: — quasi que morri de vergonha.

Oh! não é possível encobrir mais... não é possível... não... a verdade deve-se dizer.

A flor que existia em botão dentro de minha alma abriu-se ao terno sopro d'esse mancebo; eu o amo!

Ainda não lhe disse, não serei capaz de dizer-lhe que o amo; já porém jurei a mim mesma, que hei de amá-lo toda a minha vida.

Oh! sim! eu o confesso... eu amo.

Abençoem lá da eternidade meus pais o amor d'estes dous corações, que a primeira vez que se encontrarão n'esta vida foi de joelhos ao pé de seu tumulo.

Abençoem!...

Proteja o Senhor Deus estes dous corações que, antes de se acharem unidos pelos laços de um
amor puro e santo, já se havião identificado em oração, e cahido juntos aos pés do Omnipotente ligados pela mesma fé, pela mesma esperança, e pelo mesmo pensamento.

Oh! sim! proteja.

Mas por que motivo elle, a quem eu amo, elle que me ama, foge de meu lado?... porque me não falla?... porque continua a mostrar-se tão triste como d'antes?...

Eu devo então ser bem infeliz, pois que elle não pôde mais ignorar que eu o amo, e todavia sua tristeza é sempre a mesma, sempre incurável.

E no emtanto esse outro que me desagrada tanto, quanto elle me é grato, esse outro impertinente e ousado não me deixa um instante, e ousa fallar-me de amor mesmo diante d'aquelle que amo.

Que diferença entre ambos!

Um é a modestia, que receosa se afasta e se esconde, e que por isso mesmo é mil vezes mais bella.

O outro é a presumpção que se ostenta, que se impõe, e que depois de aborrecer-nos muito, retira-se pensando que nos deixa em extasias.

Um é a palavra da virtude, que sôa unicamente para louvar o merito; é a gravidade do homem nobre, a pureza das almas candidas.

O outro é a loquacidade do vicio, não sabendo fallar senão a linguagem venenosa do sarcasmo; lançando a calumnia, a satyra, e o epigramma no meio da conversação mais séria e delicada: é, quando não falla, o aspecto de um bufo ou de um malvado com seu riso constante,
rir maledicente... rir venenoso... ou rir estúpido.

Um crê na eternidade e em Deos, e crê na honra dos homens; o outro zomba dos mysterios e não acredita na honra de ninguém. Um é o nectar da virtude... o outro é a peçonha da víbora!...

Que diferença entre ambos!...

XI

Já lá vai a noite de meus annos: contradictória, inconsequente, como tudo mais que hoje comigo se passa, ella encheu a minha alma de prazeres e de pezares.

Pela primeira vez elle tinha de cantar no Céo cór de rosa: chegou a hora de seu canto: elle veio melancólico e gracioso, e sentou-se defronte de mim.

Trouxerão-lhe uma harpa.

Aquelle mancebo pallido e triste, com cabelos tão negros e mãos tão brancas, causou-me uma impressão que eu não posso bem definir; julguei estar vendo um d’esses quadros amorosos dos tempos romanescos da idade media.

Sua voz soou... que voz! seu canto sahia-lhe d’alma; era um canto de amor.

Seus olhos embebidos no meu rosto me estiverão repetindo o mesmo, que no apaixonado canto dizia; eu era tão feliz!...

Estava orgulhosa do amor d’esse homem!

Estava suspensa... — não me achava na terra — aquelle canto me erguia em suas asas har-
— 131 —

monicas levando-me para a região phantastica, onde mora a imaginação do bardo que cantava.
Terminou o canto... mas eu fiquei ouvindo sempre aquellas doces harmonias, como se um anjo m'as estivesse repetindo aos ouvidos; era talvez o anjo de amor que cantava, e o coração amante que ouvia.
Depois elle sahio da sala; procurei-o todo o resto da noite com os olhos, com o coração e com o pensamento: não appareceu.
Porquê se retirou elle?... eu tremo.
Oh! o meu amor é tão novo, tão inocente, tão anjo como uma criancinha recemnascida e uma flôr que acaba de desabotoar-se.
Ah! pobre mãi! como é facil, apezar de tuas lagrimas, vêr morrer ali no berço a criancinha de tua alma; ah! triste arbusto!... basta um instante de tempestade para que a tua flôr caia por terra.
E o meu amor é como a criancinha, ou como a flôr; eu tremo.

XII

Eu sou como a pomba que gome solitaria; eu o sou... é bem verdade!...
Desde a noite de meus annos que nunca mais tornei a vêl-o; não será isso uma crueldade de sua parte?...
Que lhe fiz eu?... amal-o?... só se foi esse o meu crime; mais ah! não merecia tão forte castigo.
Tenho chorado muito... já se me acabârâo as
lagrimas; agora escrevo, e agora comprehendo que muitas vezes escrever é chorar com o coração.

Ai de mim! nem tenho quem me console; a ninguém ouso dizer porque choro; ninguém saberá a causa de meus tormentos; zombarião de minhas lagrimas.

Oh! é bem triste; todos devem ter padecido o que eu padeço; todos tem coração: todos devem ter amado; como é pois que se ousa ridicularizar as penas de amor?... não zombão de si mesmo aquelles, que zombão d’ellas?...

E contudo elles se riem sempre!...

Paciencia; soffrerei tudo em silencio; e se isto não é um tormento passageiro; se o meu amor tão novo, tão puro, tão extremoso foi morto por um ingrato, guardarei os restos d’elle no coração, chorarei com a minha alma de joelhos ao pé d’esse coração, que foi a um tempo o berço e a sepultura d’esse amor, como uma mãe extre­mosa chora abraçada com a urna onde guarda os ossinhos de seu primeiro filho.

Tenho a cabeça perdida... falta-me às vezes o ar... às vezes os cabellos me pesão...

A sociedade me aborrece... que tenho eu com os prazeres de toda essa gente?... ninguém me comprehende lá. Desejo estar só... muito só, conversando com as minhas saudades.

Agora a minha amiga é a noite; quando a lua é cheia e o tempo está sereno; eu passo horas inteiras reflectindo á janella de meu quart.”

Nunca me acho só n’essas horas; em baixo, no jardim, os favonios conversão com as flôres ao mesmo tempo que eu fallo com o meu coração.
As flores respondem aos favonios com a exalação de seus perfumes, como o coração me responde com as suas saudades.

E' assim que passo as noites; os dias são muito tristes, porque já perdi meus antigos prazeres.

Nem mesmo a musica me agrada... se vou tocar, páro no meio de uma harmonia para embelher-me toda em um pensamento, que ella desafia.

Não posso cantar... quasisempre choro. Agora, por exemplo, seria occasião de ir ouvir o velho Rodrigues cantar suas velhas balladas; era a hora da sesta. Não irei.

Mas... lá soa a sua voz; elle canta...
E' o romance do botão de rosa...
Eu vou....

XIII

Já compreendi tudo.

A intriga me separa do homem que amo; a calumnia me nodoa... tudo está revelado.

Minha tia fez crer ao modesto mancebo que o seu amor me afliglia; que eu supunha a minha reputação em perigo; que elle era pobre, e por isso indigno de mim.

Fecharão em meu nome as portas do Céu cor de rosa no rosto do nobre mancebo. Oh! como não terá elle amaldiçoado a primeira hora em que me vio!

Todavia... antes assim...

Não sei quaes sejam os designios de minha tia; agora porém sinto-me com forças de assoberbar a tempestade.
Sequem as minhas lagrimas.
Calumnião-me?... querem separar-me d'élle por meio da intriga?... pois bem; direi bem alto que o amo; quero que todos ouçam — eu o amo!
Amo-o tanto como amei já as meiguices de minha mãe, e a bênção de meu pai, e como amo ainda agora a memória de ambos.

E' um amor puro e santo, que sahe do âmago do coração, como um pensamento sahe dos seios d'alma.

E' um amor puro e santo que embelleza a minha vida, como a aurora que se vai sorrindo no céo, como um sorriso, que se vai abrindo nos lábios!...

Oh! volta, meu amado, volta!
Volta, para que eu seja outra vez como uma flor que se desabotôa...
Volta para que eu não seja por mais tempo no labios!... eu te amo.

Quando o mancebo terminou a leitura da história do amor da Bella Orphã, sentio que uma revolução profunda e completa se havia operado em todos os seus sentimentos.

A paixão prorompia de novo; o fogo mal amortecido pela intriga flammejava com dobrado impeto.

Os olhos de Candido brilhavão, suas faces pallidas estavam enrubecidas, e seus labios se dilatavão e sorrião-se ante o aspecto da felicidade.
Beijou mil vezes aquelas paginas, que guardavão os pensamentos, e por onde havião-se deslisado os delicados dedos da Bella Orphã; apertou-as contra o coração exclamando:
— Eu sou feliz!... eu venço o meu destino!
Lancou mão da penna, e começou a escrever com o ardor e o interesse de um poeta apaixonado.
O que escrevia elle?
Ao romper do dia Candido achava-se adormecido junto da mesa onde escreveria.
Despertou de repente ao zunido do vento.
Começava a bramar uma tempestade... o céo estava escuro; a chuva prestes a cahir.
Candida vio então os seus papeis desordenadamente espalhados pelo chão; alguns rolavão já pela escadinha do velho sotão; correu a apañhal-os, e a pólos em ordem.
Achou todos, achou mesmo toda completa a historia do amor da Bella Orphã.
Mas não achou o que elle havia escripto na noite que acabava de terminar.
Eu o exijo! — senão...

Ao tempo que o amor de Candido e da Bella Orphã vacilava entre duvidas, e ia vivendo a vida de todos os primeiros amores, ora animando-se com um sorrir de esperança, ora estremecendo diante de uma chimera, de um receio, ou de um fraco contratempo, caminhava o amor de Henrique e de Marianna ao seu desejado termo.

Poucos dias faltavão para que viesse o hyme-neu coroar aquella constancia, com que se havião sabido amar os dous.

Aproximava-se a noite do dia em que o joven do Purgatorio-trigueiro despertará ao bramir da tempestade.

Succedêra a uma manhã feia e borrarascosa uma tarde amena, fresca e bella: o céo estava
claro, a atmosfera leve, a natureza em horas de magia.

Marianna achava-se só na sala do Céo cér de rosa; Anacleto sahira; Celina tinha ido despedir-se do dia entre as flores do seu jardim.

Meio deitada no sofá, em voluptuoso abandono, com os olhos quasi completamente cerrados, com os labios levemente dilatados pelo mais graciosos dos sorrisos, a interessante viuva contemplava em sua imaginação, o quadro da ardente felicidade que a esperava; fruia de antemão todos os prazeres, todas as delícias com que durante tão longos annos debalde sonhara.

Seu mundo estava ali... dentro d'ella; dentro d'ella, em sua imaginação, reunia em bello grupo todos os entes que amava; conversava com elles, sorria-se para seu pai, recostada ao seio de Henrique.

Nem uma só nuvemzinha escura n'aquelle imenso céo bello e sereno que estava creando; era uma d'essas horas magicas, que em vão se procura nos dias que se passa na terra, horas que se vive meio-dormindo, meio-acordado quando se está só, e se está sonhando...

Era uma d'essas viagens encantadas, viagens longas, de dezenas de annos, e de milhares de legoas, que se faz com os olhos fechados, com o sorriso nos labios, sem mudar de posição, e às vezes em uma só hora, em cinco minutos, ou mesmo em rápidos instantes.

Estava pois Marianna embebeda n'aquelle mar de gozos immensos, n'aquelle mundo de abstracções delectosas, quando...

Talvez mesmo passava n'esse momento por
diante de seus olhos a mais cara de suas imagens; porque ella apertou as mãos com indizível ardor contra o coração, e exhalou um anhelante suspiro; quando souu o rodar de uma carruagem, que parou á porta do Céo cór de rosa.

A viuva soltou um pequeno grito, e ergueu-se inopinadamente.

O mundo abstracto acabava de esvaecer-se; a realidade fria e pesada chegava.

O rosto expansivo e bello de Marianna contra-hia-se dolorosamente.

Tinha reconhecido o rodar d'aquella carruagem: aquella carruagem trazia-lhe um tormento sempre que parava junto do alpendre do Céo cór de rosa.

A porta da sala abrio-se.
— O. Sr. Salustiano; disserão.
— Que entre; murmurou a viuva.

E o rosto de Marianna tomou uma nova expressão; tornou-se frio, mas socegado.

Salustiano entrou, e veio sentar-se junto da viuva.

Encontravão-se ainda uma vez a sós esse homem, e essa mulher que se aborrecião tanto.
— Parece que um anjo bem-fazejo me protege, disse Salustiano: sempre que desejo fallar a V. Ex. sem testemunhas, uma occasião própria se me oferece.
— Hoje então...
— V. Ex. se admirava talvez de me não vêr ha muito tempo, não é assim?... perguntou sorrindo-se o mancebo.
— Oh! não; respordeu seccamente Marianna;
V. S. deu-nos o prazer de passar comosco o último serão; foi ainda ha dous dias...

— A resposta não parece das mais lisonjeiras; mas tambéme porque me não fiz compreender: eu dizia que V. Ex. talvez já se admirasse de me não vêr procurar alguns momentos em que podesse fallar-lhe a sós.

— Tambémenão: pensava ao contrario que V. S. já tinha exigido de mim tudo quanto exigir podia, e que pela minha parte eu já me havia mostrado obediente de mais.

— Demos que assim fosse; não quereríapórém V. Ex. pedir-me a entrega de alguma cousa, que julgasse pertencer-lhe?...

— Confesso que não pensava em tal: confiava na sua honra, e julgava que não seria preciso pedir-lhe o que o dever ordenava a V. S. que me entregasse.

— Oh! mil vezes agradecido; V. Ex. pela primeira vez em sua vida parece acreditar na honra do mais humilde de seus escravos.

— Senhor... de que serve aqui a ironia?

— Já vejo, minha senhora, que conserva todas as suas antigas disposições; ama a verdade, e a singeleza sobretudo.

— Entendamo-nos, senhor, disse Marianna com sangue frio: devo crer que não foi simplesmente para zombar de mim, que teve a complacência de vir hoje a esta casa.

— Oh! não, por certo.

— Pois então fará o obsequio de explicar-se: estamos sós: o que quer de mim ainda?...

— Primeiramente eu vinha depositar aos pés
de V. Ex. os mais sinceros parabéns pelo seu próximo casamento.
— Agradecida.
— Oh! eu tenho uma inveja desesperada de um noivo de moça bonita: acreditará V. Ex.?... estou louco por casar-me.
— Felizmente para V. S. o remédio é fácil.
— Então aconselha-me?...
— Que se case.
— Esse é o meu desejo, certamente; e como em V. Ex. se concentra toda a minha esperança, eu não hesitei em correr a seus pés...
— Senhor...
— Fallemos com claraza: não ignora, que amo a sua sobrinha.
— Sei ao mesmo tempo que minha sobrinha não o ama.
— E' verdade; disse com sangue frio imenso Salustiano: e se eu tivesse podido agradar à Bella Orphã, acredite V. Ex. que dispensava completamente a sua intervenção.
— E não tendo podido agradar-lhe, senhor, a minha intervenção será sempre improfícua.
— Tenho a certeza do contrário.
— Estou hoje convencida de uma verdade que V. S. adivinhou antes de todos; minha sobrinha ama já.
— E' uma dificuldade, convenho; mas...
— Quereria por acaso ligar-se a uma senhora que amasse a outro?...
— Sua digna sobrinha, minha senhora, tem a educação da virtude.
— Oh! mas a educação da virtude, abafa, porém não mata nunca o amor!... a mais nobre,
a mais pura das virgens, que se desposasse com um homem, amando ao mesmo tempo a outro, sem querer, a despeito de esforços inauditos, seria infiel na alma a seu esposo.

— Mas uma virgem cristã...

— Uma virgem cristã não desposa o homem, que não ama. Deos proíbe esses laços sem nobreza: são laços ilegítimos: em tal caso, ou não há verdadeiro casamento, ou o casamento é um sacrílegio.

— Quantos sacrilégios tem portanto havido n'este mundo?... disse Salustiano.

— Não é uma razão para que continuem a haver-los.

— Pode ser que V. Ex. tenha toda razão; tornou o moço descansando uma perna sobre outra; mas o peior é que, ou eu me engano muito, ou me acho desesperadamente apaixonado; e consequintemente surdo á voz da razão, cego á luz da verdade, vinha dizer a V. Ex. que eu teria o maior prazer d'este mundo, se no dia do seu casamento se assignassem as escripturas do meu.

— Creio que não conseguirá o que pretende: minha sobrinha é mais forte e decidida do que parece, e meu pai ama-a muito para querer sacrificar-a.

— V. Ex. nada fará por mim!...

— Eu não posso fazer nada.

— Sejamos francos, minha senhora, pela ultima vez, sejamos francos; demos cartas para jogarmos a ultima partida.

A voz de Salustiano tinha mudado de tom, como seu rosto tomará uma expressão physio-
nomica toda nova; era o senhor que se erguia diante da escrava.

No semblante de Marianna apenas uma ligeira contracção dos músculos labiais atraiçoou seus padecimentos interiores.

— Sejamos francos, disse Salustiano; eu sei que a minha presença n'esta casa é incomoda a todos; sei que seu pai me aborrece, que sua sobrinha me despreza e que a senhora me odeia, como a vítima odeia o algoz.

Marianna não pronunciou uma só palavra, não fez mesmo o menor sinal, o mais leve movimento para desmentir Salustiano.

O mancebo proseguio:

— E no emtanto, senhora, tudo parece ser disposto por um poder superior para que eu me ligue a esta casa.

— Poderes superiores, senhor, concebem-se de diversas naturezas; observou Marianna.

— Um feliz acaso, já o tenho dito muitas vezes, continuou Salustiano, pôz a mais soberba e orgulhosa das mulheres sob a dependencia do mais fraco e humilde dos homens.

— Que humildade!...

— Mas tudo devia ser compensado; e assim como esse feliz acaso me deu aqui o caracter de senhor, o meu coração e o meu amor me faz curvar a cabeça como um escravo.

— E o que mais? o que mais?...

— Eu vim mesmo encontrar n'esta casa recordações da minha infância: ha alguns mezes um velho occupa aqui o lugar de guarda-portão, e esse velho, senhiora, vio-me nascér, vio-me cres-
— E' possível?! exclamou Marianna: um traidor! um espião!..
— Não; nada de injustiças, respondeu Salustiano; eu e esse homem não somos nunca amigos; e, além disso, acho-me hoje no caso de pedir dizê-lo; porque tenho sabido velar por meu amor; o velho Rodrigues é protetor do jovem Candido; elle entra todos os dias no purgatório-trigueiro, e, ou o ciúme não sabe adivinhar segredos, ou esse maldito velho tem concebido o pensamento de ligar o seu protegido à Bella Orphã.

— Emfim, senhor...
— Emfim, senhora, estamos hoje dependendo um do outro: somos dois fúriosos inimigos; uma dependência mutua pôde tornar amigos devotados. Uma palavra diz tudo: um documento por uma mulher, senhora !...
— Que audácia !...
— Trocaremos, no mesmo dia, a mão de uma jovem bella por meia folha de papel de peso.
— Que sarcasmo !...
— Oh!... mas não é simplesmente meia folha de papel de peso! é um nome que se pôde atirar ao meio da rua... é uma reputação que se pôde nodoar para sempre...
— Senhor !...
— Escolha.
— E' uma infamia !...
— Embora; fará com que sua sobrinha seja minha esposa ?;
— Nunca.
— Bem : vingar-me-hei.
— Embora! exclamou Marianna com ardor; já me tenho curvado de mais, já tenho arrastado meu rosto pela terra muitas vezes, já tenho compromettido a salvação de minha alma: minha alma que se purgue de seus erros, que expie suas culpas na humilhação e nos tormentos que me esperão!
— Oh! como lhe parecer.
— Já tenho sido fraca de mais! minha reputação... não tem sido ella quasi que nodoada já? não consenti por ventura, que se persuadissem que eu amava um homem que aborrece, eu, mulher casada, não passei por namorada de um moço sem nobreza? não se lembra, senhor, d'essa terrível noite em que um cravo rajado passou de meu peito para seu seio?... que disserão todos? disserão uma calumnia; mas quem teve culpa d'essa calumnia foi a minha fraqueza.
Salustiano levantou os hombros e sorriu-se.
— Ainda há poucos dias, senhor, para não revolver mais o passado, ainda há poucos dias não pratiquei uma indignidade?... não caluniei minha innocente sobrinha fazendo um honrado mancebo acreditar, que ella o desprezava por ser pobre? não batí com a porta de minha casa no rosto d'esse mancebo?... oh! o que quer mais?... o que pretende ainda?... devo eu ser miserável toda a minha vida? não repara que uma vida assim é pesada como um fardo enorme? não! não! e não!... faça o que lhe parecer: perca-me, mas pela minha parte basta de humilhar-me ante um homem sem generosidade.
— Bem, disse com frieza Salustiano; posso então fazer da carta que pára em minhas mãos o uso que me parecer?...
— Que indignidade!...
— Não responde?
— Faça o que quizer.

Oh! vê-se bem que a senhora não se lembra do que escreveu há vinte e um annos passados!
— Senhor!
— Cuida que nesse papel existe apenas a confissão de uma falta que às vezes o mundo desculpa?... não, senhora! ali se confessa um erro e um crime!
— Senhor!...
— Um crime que horroriza a natureza... um crime pelo qual a justiça de Deos ha de condemná-a a penas terríveis, e a justiça dos homens pôde arrastá-la ao banco dos condenados, ao carcer, ao patibulo mesmo!
— Senhor...
— Oh! quem diria que esta mulher orgulhosa e insolente, que se apresenta em toda a parte com a cabeça tão levantada, carrega sobre a cabeça o mais horrível dos crimes?...
— Miserável!
— Sim... sim... miserável embora; mas este miserável pôde aparecer com o rosto descoberto!... senhora, tudo está decidido: eu rompo o seu casamento, eu mato a sua ventura, eu vingo-me!

Marianna arquejava.
— Primeiro irei ter com o homem, que loucamente lhe ama, e mostrar-lhe-hei a sua carta... ou... se não... ah!... que idéa!...
O mancebo soltou uma risada: Marianna não achou em seu furor uma palavra para dizer-lhe.
— Tudo pode acabar em paz, minha senhora, disse com fingida amabilidade Salustiano: não haverá nem banco de condenados, nem carcer, e muito menos patíbulo; a senhora casar-se-ha com aquelle que ama, e eu desposarei a jovem que adoro.
Marianna ficou olhando, e o terrível moço prosseguiu:
— Dispenso também a sua intervenção; achei um bello meio... que estupidez a minha!... deveria tê-lo ha mais tempo lembrado: apparece apenas um inconveniente: ha um velho que talvez morra de desgosto... paciência.
Marianna estremeceu.
— A manhã, senhora, terei uma hora de conferencia com o honrado, austero e amoroso Sr. Anacleto: quando eu o deixar só levarei a certeza de ser o esposo de Celina, e elle ficará mudo e terrivel, pallido como um cadáver, e se fallar, fallará para amaldiçoar sua filha.
— Oh!...
— Porque elle ha de saber (ha de saber pela propria letra da senhora), que a filha de seu coração, que a orgulhosa e bella Marianna, no meio das mil loucuras de seus primeiros annos, amou um homem... e amou tanto... tanto... tanto... que perdeu-se por elle!...
Marianna escondeu o rosto entre as mãos.
— Ha de saber mais, que depois de comettida a primeira falta, cometteu ainda um crime abominável; ha de saber que sua filha, em resultado de um momento de embriaguez, tinha
de ser mãe; que inspirada pelo demônio, não o foi não; foi mãe... porque... porque...
— Oh!... bradou Marianna.
— Porque matou seu filho.

Sucedêrão a essas terríveis palavras alguns momentos de silêncio: Marianna estava convulsiva, tinha os lábios pallidos, o rosto cadáverico, as mãos estendidas para diante, e tremuladas como se quizesse defender-se de algum objecto; e com os olhos pasmos e terríveis, parecia talvez estar vendo diante d’ella a imagem do filho que havia assassinado.

Depois de algum tempo ella murmurou fracamente.
— Infantecidio... iufantecidio...
Soltou um grito, e desatou a chorar.
Salustiano, insensível e silencioso, esperou muito tempo que Marianna socegasse um pouco. Quando a vio menos sobressaltada, disse-lhe:
— Então, senhora?...
— Perdão, senhor; balbuciou a desgraçada pondo-se de joelhos.

Salustiano ergueu-a, fê-la sentar e continuou:
— Nada do que ouviu será sabido: no dia em que eu me casar com sua sobrinha, queimaremos junto a carta fatal.
—Mas o que é que eu devo fazer... perguntou a misera viuya.
—Primeiramente fazer com que esse mancebo que mora no Purgatorio-trigueiro, desapareça d’estes logares; conseguir d’elhuma carta para sua sobrinha; carta em que se apague toda a esperança de amor.
— Oh! mas isso é impossível.
— Nada é impossível, senhora.
— Porém de que modo consegui-lo isso?...
— Uma mulher que se ajoelha e chora aos pés de um homem, consegue tudo, principalmente quando esse homem é um moço.

Marianna abaixou a cabeça.
— Depois, prosseguiu Salustiano, convirá que seu pai se interesse a meu favor, convirá que a Bella Orphã ouça os seus conselhos, e até os seus rogos; e, em último caso, é preciso que se imponha.
— E se ela resistir?...
— É uma criança; resistirá ao principio, chorará depois, e cederá no fim.
— Está bem.
— Não voltarei a esta casa, concluiu Salustiano levantando-se, senão na véspera de seu casamento, e então... ou se hão de assignar as escrituras do meu, ou... a senhora o sabe...

Salustiano saiu.
— Meu Deos!... meu Deos!... exclamou Marianna dolorosamente; eu não pensava que a minha desgraça fosse tão grande!... eu não me lembrava de ter escrito a confissão do último crime!... Oh!... isso foi loucura... a loucura que me fez escrever tal, é o primeiro castigo da Providência!...

Quando Salustiano deixou o Céo cór de rosa, o velho Rodrigues estava socegadamente sentado na porta do alpendre... mas não cantava como de costume.
N'essa mesma tarde, em que Marianna fora perturbada, e arrancada do seu bello sonhar de alegres phantasias pelo rodar de uma carruagem, e ao mesmo tempo que na sala tinha lugar uma scena dolorosa e terrível, no jardim do Céo côr de rosa outra se apresentava mais doce, mais terna, mais cheia de esperanças.

Celina, fiel aos iunocentes amores de sua infancia, pois que, como ella dizia, tinha amado n'essa idade feliz o primeiro raio do sol e as flôres, estava sentada no banco de relva do caramanchão, melancolica e pensativa.

Tinha na mão direita um botão de rosa, que acabava de colher; ás vezes olhava para elle e suspirava; ás vezes deixava cahir a cabeça e meditava; ás vezes emfim, córando de si mesma,
erguia a cabeça e lançava os olhos para o lado esquerdo...

Ao lado esquerdo, e dominando o caramanchão, estava uma pequena janella do sotão do Purgatorio-trigueiro.

Celina era uma d'essas jovens de imaginação viva e ardente, que a natureza cria como para serem estrellas do céo dos poetas. Essa viveza, esse ardor de imaginação transpirava em tudo...

Aquelle sonho do botão de rosa... aquelle coração que se escondia em um envoltorio tão inocente e tão puro... aquelle amor começado por uma oração; aquelles laços que se tinham apertado aos olhos de Deos e á face de um tumulo; aquelle historia que ella mesma escrevera em uma hora de feliz melancolia, tudo emfim demonstrava, que na alma d'essa moça havia o quer que seja de poesia, de amor do bello, de modo de ver de artista.

Mas se essa viveza, se esse ardor de imaginação era ainda um encanto de mais na Bella Orphã; encanto que a tornava dobradamente encantadora, era ao mesmo tempo uma lente mágica, que agigantava seus infortunios e seus pezares.

A imaginação faz do poeta o mais feliz, e ao mesmo tempo o mais desgraçado dos homens; porque na fruição de prazeres, e no soffrimento dos desgostos o poeta goza mais do que ha, e sofre o dobro do que em realidade existe.

Celina achava-se n'este caso.

E ella n'essa tarde, como em todas as dos ultimos dias, estava sentada no banco de relva do
caramanchão meditando tristemente, quando a passos vagarosos e com semblante prazenteiro se aproximou do lugar, onde se achava a moça, o velho guardãopartão.

Celina olhou para elle com doçura, e quasi com esperança: aquelle homem de ordinario acertava de lhe fallar sobre o jóven do Purgatorio-trigueiro.

— Sempre triste!... disse o velho.
— Pois então... murmurou a moça, devo acaso estar alegre?...
— Digo que não ha razão... para tão longas melancolias.
— Quando talvez julgão mal de mim... disse corando a Bella Orphã.
— Elle já conhece toda a verdade.
— Quem lh’ha expoz?...
— Não fui eu.
— Mas quem foi?...
— Senhora, abusaráo de um segredo... roubarão-lhe uns papeis... uma historia de amor...
— Meu Deos!...
— N’essa historia do seu amor a sua justificação estava completa...
— E então...
— Aquelle que lh’ha roubou levou-a ao Purgatorio-trigueiro, e entregou-a ao Sr. Candido...
— Oh!...
— Elle portanto não pôde mais julgar-a ingrata e má: a sua historia contou-lhe tudo.

A Bella Orphã levantou a cabeça, e com o rosto todo rubor de vergonha, exclamou ajuntando as mãos:

— Porém de hoje em diante julgar-me-ha
leviana... sem nobreza de sentimentos.* sem modestia... talvez mesmo sem este pudor, que agora me está queimando o rosto!!
— Não, não, respondeu o velho; o Sr. Candido também sabe, que se pôde furtar papeis.
— Como?...
— Depois que elle acabou de lêr a sua historia escreveu quasi toda a noite, e adormeceu sobre a mesa onde escrevia: a tempestade d'esta manhã o despertou, e quando o pobre moço foi pôr em ordem os seus papeis, achou de menos um...
— Qual?
— O que elle tinha escripto depois de lêr a sua historia.
— E quem o furtou?...
— A velha Irias, senhora.
— Oh! mas com que fim?...
— Para pagar-me o trabalho de lhe haver furtado a sua historia.
— Ah! Sr. Rodrigues ..
— Nada de reprehensões! disse o velho interrompendo Celina; a senhora e aquelle mancebo são meus filhos... eu amo a ambos, e quero que ambos se amem.

A voz do velho Rodrigues teve n'aquelle momento um não sei que de tão doce e tão solenme, que a Bella Orphã abaixou a cabeça, e ficou em silencio por algum tempo.

Finalmente, não se achando com animo deprehender o guarda-portão, Celina contentou-se com dizer em voz muito baixa:
— Mas agora... a minha historia... eu a quero.
— Eis o que pude obter... disse o velho tirando uma folha de papel do bolso, e entregando-a a Celina.

A moça recebeu automaticamente o que lhe dava Rodrigues, e vio que logo depois o bom velho se retirava como chegara, com passos vagarosos, mas com semblante socegado e prazenteiro.

— Os meus papeis!... a minha história!... exclamou Celina logo que se vio só.

E abrindo o que lhe deixara o velho Rodrigues, de repente soltou um pequeno e abafado grito de admiração.

Ficou muito tempo hesitando: córou e empalideceu, e hesitou de novo muito tempo; mas, finalmente, leu.

A imaginação ardente de Candido tinha produzido um canto arrebatado, e cheio de fogo: a história do amor da Bella Orphã havia arrancado o coração do mancebo do abysmo de profunda tristeza, onde arquejava, e feito rair em sua alma o bello sol da esperança com esses raios puros e brilhantes, mercê dos quaes a vida do homem parece nadar em um mar de luz, de magia, e de supremos gozos.

Os antes privilegiados em quem a natureza accendeu essa chamma sagrada, a que se dá o nome de poesia, amão, cultivão o objecto de seus amores, aborrecem, e demonstrão o seu aborrecimento de um modo especial, de um modo que é só d’elles, e de seus irmãos no engenho. Os artistas e os poetas amão, e vingão-se como nhuns outros no mundo: amão e vingão-se com a penna, com o pincel, no papel e no marmore... immortalisão seu amor, e sua vingança.
A's vezes uma hora de fogo para esses homens é mais profícua do que um século para os outros.

Candido tinha tido uma dessas horas felizes; derramava enchentes de poesia no cântico da esperança, e convertêra em hinos de amor seu coração agradecido.

Celina havia começado a ler receosa e tremula; pouco depois o fogo que animava o poeta, foi ardendo também na alma da virgem, que finalmente cedendo aos impulsos da natureza, acabou por ler com paixão e entusiasmo os juramentos de amor d'aquelle, que ella amava tanto.

Quando a Bella Orphã chegou ao fim da ultima pagina, era já a hora do crepúsculo, hora voluptuosa e phantastica, em que não é dia nem noite, hora de sonhos e de chimeras certamente; sonhos e chimeras porém, que todas as realidades desta vida não podem pagar nunca.

Celina docemente recostada no banco de relva do caramanchão ficou meditando muito tempo: não via mais os arbustos cobertos de flores, que tinha diante de si; não ouvia mais o ruido que fazia o favonio brincando com as flores; estava vivendo no mundo encantado da imaginação; estava vendo a figura graciosa de Candido, vibrando as cordas de sua harpa, e ouvindo sua voz harmoniosa e terna entoar o canto do poeta amoroso, como na noite de seus annos:

* Iguaes são no fado que tem a cumprir,
* Iguaes n'um mysterio a bella e a flôr;

Se a flôr tem perfume, que o prado embalar

E' delio perfume da bella o amor.
Os olhos da bella moça ora se fitavão sobre um objecto, que ella então nem via, ora vagavão indiferentes e incertos... até que uma vez...

Celina fez um movimento e lançou os olhos sobre a janelleta do Purgatorio-trigueiro... a janela estava aberta, e junto d'ella um joven bello e gracioso embebia suas vistas na encantadora figura da moça... era elle... era Cândido.

O filho adoptivo de Irias havia chegado á janela, vira a Bella Orphälendo, conhecera os seus papeis, e arrebatado de prazer e de entusiasmo abriu a janela, e tinha ficado em terno extasis, devorando com olhares ardentes os encantos d'aquella que adorava.

Celina ergueu-se um pouco... não mostrou nem pejo nem espanto: Cândido lhe aparecia em um momento de fogo immenso de imaginação: nem elle nem elle estavão em si: o poeta e a bella acima do mundo... acima dos homens, vivião n'essa hora, no espaço encantador que as almas habitão em completa independencia da materia.

Com os olhos fitos um no outro, como dous magnetisados, com os labios dilatados por doce e terno sorriso, elles ficarão olhando-se muito tempo... muito tempo... vivendo, amando-se, gozando-se pelos olhos!

Nem uma palavra de seus labios... nem um movimento de seus braços... para que?... o que poderião dizer e significar elles?...

As almas de ambos patenteavão-se, conversavão, juravão de mil modos um amor puro e celeste n'aquella olhar fixo e ardente, com que os dous amantes se estavão devorando.
O magnetismo de amor os dominava.
A' face do céo e á luz do crepusculo celebrava-se ali um hymeneu encantado.
O templo era o jardim: amor era o sacerdote, as testemunhas erão os favonios e as flores.
Os noivos erão aquelles dous corações; desde esse momento Cândido e Celina ficavão sendo esposos na alma: não se havião dado as mãos; mas tinhão-se enlaçado pelos olhos.
O anniversario.

A'quelle dia tão cheio de acontecimentos de immensa importância para os amores de Marianna e Celina, tinha de seguir uma noite não menos fértil ainda.

Erão oito horas.
A voz da velha Irias acabava de chamar a Candido para cear.

O mancebo, alegre como nunca o estivera em toda sua vida, desceu as escadas do velho sotão, e entrando na saleta do Purgatorio-trigueiro, encontrou sua mãe adoptiva risonha e prazenteira, como em nenhuma outra noite se mostrara a seus olhos.

Era talvez uma noite de festa aquella que se estava passando na pobre casa; sobre a mesa havião dous pratos de mais; contra todos os an-
tigos hábitos uma garafa de vinho, e dous copos se apresentavão aos olhos de Candido; e para que nada faltasse, um vaso de flores naturaes ornava a mesa.

— O que é isto, minha mãe?... perguntou Candido sorrindo-se.

— É uma noite de prazer, meu filho, respondeu a velha; e graças a Deos que o teu rosto se está parecendo com o meu coração: sorriem-se ambos. Estás alegre hoje?...

— Oh! muito! muito!... tanto que tenho medo do meu prazer.

— Porque?...

— Porque receio sentir-me dobradamente infeliz ao depois.

— E qual é o motivo da tua inesperada alegria hoje?...

— Minha mãe, eu vos peço perdão; mas é um segredo do meu coração.

— Pois bem... eu o respeito.

— E será igualmente um segredo do vosso, o prazer que vos transpira no rosto, e que em tudo mais se demonstra em nossa velha casa?...

— Segredo ou não... eu t’o direi.

— Quando?...

— Mais tarde.

— Bem... esperarei; mas dir-me-veis hoje?

— Sim; depois de cearmos.

— Pois ceiemo.

A velha e o moço sentarão-se, e começarão a comer com a melhor vontade.

— Minha mãe, disse Candido, nunca me senti tão feliz!...
— Nem eu tão alegre, meu filho: bemdito seja Deos!...
— Qual de nós terá razão?
— Nós ambos.

Acabado o primeiro prato, a velha encheu os copos, e disse:
— Candido, bebamos este copo de vinho pela causa do meu prazer e pela tua ventura.
— Oh! sim! minha mãe!...
— A saúde d'esta feliz noite! exclamou a velha com as lagrimas nos olhos.
— Sim... sim; e também á felicidade da tarde qne passou!

Os copos esvaziáram-se.

A cea prolongou-se até ás nove horas: a velha e o manceho conversavão alegremente: nunca uma noite igual se havia passado no Purgatorio-trigueiro.

Quando terminada a cea, a velha escrava de Irias acabava de retirar-se, Candido lembrou á sua mãe adoptiva a promessa, que lhe tinha feito.
— Já ceámos, minha mãe; e eu estou ancioso por conhecer o vosso segredo.
— Ainda não... creio que ainda é cedo: que horas serão?...
— Mais de nove.
— Pois espera até ás onze.
— Porque então?
— E' uma puerilidade. . quero começar a falar ás mesmas horas, em que me batêrão à porta.
— Em que vos batêrão à porta?...
— Sim.
— E para que? perguntou Candido curioso.
— E' a minha historia... é o meu segredo.
— Vós aguçais a minha curiosidade, minha mãe!
— Tanto melhor.
— Fallai por quem sois!
— A's onze horas da noite.
— E até lá o que faremos?
— Eu, respondeu a velha, pensarei no presente que me trouxerão a essa hora.
— E eu?...
— Tu... ora... tu podes muito bem pensar na tua ventura da tarde que passou.
— Dizeis bem, senhora!... exclamou o mancebo.

E fechando os olhos, com os lábios dilatados pelo mais gracioso dos sorrisos... pensou em Célina, até...

Até às onze horas da noite.
Quando os sinos derão o signal d'essa hora, Cândido, como despertando de um somno feliz, exhalou um profundo suspiro, e, abrindo os olhos, vio Irias sentada diante d'elle:
— Onze horas! disse o mancebo.
— Sim, é tempo, respondeu a velha; eu vou fallar...

Irias e Cândido respirarão e arranjárão-se em suas cadeiras, como se aquella tivesse de contar, e este de ouvir uma d'essas longas historias que se contão nas noites de inverno: e a velha falou:
— Ha vinte e um annos...
— Ha vinte e um annos?!! exclamou o mancebo interrompendo Irias; ha vinte e um annos?!! não é essa a minha idade?
— Creio que sim.
— A vossa historia tem pois relação...
— Saberás, se me quizeres ouvir.
— Fallai, disse Candido torcendo as mãos com vivos signaes de impaciente curiosidade.
A velha continuou:
— Era noite; mas não como esta, que vai indo fresca e bella com seu magestoso e claro luar: era uma noite de tempestade; a chuva cahia a cantaros... os fuzis accendião com intermitencia cheia de temores um fogo infernal, que cegava; os trovões fazião estremecer os moveis, e as casas...
— Má noite!... murmurou pensativo o mancebo; má noite!... que presagio!...
— Que é isso? disse Irias; fazes-te melancolico?
— Não é nada; continuai.
— Eu estava de joelhos diante da imagem de Nossa Senhora das Dores... resava tremendo pelos navegantes... e por mim: nossa escrava respondia ás minhas orações... a tempestade... a trovoada continuava cada vez mais horrivel; quando ás onze horas...
— A's onze horas...
— Uma mão pesada e forte bateu á porta de nossa velha casa... corremos ambas, eu e a escrava: « quem é?... » perguntei.
— Abra pelo amor de Deos; disserão da rua.
Abri.
Recuei espantada diante de um vulto que entrou: era um homem alto e envolvido em longa capa negra.
— Nada receie, disse elle sem se desembaraçar.
— Quem é o senhor? e o que quer de mim?... perguntei.

Em vez de responder-me, o homem fechou a porta por onde acabava de entrar, e ao som dos trovões... perguntou-me:
— A senhora é christã?
— Eu resava quando o senhor bateu, respondi.
— Pôde-se resar e não crêr, tornou-me perguntou se é christã, se sabe sêl-o.

Por unica resposta mostrei-lhe a imagem de Nossa Senhora das Dores, a cujos pés tinha eu estado ha pouco.
— Nossa Senhora das Dores! exclamou o homem desconhecido; o symbolo da maternidade! a mãé de todos os homens!... de joelhos pois, senhora.

Eu me ajoelhei de novo diante da imagem; e o desconhecido proseguio:
— Em nome da mãe de Deos, que é também, e principalmente, a mãe dos orphãos e dos pobres, aceita, mulher, como teu filho esta infeliz criança recemnascida, que não tem por si no mundo senão o olhar piedoso, que do alto do céo está sen duvida lançando sobre elle a virgem...

— E tem tudo portanto! accrescentei eu com o coração cheio de té.

O desconhecido lançou para trás a capa, e entregou-me uma innocente criançinha recemnascida, que acabava de fazer o seu passeio no mundo ao clarão dos relampagos, e ao som dos trovões.
Recebi-a de joelhos como estava; era tão galante essa criança! jurei amal-a como se tivesse sahido de minhas entranhas; jurei pela Santa Virgem, que seria sua mãe.

A criança dormia tão socegada!

Olhei para a imagem da Senhora... pareceu-me que se sorria... que me estava animando com um olhar protector...

A chuva tinha parado... os trovões não se ouvião mais: era sem duvida um milagre de Nossa Senhora.

Examinei a criança... era um menino.

— Como se chama este menino? perguntei.
— Ainda não tem nome.
— Que nome lhe darei?
— O que quizer.
— Sua família?

— Pois não está vendo que é um engeitado?
— Bem, eu o adopto; é meu filho.
— Deos lh'o ha de pagar, disse o desconhecido: mas a senhora é pobre... eis-aqui com que pagar-lhe a ama: depois... se elle viver, uma mão mysteriosa cuidará em sua educação; como um amigo incognito velará por elle.

E deixando sobre a mesa uma bolsa cheia de ouro, o desconhecido envolveu-se de novo em sua capa, abriu a porta e desapareceu.

A noite já estava bella e clara; bella e clara como o dia.

Fiquei só com o menino.

— E esse menino, disse tristemente Candido, esse menino era eu.

— Examinei-o todo, continuou a velha; e nem uma letra em suas roupinhas para designar
sua família, e nem um signal em seu corpo para fazê-lo conhecido de seus pais.

— Oh!... e minha mãe, senhora?... perguntou Candido.

— Abençoada seja essa noite, exclamou a velha sem attender a seu filho adoptivo: tu, Candido, foste crescendo ao pé de mim sempre bello, feliz e engraçado: de anno em anno, á mesma noite ás mesmas horas, o homem desconhecido, embugado em sua capa negra, vinha agradecer-me os cuidados que o meu amor gastava contigo, e deixar-me ora uma bolsa repleta de ouro, ora uma carteira contendo somma considerável em relação ás pequenas despezas, que me obrigavas a fazer.

— E esse homem nunca falhou? nunca disse nada a respeito de meus pais?...

— Nunca: é tu eras tão pequeno, que já não me veio á lembrança contar-te a história d'essa noite: depois, quando chegaste aos treze annos de idade, esse homem te veio arrancar dos meus braços... e sabes quanto tempo estivemos separados!

— Oh! eu o vi então! esse homem de vestidos negros... eu me hei de lembrar sempre...

— Voltaste, continuou Irias, e é esta a primeira noite de teus annos, que passamos juntos depois da tua volta. Quiz referir-te o que se passou n'essa noite, que começando em tempestade, acabou tão bonança: oh! foi uma bella noite! bem feliz!... bem ditosa para mim.

— A noite em que me enjeitároo!!! balbuciou o mancebo.
— Todos os dias agradeço a Deus a felicidade de me ter feito tua mãe, porque tu és a consolação e amparo da minha velhice.
— Obrigado, senhora.
— Porque tu me amas como eu te amo.
— E’ certo.
— Porque tu me fazes ditosa, e has de ser ditoso também.
— Ah! quem sabe?!
— Has de sê-lo; a Senhora das Dores presidio á hora feliz em que te eu adoptei; tu és seu filho também... confia n’ella.
— E’inha mãe!... exclamou o mancebo.
— E que outra melhor mãe do que ella?...
— Oh! nenhum... mas aquella que me concebeu tem direito ao amor do meu coração!... oh! minha mãe!... minha mãe!... para que eu enxugue suas lagrimas se ella chora...
— Espera.
— Tanto tempo!!!
— Espera; confia na Santa Virgem, a quem te recommendei quando te recebi em meus braços; a Santa Virgem te mostrará tua mãe...
— Oh! que eu a veja!...
Batêrão na porta.
— Batem... disse a velha.
— Quando eu pedi minha mãe!...
Batêrão de novo.
— E’ talvez elle...
— Quem?...
— O desconhecido.
Cândido lançou-se para a porta, que se abriu imediatamente.
— Entrou um vulto preto.
— E' elle! exclamou a velha.
— Não, respondeu Cândido; é uma senhora de mantilha.
A mulher de Mantilha.

A mulher de mantilha que tinha acabado de entrar, ficara em pé e silenciosa junto da porta.

Trazia tão fechada a mantilha, que apenas se podia descobrir os olhos, que erão negros e brilhantes.

— Minha senhora, disse Candido, aqui está uma cadeira.

A desconhecida estendeu fora da mantilha um braço perfeitamente torneado pela natureza, e com uma mão delicada e fina tomando a de Candido, puxou para si o mancebo, com voz muito baixa disse:

— Eu preciso fallar a sós com o senhor.
— Comigo? a sós?...
— Sim.
— Prefere conversar aqui mesmo, ou quer antes subir ao meu quarto?...
— Prefiro o lugar onde mais livremente poder fallar-lhe.

A voz da desconhecida estava tremula: Candido pretendia debalde lembrar-se em que ocasião, e onde tinha já ouvido uma voz, que se parecia com aquella: sentia ao mesmo tempo uma curiosidade immensa de conhecer essa mulher, que a taes horas e por tal modo o viera procurar.

— Minha mãe, disse elle voltando-se para Irias, a senhora quer fallar-me sem testemunhas; eu vos peço licença para subir com ella ao sotão.

— Meu filho, respondeu a velha, a casa é tua; dá a mão à senhora.

Candido offereceu a mão à desconhecida, e a guiou pelo corredor á escadinha do sotão.

A velha acompanhou a ambos com um olhar curioso, que se podia traduzir assim: que mulher será esta?... que relação haverá entre ella e Candido?...

Uma unica e fraca luz estava accesa no sotão do Purgatório-trigueiro; e logo que ali entraram os dous, Candido ia accender outra vela, mas a desconhecida o susteve, e disse:

— Basta a que existe.

O mancebo comprehendeu que aquella mulher contrafazia a voz: pretenderia ella não se dar a conhecer?...

— Perdoai, senhora, a desordem d'este quarto, disse Candido.

A desconhecida, sem responder á desculpa
que lhe dava o moço, tomou uma de suas mãos entre as d’ella, e apertando-a fortemente, perguntou:
— O senhor é sensível?
— Prêzo-me de o ser, senhora.
— Oh! sim; eu o sabia; mas ha na natureza humana horas de inexplicáveis inconsequências; horas em que um coração de malvado se dobra como a cêra; e em que também, um coração sempre cheio de piedade, se mostra duro como a rocha.
— E o que pretende significar então com o que acaba de dizer?...
— Quero saber que hora é esta para o seu coração; porque eu preciso de toda a caridade de uma alma christã...
— Senhora... uma palavra diz tudo: eu chorava quando lhe ouvi bater á porta.
— Chorava?
— Oh! chorava lagrimas de amor.
— Senhor, seria uma indiscreção perguntar-lhe porque?
— Não, não; antes eu quereria dizê-lo a todos; eu chorava por minha mãi.
— Pois... eu pensava... o senhor...
— É certo, exclamou Candido; é verdade!
eu sou um misero engeitado!
— Mas então...
— Oh! é que, apezar de ser engeitado, houve forçosamente um homem, que foi meu pai, e uma mulher me concebeu! esse homem, senhora, é já morto.... disserão-m’o: eu sou orfão de pai; mas minha mãi!... essa, diz-me o coração que ainda vive... e eu amo a com todo
este fogo de amor, que Deus acendeu na minha alma!...
— Sem conhecê-la!...
— Que importa? este amor não se gasta, não se esgota; este amor é como o fogo do sol, sempre o mesmo, ou cada vez mais ardente; quando eu encontrar minha mãe... oh! que amar esse de então!!!
— E' assim... é assim... tem razão; murmurou com voz commovida a senhora de mantilha.
— Uma mãe!... disse Candido ternamente; uma mãe!... um ventre de mulher abençoado por Deus!... oh! senhora, a maternidade é tão sublime, é tão sagrada, que foi por ella que Jesus-Christo se pôz em contacto com homens; foi pela maternidade que Deus salvou-nos!... amaldiçoado seja aquelle, que não ama a sua mãe.
— E chora?... perguntou a desconhecida chorando também.
— Oh! sim! eu choro... sempre, e muito.
— Porque, senhor?...
— Porque eu me lembro que minha mãe pôde ser desgraçada... porque talvez ela precise de um braço, a que se arrime para fazer a perigosa viagem d'este mundo, e eu não a conheço, não lhe posso estender meu braço... enxugar-lhe as lagrimas... ou chorar com ella!
— E' assim!!...
— Quando, senhora, eu encontro por essas ruas uma pobre mulher doente... mendicante... exposta aos insultos da gente desmoralizada... sendo talvez o objecto do desprezo de muitos...
quando de noite, aproveitando as trevas, eu vejo passar junto de mim uma mulher envolta, como a senhora, em negra mantilha, estendendo, vergonhosa, uma mão emmagrecida e tremula para receber a mais chorada esmola... e eu me lembro que tenho no mundo uma mãe, que é por força uma mulher, que não é impossível que seja uma d'essas, que eu encontro; senhora!... eu não sei nesses momentos o que desejo... eu tôco quasi ao desespero... desexo morrer... e não me mato, sómente porque sou christão.

Ficarão ambos em silêncio por alguns instantes; ambos chorando; até que Cândido levantou a cabeça, e enxugando as lagrimas, disse:

— Desculpe-me, era a senhora quem devia falar, e eu a tenho ocupado fandando-lhe de mim: eu escuto.

— Não, respondeu a desconhecida; eu preciso ouvir-lo para animar-me.

— Pois bem; agora cabe-lhe dizer em que lhe posso ser útil.

— Senhor, disse a desconhecida, o amor de sua mãe é o único que existe em seu coração?...

— O único não; eu amo a minha mãe adoptiva; devo gratidão a algumas pessoas; e mesmo... amo mais alguém.

— Mas qual de todos esses amores será o maior, o mais poderoso?

O mancebo hesitou; mas depois respondeu com força:

— O de minha mãe.

— Seria capaz de sacrificar tudo por esse?...

— Tudo.

— E se alguém lhe viesse pedir um obsequio
tão grande, que importasse um sacrifício, pelo menos, temporário, e lh' o pedisse em nome de sua mãe?...
— Senhora...
— Se esse serviço, que lhe viessem pedir não o podesse o senhor fazer sem ferir-se no coração, sem sentir doer-lhe a corda mais sensível d'elle; mas se, apesar d'isso, lh' o pedissem em nome de sua mãe...
— Eu não comprehendendo...
— Mas se no cumprimento de tal favor estivesse a salvação de uma mulher, que tem talvez idade de ser sua mãe...
— Senhora! falle...
— Oh! é o senhor quem deve fallar agora: o que faria?
— Eu não sei de que se trata.
— E' um favor immenso, que lhe venho pedir em nome de sua mãe...
— Eu o farei; se a minha honra, se a delicadeza não...
— Nada de condições.
— E' impossível obrigar-me de outro modo.
— Em nome de sua mãe...
— Por minha mãe já eu jurei ser honrado, e ser honesto...
— O que eu peço, senhor, não se oppõe á sua honra.
— Servil-a-hei.
— Basta por alguns dias enganar um coração, martyrizando o seu... eis-aqui o sacrifício.
Cândido sentio um calafrio terrível coar-lhe por todo corpo; pareceu adevinhar o que d'elle querião, e exclamou:
— Mentir ?!!!
— Por breves dias... mas d’essa mentira de­
pende a vida de uma infeliz mulher.
— Mentir !!! isso não, senhora.
A desconhecida abafou um grito doloroso, que lhe sahia do peito.
— De que se trata, senhora? perguntou o
mancebo com voz alterada.
A desconhecida, mostrando tomar uma reso­
lução, ergueu-se e perguntou:
— Senhor, já aborreceu alguém em sua vi­
da?...
— Não.
— Nem conserva a lembrança de nenhuma
ofensa? nem se apraz de vingar-se quando lhe
offendem?
— Não, não.
— Sabe perdoar?
— Sou christão.
— Oh! perdoar deve ás vezes custar muito.
— Deve ser bem doce.
— Em uma palavra, senhor, tem piedade de
uma mulher infeliz?
— Senhora...senhora... sou filho, filho aman­
te, e não conheço minha mãe.
— Basta.
A desconhecida tomou o braço do mancebo,
aproximou-se da mesa onde estava a luz, e arran­
cando de sobre si a mantilha, cahió de joelhos.
Cândido soltou um grito de espanto: acabava
de reconhecer a filha de Anacleto.
— Senhora! erga-se...
— Não! não! pelo amor de Deos deixe-me
ficar de joelhos.
— E' impossível... eu não devo...
— Mas eu quero... e não direi nada... e ver-me-ha sahir como uma miserável condemnada, se quizer obrigar-me a levantar-me.
— Senhora...
— Não !... não !... em nome de sua mãe, por todos os seus amores juntos, outra vez pelo amor de Deos deixe-me fallar de joelhos.

O mancebo cruzou os braços, e ficou ali em pé, com a cabeça cahida para baixo olhando para aquella mulher, que de joelhos, com os braços apertados em cruz contra o peito, e com os olhos cravados no chão, começou a fallar:
— Senhor, senhor, o que eu lhe venho dizer e pedir não se diz, não se pede senão a um homem de honra, de piedade e de religião.
— Falie, senhora.
— Eu devo parecer-lhe uma mulher má e intrigante; e todavia eu sou apenas muito desgraçada; ouça-me como um padre ouve no confissionário.

Falie sem receio, minha senhora.
— Senhor... ia dizendo Marianna.
— Espere, disse Cândido interrompendo-a.

A viuva levantou a cabeça, e por entre suas lagrimeas vio o mancebo dirigir-se a escada, e examinar se alguém os escutava; abaixou de novo a cabeça quando Cândido voltava para ouvil-a.
— Estamos sós: pôde fallar.

Marianna principiou então a dizer com voz tremula:
— Na primavera de minha vida, senhor, eu fui tida por formosa, e conhecia-me por sensi-
vel: amei... a história do meu amor começa como todas as do mesmo gênero; mas acaba como as mais desgraçadas: seduzirão-me, senhor... e abandonarão-me! ! ! oh! mas o meu infortúnio se tornou mais doloroso hoje; porque sei que uma de minhas cartas, exactamente uma, em que eu lançava em rosto ao meu sedutor o estado em que me deixava, cahio nas mãos de um homem sem generosidade e sem nobreza, que com ella joga contra mim.

— Oh! esse miserável...

— O senhor o conhece; é um mancebo que frequenta nossa casa; é...

— Salustiano...

— Esse mesmo: oh! senhor que procedimento abominável o d'esse presumido joven!... eu esqueço tudo quanto se tem passado entre nós dous, para dizer somente o que tem relação com o senhor, e que veio completar a minha desgraça.

— Relação comigo? exclamou Candido.

— Salustiano, desde muito tempo que ama minha sobrinha, e que de balde trabalha por se fazer amado; ultimamente, com seus olhos de amante zelozo, descobrio, que Celina já amava... oh! adevinhou a verdade: o senhor sabe a quem minha sobrinha amava.

— Ah! senhora.

— Não o increpo: ella e o senhor são dignos um do outro; mas o amante infeliz jurou levantar uma barreirlonge entre os dous... e essa barreira... a pezar meu... a despeito de todos os esforços, essa barreira sou eu.

— E' possível...
— Com a carta em que eu confesso meu crime, elle me governa como senhor; com o poder que lhe dá essa carta, elle me disse uma noite: « eu quero que as portas d'esta casa se fechem ao Sr. Cândido! » e eu fui pedir-lhe que me levasse ao jardim, e lá menti, senhor, calumnei minha sobrinha, calunnei meu proprio coração... ousei significar-lhe que a sua presença nos incomodava... despedi-o de nossa casa, e depois fui chorar atrás de uma porta como uma louça!... oh! senhor! perdão! perdão! em nome de sua mãe!...

— A senhora não é criminosa, disse Cândido tristemente; é infeliz... muito infeliz.

— Mas o plano do monstro falhou: apezar da sua ausência, Celina o aborrecia como d'antes; quando hoje...

— Hoje... repetio Cândido.

— E' preciso que eu diga tudo: eu caso-me, senhor, ou pelo menos deverei casar-me antes de oito dias; pois hoje Salustiano se apresenta em minha casa, e diz-me: « o meu casamento com sua sobrinha seguirá de perto ao seu: eu o exijo! se não... » oh! com estas palavras é que elle termina sempre.

— E' incrível!... exclamou Cândido.

— Minhas observações, minhas supplicas, minhas lagrimas o não commoverão; e formalmente ordenou-me que eu viesse aqui pôr-me de joelhos a seus pés, e pedir-lhe, senhor, como lhe peço, que salve a meu pai, e que me salve!

— Salval-a? e como?...

— Oh! é preciso ter muita coragem para
pedir o que eu peço! é um sacrifício... mas estou de joelhos...
— Diga, senhora.
— O seu amor é que me mata! exclamou Marianna: Celina e o senhor me perdem...
— Ah! meu Deos!! bradou Candido apertando a cabeça com as mãos, porque acabava de adivinhar o que se lhe ia pedir.
— A carta fatal será minha, proseguio Marianna, se o senhor quiser deixar de aparecer a Celina por um mez ao menos, e escrever-lhe um bilhete mentindo, senhor!... mentindo... matando-se...
— Diz bem... matando-me...
— Oh! por piedade! exclamou a viuva abraçando-se com as pernas do mancebo; por compaixão! pelo amor de sua mãe!... não me deixe assim morrer deshonrada...
— Senhora... mas eu ei de dizer que não amo a esse anjo de belleza e candura... a essa pomba celeste...
— Senhor... senhor... eu tenho arrastado meu rosto pela terra, que pisão os seus pés... eu peço misericordia!
— Sacrifícios... cooperar para que se sacrifique uma virgem cheia de encantos e virtudes a um monstró... oh! é um crime!
— E eu? e eu então?...
— E' um castigo! a Providencia pune de mil maneiras n'este mundo: se eu podesse sofrer só, senhora, para dar-lhe todo socego, toda ventura que deseja, eu sofreria sem hesitar; mas uma moça inocente!! enganal-a, e enganal-a, quando apenas foi hoje que comecei a acreditar...
na possibilidade de um futuro, que seria a vida do paraíso?!?
— Oh! pois bem, disse com voz concentrada e terrível a viuva; nada de piedade... nada de misericórdia para mim... eu sei bem que as não mereço; porém meu pobre pai!!
— O Sr. Anacleto?...
— Amanhã... depois de amanhã... d’aqui a três ou quatro dias, ao muito, o meu terrível inimigo se apresentará diante do cansado e amoroso velho: eu o estou vendo, senhor, magro, pallido... melancolico... com a cabeça branca, embanquecida pelos cuidados que comigo teve, e pelos desgostos que lhe eu tenho dado; elle estende temeroso a mão para receber uma carta, que o monstro lhe vai entregar... oh! elle a lê... é a deshonra de sua filha... é a mão da maior desgraça que o empurra para a cova... oh! o pobre velho não pôde mais com a vida... vê-me chorando, e perdoa-me!... mas chora, por sua vez! o resto da vida que ainda tinha, elle o desfaz em lagrimas! chora e morre!...
— Ah! senhora!!! que imagem!!!
— No entanto, senhor, nós ficamos no mundo; proseguio com ironia desesperadora a viuva; Celina é sua... o amor os liga... a religião soldou os laços; mas quando ao anoitecer o Sr. Candido voltar para casa no meio d’essás mulheres doentes... andrajosas... trazendo no rosto a cór amarelenta da miséria, ou melhor, senhor, a cór de todas as misérias; magras, abatidas, mendicantes; aparecerá um vulto mais tocante que todos aquelles vultos... ao menos para o Sr. Candido: serei eu, senhor! estenderei a
minha mão para receber um vintém... e depois... vagarosa... desvairada... louca, eu me irei retirando e balbuciando duas palavras, que resumirão toda a minha historia!... crime e miséria!...

— Basta, senhora!

— E de noite, senhor, no leito de amor, mesmo junto de Celina, a hedionda figura da mendiga ha de aparecer na sua imaginação, e ainda mais... a mendiga ha de estar apontando para um sepulcro... o sepulcro ha de se ir abrindo... ededentro d'elle irá sahindo branca... branca a cabeça de um velho... e o rosto d'este velho ha de ir aparecendo horrivelmente contrahido diante da miséria da mendiga!... serão dous espectros... um pai e uma filha! um pai morto... desgostos... uma filha perdida pelo crime e pelos remorsos! serão dous espectros, senhor, Anacleto e Marianna.

— Basta, senhora!... exclamou de novo Candido, cuja imaginação ardente dava cores ainda mais vivas ao horrível quadro, que lhe traçava a viuva.

— Piedade!... misericordia!... dizia esta sem cessar, abraçando-se com as pernas do mancebo.

— Oh! meu Deos! meu Deos!...

Um pensamento novo e atrevido, uma d'essas ideias rapidas, brilhantes, felizes, dignas sómente de uma imaginação de mulher, brilhou nos olhos de Marianna.

Ella ergueu-se, enxugou as lagrimas, e com voz segura perguntou a Candido:

— Que idade tem, senhor?...
— Vinte e um annos.
— E eu tenho trinta e seis, disse ella.
— Que quer dizer?...
Marianna, com os olhos em fogo, e um sorri
nervoso, murmurou com voz tremula e vaga­rosa:
— Mancebo, sabes tu, se eu sou tua mãe?!!
Candido soltou um grito surdo, que lhe sahio
dos seios da alma.
— Senhora, pela vida de seu pai, exclamou
elle depois de vencer a primeira e profundissima
impressão, que as palavras de Marianna lhe
produzirão: diga-me a verdade; de que idade
commetteu essa falta, de que se accusa?...
— Aos quinze annos, respondeu Marianna
com tom grave.
— Quinze para trinta e seis... vinte e um!... 
é a minha idade!...
— Sem duvida: teria vinte e um annos!
balbuciou lugubremente e a tremer a viuva.
— Oh!... é certo!... a senhora deveria ter
um filho?...
— Deveria!!! respondeu Marianna; e tremia
convulsivamente: deveria!!!
E a ideia do maior dos seus crimes dava mil
punhaladas no coração da infeliz mulher.
— Meu Deos!... meu Deos!... quem sabe?
quem me arranca d’esta duvida?...
— Senhor, disse a viuva, não procurará ap­parecer a Celina?...
— Não!... não!...
— Está prompto a escrever o bilhete?
— Sim... estou prompto.
— Sente-se e escreva; eu diçto.
Cândido sentou-se tomou papel e penna, e escreveu o que lhe dictou Marianna.
« Senhora. Eu parto; eu fujo para sempre de vossos olhos; tenho remorsos... fingia amar-vos... illudia uma inocente moça; os remorsos abrirão-me os olhos: perdoai àquella, que antes quer parecer ingrato do que continuar a ser um monstro. — Candido ».
O moço escreveu sem hesitar; assignou com a mão firme, fechou o bilhete, e voltando-se para a viuva entregou-o, e disse:
— Eis-ahi a morte do mais puro dos amores: mas agora, em troco do que acabo de fazer, protesta dizer-me a verdade a respeito do que lhe vou perguntar?
— E primeiro o senhor jura, que cumprirá o que me prometeu, qualquer que seja a resposta que lhe eu der?...
— Juro.
— Pela alma de seu pai?
— Pela alma de meu pai.
— Pelo amor de sua mãe?...
— Pelo amor de minha mãe.
— Bem: pôde perguntar.
— Senhora, diga-me, em nome do céo, é verdade tudo quanto dizia há pouco?...
— E' verdade.
— Senhora! exclamou Candido caindo aos pés de Marianna, vós sois minha mãe!...
— Oh!... pobre moço!... balbuciou a viuva.
— Vós sois minha mãe!... continuou elle beijando a barra do vestido de Marianna; vós sois minha mãe! desde muito o coração dentro do peito m'o dizia; sem saber porque, eu vos amava
com um amor candido e bello, como sómente é o amor filial; eu vos olhava com santo respeito; a vossa voz soava dentro de minha alma; vossos sorrisos me animavão!! quando eu pensava em minha mãe, vossa graciosa figura se desenhava diante de mim!... em meus sonhos de filho vinha um anjo, e apontava para uma mulher, cujo rosto estava coberto com um véo, e me dizia « eis ahi tua mãe »: eu corria para essa mulher, arrancava-lhe o véo, e o rosto que eu via era o vosso: ah! vós sois minha mãe!... bemdito seja Deos! vós sois minha mãe!...

Marianna sacudio tristemente a cabeça, e respondeu:
— Não sou sua mãe.
— Onde está pois vosso filho?...
A viuva tornou a tremer da cabeça até os pés, e, apontando para cima, disse:
— Está no céo.
— Morto!...
— Sim, morreu...

Marianna deveria ter dito — matei-o; por isso sua resposta foi como um surdo gemido.

Cândido ficou petrificado.
A viuva envolveu-se de novo em sua mantilha, e despedio-se dizendo:
— Eu o deixo; um dia Deos lhe pagará o que vai fazer por mim.
E partio.
A casa em que morava Salustiano, e que elle havia herdado de seu pai, rico e honrado negociante, estava situada em uma das mais frequentadas e comerciais ruas da cidade do Rio de Janeiro.

Importa tão pouco saber o nome dessa rua como descrever essa casa: é de sobra dizer que ella era de dois andares, e que no segundo andar tinha Salustiano estabelecido o seu gabinete particular, com o qual se comunicava o quarto em que dormia.

No dia que seguiu a noite amarga, em que Marianna tanto tempo se deixara ficar ajoelhada aos pés de Candido, estava Salustiano em seu gabinete ocupado em examinar diversos papeis e livros mercantis, trabalho em que o ajudava...
um velho alto, de rosto vermelho e de cabeça calva.

Esse velho chamava-se João, e era o agente principal da casa de Salustiano.

João era um homem de poucas palavras, de olhar atrevido, de gênio de fogo, de coração bom, e de tempesta de ferro.

Pela volta das onze horas apareceu um caixeiro à porta do gabinete, e disse:

— Está ahi o Sr. Jacob.

— Que entre para aqui, respondeu Salustiano.

O caixeiro retirou-se.

— Sr. João, continuou Salustiano, suspendamos este trabalho: tenho que falar a sós com o homem, que acaba de ser anunciado: desça ao primeiro andar e logo que se retirar aquelle que nos veio interromper, suba de novo para continuarmos a trabalhar.

O velho, sem dizer palavra, limpou a pena com que estava tomando notas, prendeu-a atrás da orelha, e saiu.

Quando ia descendo a escada, vinha subindo o homem que se anunciara.

O caixeiro que acompanhava o homem reparou que, contra todos os seus hábitos, o velho João tratou aquelle sujeito com familiaridade e vivas demonstrações de estima.

Os dous apertarão fortemente as mãos, disserão finezas, e mostrará-se mutuamente amigos.

Era um facto admirável na vida de João.

Finalmente o recém-chegado foi introduzido no gabinete de Salustiano, e o caixeiro deixou os dous a sós.
O homem sentou-se na cadeira em que antes estivera sentado João.

Era ele baixo, um pouco gordo, e um pouco calvo; tinha olhos vivos, e mostrava-se alegre: vinha vestido de fraque rôxo abotoado até em cima, e de calças pretas; calçava botins de cordão de lustro, e chamava-se Jacob.

Já não pôde haver dúvida nenhuma; era o escrivão, que morava na rua de... exactamente defronte do Céo côr de rosa.

Travou-se entre Jacob e Salustiano a seguinte conversação:

— Muito bem, senhor Jacob: o senhor é sempre pontual.

— E' um habito da vida passada; quando eu era escrivão, chegava à casa dos juízes sempre dez minutos antes da hora das audiências.

— Não é esse o seu único mérito: o senhor é capaz de descobrir o maior segredo deste mundo.

— A ellas, meu caro.

— Poucas, porém boas.

— Vamos pois; que notícias me dá?

— A vida passada! a vida passada! o tino, a prática dos interrogatórios...

— Hontem, depois das onze horas da noite, a lua estava clara como o dia...

— Dispensô todos os segredos, que o senhor possa ter descoberto na lua.

— Hábitos da vida passada! nos corpos de delicto o luar é uma circunstância, que sempre se faz notar... às vezes importa muito.

— Adiante.

— Bem: pouco depois das onze horas da noite
— 188 —

saio do alpendre do Céo côr de rosa um vulto de mulher...

— Oh!

— Envolvia-se em uma mantilha: era com efeito uma mulher.

— Está bem certo d’isso?

— Sim; o andar era magestoso e engraçado... aquella mulher nunca tinha usado de mantilha.

— Porque?

— Porque envolvia-se n’ella como em um chale: mas o andar, que era magestoso e engraçado, era ao mesmo tempo tão delicado, as passadas tão curtas e ligeiras, que não podia deixar de ser o andar de uma mulher.

— Bem; e depois?

— Foi direitinha à porta do Purgatorio-trigueiro.

— Ah!

— Tirou debaixo da mantilha e estendeu para fora um lindo braço, e com formosa mão...

— Então vio também que o braço era lindo, e a mão formosa?

— Sem duvida; porque em um dos dedos d’essa bella mão havia um anel de brilhantes.

— Oh! que homem admirável; até n’isso repara! como pôde vêr esse anel?

— Brilhou, como só brilha uma pedra de alto preço.

— Está bom... deixemos o anel.

— Ao contrario: o anel é uma circunstância muito importante: elle só vale um provará no libello accusatorio.

— Porque?

— Porque a viuvinha recebeu ha tres dias da
mão de seu noivo um anel de brilhantes, e não o tirou mais do dedo.
— Como soube d’isso?
— Uma escrava da viuvinha o contou lá à senhora.
— Por consequencia?
— Por consequencia recahem todas as suspeitas sobre a viúva.
— E que mais?
— A mulher de mantilha bateu á porta do Purgatorio-trigueiro, abriráo-lh’a, ella entrou, e esteve lá mais de uma hora.
— E depois?
— Voltou para o Céo cór de rosa.
— Não sabe mais nada?
— Sei que a tal senhora tirou a mantilha dentro do Purgatorio-trigueiro.
— Isso importa pouco; mas como o soube?...
— Porque, quando ella para lá foi, a mantilha arrastava pelo lado esquerdo, e quando voltou, estava muito mais curta d’esse lado, e ia varrendo a rua pelo outro.
— Sabe só isso?
— Não: sei ainda mais alguma cousa.
— Vá dizendo.
— O velho coruja vai todos os dias conversar com a velha bruxa.
— Hontem?
— Esteve lá ao anoitecer.
— Hoje?
— Para lá foi ao romper do dia.
— De que tratão?
— Sempre do amor do engeitado e da orphã.
— De que tratárão hoje? o que disserão?
— Não pude saber: o diabo da velha, quando o coruja entrou, mandou a negra fazer as compras para o almoço.
— Tem ainda alguma cousa a esse respeito para dizer?
— Por hoje mais nada.
— Então pôde voltar depois d’ámanhã às mesmas horas.
— Serei prompto: nunca me esqueço o quanto convém ter em lembrança os dias de aparecer nos casos de apelação.
— Estamos justos.

As últimas palavras de Salustiano significavão uma despedida; mas Jacob ficou firme em sua cadeira com o semblante prazenteiro, e os olhinhos vivo como sempre.

Salustiano pareceu incomodar-se com a demora de Jacob, e disse:
— Quer mais alguma cousa?
— E’ provável.
— Diga.
— Quero que me dé cem mil réis.
— Oh! ha três dias que lhe dei igual quantidade.
— Sim, respondeu o ex-escrivão soltando uma risada; mas V. S. esquece-se de que agora temos dous negócios.
— Dous? como é isso?
— Pois então?... agora tem V. S. de pagar-me o trabalho de ser o espião de polícia dos seus amores.
— Convenho.
— E depois... aquelles papeis...
— Oh! o senhor é exigente de mais! por
aquelles papeis, disse Salustiano empallidecendo, deu-lhe meu defunto pai por uma só vez quá-

tro contos de réis.
— Sim... sim... mas por causa d'aquelles pa-

peis estive eu na cadeia oito meses, e perdí o

meu querido officio.
— E faltou á sua palavra !
— Como é lá isso ?...
— O senhor havia recebido quatro contos de

réis para queimar o processo.
— Assim era eu tolo! aquelles papeis são

verdadeiras letras de dinheiro, que eu tenho a

juros.
— E nem ao menos se lembra de que já não

poucas vezes o tenho liberalmente socorrido ?
— Sim ; mas V. S. tem obrigação restricta de

pagar-me perdas e damnos.
— Em uma palavra, e para acabar de todo

com estas questões, o senhor quanto quer rece-

ber de uma vez por esse processo ?...
— Cedendo-lhe todo o direito que tenho a elle ?
— Por certo,
— Chama-se a isso queimar a minha fortuna,
disse socegadamente o ex-escrivão.
— Emfim...  
— Emfim... dar-lhe-hei esses papeis com a
mão direita, exactamente no momento em que
V. S. me depositar na esquerda uma quantia
igual á que me deu o senhor seu pai.
— Quatro contos de réis ! é muito !
— Então não temos feito nada : conservarei
o processo.
— Oh ! mas é preciso acabar com isto ; quando
volta o senhor aqui ?
— Já disse que dou grande importância aos dias de aparecer: depois d'ámanhã virei receber as suas ordens.
— Traga-me o processo.
— Dar-me-ha os quatro contos?
— Sim.
— Palavra de honra?
— Sim.
— Bem. A's ordens de V. S.
— Até depois d'ámanhã.
— Mas ah! disse Jacob suspensendo-se, pois que já ia sahindo; falta ainda alguma cousa.
— O que perguntou Salustiano.
— Os cem mil réis.
— Ainda!
— São juros vencidos; a satisfação do principal é conta á parte.
— Depois d'ámanhã...
— Perdõe-me V. S., mas eu precisava muito hoje d'essa quantia.

Salustiano arremessou-se para dentro do seu quarto; Jacob estendeu o pescoço, e vio o mancebo abrir uma carteira de jacarandá já meio usada, e tirar d'ella alguns bilhetes.

Salustiano, na agitação, em que estava, deixou a chave na carteira, e voltou ao gabinete com o dinheiro.

— Eis-aqui os cem mil réis, disse elle entregando os bilhetes a Jacob.

O ex-escrivão, apenas recebeu o dinheiro, tomou o chapéo, fez uma profunda cortezia ao moço, e foi sahindo.

Salustiano o seguio de perto, e desceu com elle as escadas.
Pouco depois de haverem os dois deixado o gabinete, entrou João.

O velho ia sentar-se na oadeira que pouco antes havia ocupado, quando notou que a porta do quarto de Salustiano estava aberta.

Dirigio-se imediatamente para o quarto, e apenas chegou ao lumiar da porta, soltou uma exclamação:
— Em fim!

E lançou-se para a carteira: abrio-a, apertou com o dedo pollegar uma mola que havia do lado esquerdo, e no fundo da gaveta d'esse lado abrio-se um escaninho.

Com promptidão e destreza tirou o velho alguns papeis, que ahi se achavão: erão pela maior parte cartas.

João as foi examinando, e passando por ellas sem abrir, até que parou em uma que não tinha sob escrito.
— 12a exclamou o velho; em fim!

Abrio a carta e leu:
« Senhor, maldita seja a hora em que nos vimos: esse amor fatal com que eu vos amava, e que fingistes votar-me para que eu me perdesse, se já desappareceu para nós ambos, a nós ambos deve ter deixado o tormento dos remorros: vós me fizestes a mais desgraçada, e eu me fiz a mais criminosa das mulheres: vós me perdestes, e eu ia ser mãe, e não quizestes ser diante dos homens o pai de vosso filho: pois bem; sabéis o que eu fiz? tremei... horrorisai-vos: eu matei meu filho; dentro de meu ventre cavei-lhe a sepultura. Agora... preparemo-nos ambos: teremos de dar contas a Deos, vós da honra, da
iunocencia de uma mulher, e eu da vida de um
innocente. Senhor... somos dignos um do outro;
nascêrão para se encontrar no mundo vós, e

Marianna ».

— Emfim, repetio ô velho guardando a carta
no bolso.
— Emfim !... bradou Salustiano lançando-se
sobre João...

O velho recuou dous passos.
— Que veio fazer aqui? perguntou o moço.
— Vim realizar o que desde muito premedi-
tava, respondeu friamente o velho.
— Que tirou d’aquella carteira?
— O que lhe não pertencia.
— Uma carta !
— Sim.
— Restitúa-m’a.
— Não.
— Oh ! Sr. João !...
— Não, já disse.
— E’ porque não sabe-qua essa carta é tudo
para mim.
— E’ por essa mesma razão.
— Por bem, ou por mal, senhor, eu hei de
reconquistar essa carta.
— Veremos.
— O senhor abusa do respeito que sempre lhe
consagrei.
— E o senhor deshonra o nome de seu pai.
— A carta !
— Nunca.

Salustiano atirou-se sobre o velho; os braços
de ambos se entrelaçarão; lutárão ambos.
Longa foi a luta, e por fim triumphou o mancebo.
Com um joelho sobre o peito de João, Salustiano bradou-lhe:
— A carta!
— Nunca! respondeu o velho com voz suffocada.
O moço, apesar de todos os esforços de João, lançou a mão no bolso do vestido d’este, e apoderou-se da carta.
Deixou então livre o seu adversário, e erguendo-se estendeu o braço, e mostrou-lhe com o dedo tremulo a porta:
— Para sempre fóra de minha casa! disse em desordem, e a raiva no coração: o velho respondeu:
— Sim; mas não para sempre; porque hei de voltar para vingar-me.
E sahio.
Os dous irmãos

Rodrigues estava no seu posto, no alpendre. Achava-se sentado, e meditando em um canto d'elle: á sua mão esquerda via-se meio cerrada a porta de seu quarto.

De repente entrou no alpendre, apressado e arquejando de fadiga um homem, que trazia os vestidos em desordem, e pintada no semblante a mais viva agitação.

O velho Rodrigues ergueu-se surpreendido, e dando dous passos para o recem-chegado, exclamou:
— João!

A personagem que acabava de entrar atirou com o chapéu a um canto, e sentou-se na cadeira, da qual se tinha levantado Rodrigues.

Esses dous homens erão os mesmos, que em
certa noite Jacob vira sentados, e conversando à portaria do convento d'Ajuda.

Vistos agora à luz do dia e ao pé um do outro, admiraria asimilhança de seus semblantes; a única diferença, que se podia notar, era ser João muito mais sanguíneo.

João e Rodrigues eram irmãos gémeos.

— João! exclamou de novo o velho guarda-portão; que é isso?... o que tens?...

— O que tenho?... respondeu o antigo agente da casa de Salustiano; tu me perguntas o que tenho? é a raiva dentro do coração; é a vingança inspirando projectos infernaes.

— Mas como?... falla!...

— Disse tudo.

— Porém vingança contra quem?

— Contra o falsário... o ladrão!... murmurou surdamente João.

— Oh!...

— Sim... contra elle.

— E' filho d'elle! disse com voz reprehende-dora Rodrigues.

— E também filho d'elle!... accrescentou lugubremente João.


— Sim... sim... disse o outro com terrível accento: protegê-lo... amal-o... ainda que elle te pise com suas botas, e te cuspa no rosto; não?!!

— Como é isso?

— E' assim mesmo.

— Pois elle ousou...

— Tudo, respondeu João com voz surda.
— E tu?
— Tenho sessenta annos... já não sou o mesmo: antigamente atacava cara a cara, e vencedor ou vencido, tudo estava acabado, acabada a luta. Hoje não: estou velho... minhas juntas se acham enferrujadas... lutei com um mancebo, e elle ganhou a partida; mas agora também o caso é outro... não esqueço como d'antes. O forte pôde bater-se braço a braço: o fraco espera atrás de uma esquina!
— João!
O irmão de Rodrigues soltou uma gargalhada nervosa e horrível; uma d'essas gargalhadas filhas do furor e do desespero.
— João! queres ser um vil assassino no fim de teus dias?
— Não! bradou o outro, não!... pois é só atrás das esquinas e com a faca, com a arma da traição que se vingam os fracos?... outra vez não! eu quero estar livre... quero passear á minha vontade pelas ruas!... oh! quem sabe se eu não terei de comprimentar um galé?...
— João!...
— Sim; já o disse: vêl-o-hei com prazer arrastando as cadéas dos criminosos públicos!... não pertence elle de direito ao seu numero?... sim; pertence... cometteu um crime vergonhoso.
— Graças a Deos, João; o fogo consumio as provas d'essa loucura.
— Graças a Deos, Rodrigues, as provas existem ainda, e eu hei de apoderar-me d'ellas.
— Que estás dizendo?... é verdade o que acabas de dizer!...
— Sem dúvida.
— Como chegaste a saber d’isso?... como
has de conseguir...
— E’ o segredo da minha vingança.
— Nada de vingança, irmão.
— Foi ofendido demais.
— Conta-me o que houve: eu te escuto.
— Para que?...
— Quero aconselhar-te, João.
— Eu não vim pedir-te conselhos.

O velho Rodrigues deixou cair a cabeça tris-
temente, reflectio alguns instantes, e depois per-
guntou:
— Com que fim pois vieste vêr-me?
— Tenho que dizer-te.
— Falta.
— Meu irmão, até hoje de manhã um só
pensamento nos occupava: d’ora avante nossos
designios são distintos. Até hoje pensavamos só-
mente em fazer bem: tu continúas sempre com
a mesma idéia; eu porém estou determinado
agora a fazer mal.
— Adiante: disse Rodrigues.
— Vim pois dizer-te o que descobri, o que
sei, o que pretendo, e não pude fazer, para que
tu fiques trabalhando para completar a obra,
que começámos juntos, e que pela minha parte,

não posso levar ao cabo.
— Então o que há?
— Salustiano está com efeito de posse da
decima segunda carta...
— De certo?
— Eu a vi.
— Tu?...
— Eu a li... tive-a em minhas mãos!
— Oh!...
— Trabalhavamos eu e elle em seu gabinete particular: anunciou-se um homem que tu conheces bem, e elle quiz ficar a sós com esse homem: descii: meia hora depois os dois descerão por sua vez, e eu subi de novo... a porta do quarto de Salustiano estava aberta, entrei... a carteira velha tinha a chave na fechadura, abri-a... toquei no segredo da primeira gaveta do lado esquerdo, e a décima segunda estava lá!...
— Bravo! bravo!... exclamou o velho Rodrigues, sem lembrar-se do que antecedentemente lhe dissera seu irmão.
— Emfim!... exclamei eu, continuava João; e abrindo essa carta fatal, li-a de novo; mas quando já guardava-a no bolso... uma voz terrível soou a meus ouvidos, e um braço forte veio deter meus passos...
— Ah!...
— Era elle, Rodrigues; e durante algum tempo lutámos ambos desabridamente... emfim a mocidade venceu...
— A carta?
— Ficou outra vez em suas mãos!
— Oh!...
— Os pés do mancebo pisarão o rosto do velho!...
— É a carta?... a carta?... exclamou Rodrigues.
— Está lá.
— Insolente moço!... e elle não tremeu?
— Tem ouro.
— Oh! desgraçado!...
Sim... desgraçado... imprudente!... elle ha de tremer, porque eu me hei de vingar.

O velho Rodrigues deixou cair de novo a cabeça, e pareceu abismado em profundas reflexões.

João ficou olhando para elle, e reflectindo também.

Ambos aquelles velhos meditavão; o primeiro pensava nos meios de chegar a uma completa harmonia; o segundo sonhava com a vingança.

Levantárao a cabeça ao mesmo tempo: Rodrigues exhalando um longo suspiro, João desprendendo um surdo gemido.

Era o acordar da paz e da guerra.

— João, disse Rodrigues, sabes de quem me estava lembrando?
— Não; de quem?
— D'elle.
— Do insolente?
— De seu pai, João.
— E eu de sua mãe, Rodrigues.
— João, perdoemos aquelles, que estão na eternidade.
— Sim; mas castiguemos os maos que pesão n'este mundo.

O velho Rodrigues sacudio a cabeça, suspirou de novo, e depois cruzando as mãos sobre o peito, disse com voz terna e commovida.

— João, pela memória do nosso bom amigo perdoa a injuria, que recebeste de seu filho.

João conservou-se muito tempo em silencio olhando para seu irmão, que, melancolico e piedoso, tinha ainda as mãos cruzadas sobre o peito, como se estivesse orando.
— Rodrigues, murmurou em fim o velho; esse atrevido mancebo calçou o pé sobre o meu ventre!

Por única resposta duas grossas lágrimas correrão pelas faces enrugadas do velho guarda-portão.

— Que é isso, homem?... perguntou João.
— Não é nada, respondeu Rodrigues; isto não é nada... choro... ha bem tempo que o não faço.

E depois balbuciou dolorosamente:
— Pobre amigo!... está morto!... não pôde valer a seu filho...

E as lágrimas começará a cair-lhe de quatro em quatro.

Alguns momentos depois os dois velhos choravão juntos e abraçados um com o outro.


— E esse pobre Cândido, irmão?!!!
— Devemos fazê-lo feliz, é verdade.
— Mas aquela carta...
— Podíamos prescindir d’ella; porém n’esse caso teríamos uma mulher desgraçada... e criminosa!

— Que nos importa... é um castigo.
— Não, de modo nenhum, João; eu espero ainda tudo da Providência.

— Bem: crês então que devemos cruzar os braços.
— Também não; escuta: eu vou fallar a esse presumido moço, que te insultou.

— E para que fim?... que lhe irás dizer?
— Contar-lhe-hei ainda uma vez a nossa história.
— Rir-se-ha d’ella.
— Lembrar-lhe-hei o crime que cometteu...
— Zombará de ti, Rodrigues.
— Hei de assustal-o com teus projectos de vingança.
— Rir-se-ha do novo.
— Exigirei por preço de nosso silencio, e como condição para vencer o teu ressentimento, a entrega da carta fatal.
— Mandar-te-ha lançar na rua pelos seus escravos.
— Não, João ; elle ha de entregar-me a carta.
— Nada conseguirás.
— N’esse caso justiça será feita.
— Bem.
— Adeos, João ; dentro de duas horas estou de volta.
— Eu te espero, respondeu João.
O velho Rodrigues tomou o chapéo, e dirigio-se á casa de Salustiano.
Pouco mais ou menos, à mesma hora em que o velho Rodrigues se dirigia à casa de Salustiano, uma escrava desceu do segundo andar do Céo côr de rosa, e entrando na sala do primeiro, onde se achava Celina, disse-lhe que sua tia lhe pediasse quizesse subir ao seu quarto para dar-lhe uma palavra.
— Diga-lhe que já vou; respondeu a Bella Orphã.
E, pouco depois, subiu a escada vagarosamente, e pensando no que poderia ter dado motivo para tal conferência.
Celina não podia aborrecer a ninguém; mas, desde que soubera da cena, que no jardim tivera lugar entre Mariana e Candido, começara também a desconfiar muito de sua tia.
Marianna estava em seu quarto, pallida, abatida e pensativa, sentada em uma cadeira de braços: o franzimento de sua fronte, seus olhares às vezes amortecidos, às vezes pasmos, e sempre cravados no chão, e finalmente um não sei que descuido em seu penteado e em seus vestidos, pareciam revelar que uma dôr profunda e transtônica a atormentava.

Também as ricas e grandes senhoras padecem no fundo d'alma! por detrás d'esses brillantes adereços e custosas jóias, que lhes ornam e cobrem o collo, está às vezes aberta uma ferida, que lhes vai até o âmago do coração; e esses lábios que se sorriem tão graciosos, estão mil vezes a ponto de ser desmentidos pelo pranto dos olhos; e essas palavras de prazer e felicidade, que se dizem nas assembleias, fazem às pobres miseráveis que as pronunciam, uma acerba e terrível ironia! ellas rindo-se tanto e tão à força, e sendo tão desgraçadas n'alma!!! Doirado vaso, que encherão de fel, cofre aprimorado, que esconde perigoso arcano... ahí tendes a imagem de todas essas, que são como Marianna.

Escravas sempre da vaidade, as mulheres acham sempre na vaidade os seus tormentos e o seu castigo. Lutam anos inteiros umas com as outras, e tem por armas os vestidos e as jóias, os sorrisos e os olhos: e uma dóe-se, recebe um golpe cruel sómente porque o vestido da outra é mais bello; e não dorme uma noite inteira porque aparecerão uns olhos pretos que valem o dobro dos seus!!! mas isto é nada; o que é tudo é a vaidade dos sentimentos, que obriga a rir com o céo nos lábios, tendo o inferno dentro
do coração; que obriga a fingir-se venturosa, quando se é desgraçada!... Estar em torturas, e dizer — sou feliz! —; enganar o mundo por causa do mundo, e para ser invejada e não parecer vencida, nem mesmo nos mimos da fortuna!... tânta riqueza vestindo tão grande miséria!...

Deve ser bem amargosa vida!...

Porém Marianna sentiu que subiam a escada, e conheceu as pisadas de sua sobrinha: imediatamente uma revolução completa se operou n'ella; sua fronte desenrugou-se, seus olhos erguêrão-se e brilharão: em um momento, e com toda essa habilidade que caracteriza as senhoras, fez desaparecer todos os descuidos de seu toilette, e enfeitou os lábios com um sorriso angelico. Era, embora sua sobrinha, uma moça bella, e portanto uma rival que chegava. A mulher infeliz e abatida cedeu o lugar á senhora das festas e dos prazeres; a verdade foi abafada; a mentira ergueu-se.

Celina entrou; Marianna mostrou-lhe com o dedo, e com graça indizível, uma cadeira de frente d'ella; e, vendo-a assentada, esteve por alguns momentos contemplando-a com expressão de enlevamento e prazer, até que a Bella Orphã, como para escapar aquelle olhar, perguntou:

— Porque me está olhando assim, minha tia?...

— Oh! porque tu és a minha vaidade, Celina! olha: quando te comtemplo... lembro-me do que fui... parece-me que ainda estou nos dezenove anos de frente do meu toucador, rindo-me
vaidosa e louquinha, contente de mim mesma, e
namorada de meus próprios encantos.
— Senhora...
— Não é verdade que dizem por ahí que eu
fui bem formosa?
— Dizem que minha tia inda o é.
— Lisongeira!... oh! mas em fim, eu conheço
que não devo assustar a ninguém.
— Então...
— Todavia os dezeseis annos! os dezeseis an-
nos! n’esse tempo se está na flôr da vida, e no
vioço das graças! ninguém é feio aos dezeseis
anos!
Depois de alguns instantes de silencio a viuva
proseguiu dizendo:
— Para mim a vida de prazer e de encantos
está em vésperas de acabar; para ti é agora que
começa. A primavera da idade com esse rosto tão
bello, com esse olhar tão puro, Celina, faz sem-
pre as delicias da mulher. Ainda não sentiste que
para ti são guardadas todas as attentões?... ainda
não notaste como te olhão ardentes, como te
fallão tremendo, como te escutão em extasíis?
Celina, ahi está a prova solemne de tua formo-
sura. A moça bella é o delírio do mundo: ah!
que se aos dezeseis annos tivesse a mulher a
experiencia dos trinta, então com a belleza con-
seguiria tudo... honra... fortuna... posição... tudo!...
— Ainda bem, minha tia, que as moças não
são ambiciosas.
— Não, não o são: o amor as occupa demais
para que ellas o fossem. Embriagadas com os
deleitosos perfumes que vêm arder a seus pés;
— 209 —

cheios os ouvidos de verdades e de lisonjas; a cada passo que dão ouvindo uma exclamação de agradável surpresa; no teatro sentindo cem olhos lançados sobre seus rostos; em toda parte vendo adoradores escravos; e em breve tendo mesmo já no coração uma simpatia que vai crescendo e acaba por amor; elas não tem, elas não podem ter outra idéia que não seja a de ser bellas, outro desejo que não seja o de ser amadas, e outro futuro que não seja tudo esperado de um amor com que elas sonhão de dia e de noite, e que, desgraçadamente, não se realiza nunca.

— Nunca?...

— Nunca, Celina.

A Bella Orphã suspirou involuntariamente.

— Já suspiras, Celina?... quem sabe se eu não estive fazendo o teu retrato?... pois bem; sou tua tia... quasi tua tutora, e portanto devo aconselhar-te; mas para bem fazê-lo preciso é antes ganhar uma confiança de que ainda me não julgaste merecedora, entrar no teu coração, vêr o que n'elle se passa, para depois dizer o que convém.

Marianna, fingindo ignorar o segredo de amor de sua sobrinha, queria leval-a pouco a pouco a um fim que tinha no pensamento, e pelo qual promovêra aquella conferência.

Porém Celina desconfiava de sua tia; guardou mais que nunca o seu segredo, e nada respondeu.

— Então ficas muda?... perguntou a viuva; será possível que penses em fazer-me crer que ainda não sonhas bellos sonhos de amor, tendo
já dezesseis anos de idade?...
— Muito moça ainda, não é assim?
— Por certo que não és nenhuma velha; e com tudo estás em idade de casar.
— Tão cedo!...
— Não no nosso país, Celina, onde tudo é rápido e precoce. Emfim, eu sou tua tia, meu pai é teu tutor, e por dever santo e respeitável devo procurar para ti um estado... uma posição.
— Obrigado, minha tia.
— Temos entendido que é tempo de te casar não só para fazer a tua ventura, como para completar a nossa missão, e conseguir o nosso socego.
— Para o vosso socego... eu creio; mas para minha ventura!...
— Para tua ventura também, sim; e graças a Deus, meu pai e eu não somos duas crianças como tu és, Celina.
— Porque, minha tia?
— Porque, na questão da escolha de um marido, tu cortarias todas as dificuldades com o coração, e nós decidiremos tudo com o juízo.
— Ah! sim!...
— Um marido é o homem que deve acompanhar-nos toda a vida...
— Provavelmente, minha tia.
— O homem de quem tomamos o nome, a posição, e as amizades.
— Eu o pensava já.
— E portanto, quando se trata de uma escolha d'essa natureza, toda a prudência se faz necessária.
— Sem duvida.
— Nós queríamos para teu marido um moço bonito, de boas qualidades, de bom nome, e de boa fortuna.
— A's vezes é difícil achar-se tanta cousa junta.
— Tivemos a felicidade de encontrar um, que preenche nossos desejos...
— Ah! então já, minha tia?... sem que eu ao menos o suspeitasse?
— E' verdade; um interessante mancebo veio pedir-nos a tua mão.
— Realmente foi um pouco apressado... nem ao menos procurou conhecer a minha opinião.
— Já sabes quem é?...
— Não, senhora.
— Vê se adivinhas.
— Não pretendo incomodar-me com isso.
— Porque?... perguntou Marianna, que se ia impacientando um pouco.
— Por nada, minha tia; respondeu seccamente a Bella Orphã.
— Estás zombando comigo, Celina?...
— Não, minha tia.
— Queres que te diga o nome d'esse moço?...
— Se lhe parecer conveniente.
— É o Sr. Salustiano.
— Ah!
— Tens que dizer alguma cousa?
— Nada... eu, nada: minha tia é que um dia me disse que aborrecia o Sr. Salustiano como se aborrece um malvado.

Escapou aos olhos de Celina um movimento rápido de Marianna.
— Eu estava em erro, disse esta sem hesitar.
— Apezer d’isso, minha tia, e apezar de todas as grandes e nobres qualidades que ornão esse mancebo, sou obrigada a declarar, desde já, que não serei sua mulher.
— Porque?... perguntou a viuva.
— Porque amo a outro; respondeu sem hesitação nem temor a Bella Orphã.
Marianna ficou por alguns momentos olhando para aquella fraca e modesta menina, que pela primeira vez a surpreendia com um signal de caráter decidido e forte.
— Amas já?... perguntou emfim a viuva.
— Já o declarei, senhora.
— E a quem amas, minha pobre Celina?
— Ao Sr. Candido.
— E elle?...
— Ama-me tambem.
— Infeliz!... tu foste enganada!...
Celina não demonstrou nem surpresa, nem receio, nem desgosto: desconfiava de tudo quando lhe dizia Marianna; deixou-se ficar em silencio, olhando e sorrindo-se para sua tia.
— Duvidas do que eu digo?...
— Muito, senhora.
— E se eu te der uma prova?...
Celina continuou a sorrir-se meigamente. Marianna lançou a mão ao bolso de seu vestido, tirou d’elle uma pequena carta, e entregou-a á Bella Orphã.
Celina abriu a carta e leu-a: seu rosto cobriu-se de mortal pallidez. Era a carta que a mulher de mantilha havia conseguido de Candido.
— E agora?... perguntou cruelmente Marianna.
— Agora?... não sei... duvido ainda, respondeu a custo, e erguendo-se a Bella Orphã.
— Onde vai, Celina?
— Preciso recolher-me e ficar só, senhora.
Celina já estava na porta.
— E o Sr. Salustiano?
A moça voltou-se e respondeu quasi com al-tivez:
— Ainda quando isto não seja efeito d’uma nova calúnia, senhora, eu nunca serei esposa d’esse homem por quem se mostra interessada. E saio.
Por sua vez Marianna empalideceu, e ficou de novo muda, pensativa e abatida.
XVIII

Historia dos doûs velhos

No mesmo gabinete em que, poucas horas an­
tes, escrevião João e Salustiano, foi que Rodri­
gues achou este ultimo ainda agitado pela scena
que tivera lugar.

O velho entrou com ar solemne e grave, e
comprimentou o mancebo com um simples mo­
vimento de cabeça.

— Pôde sentar-se, disse seccamente Salus­
tiano,

— Obrigado, disse Rodrigues, estou bem de
pé.

— Como lhe parecer. Dirá então o motivo que
me deu a honra de sua visita.

— A visita de um pobre velho não honra...

nocomoda.

— Deixemo-nos d’isso, disse o moço; tenho
que fazer; diga-o que quer.
O velho guarda-portão sorriu-se amargamente d'aquele modo incrível, e d'aquele ardor despreso com que era tratado por Salustiano.
— Então?! tornou este.
— Venho contar-te uma história, mancebo.
— Crê o senhor que tenho tempo de sobra para gastar ouvindo suas histórias?...
— Oh! que sim! rico senhor! baixando à sepultura, teu pai te repetiu com voz já sumida as mesmas palavras, que mil vezes te havia dito nos tempos da vida: — ouve, meu filho, ouve e obedece a João e a Rodrigues, como se fôsse à mim que obedecesses.
— E a que vem isso?
— E' preciso portanto que ouças a história d'esses dous velhos, e a de teu pai também; porque em tempo... o moço vai de novo indo no mau caminho!
— Senhor!
— Mancebo! escuta: não é por mim, é por ti que eu aqui venho. O raio está levantado sobre tua cabeça, e prestes a desfechar-se... eu quero mostrar-te o meio de vencer a tempestade: escuta.

A voz do velho tinha um não sei que de lugubre e terrível, que causou impressão profunda em Salustiano, o qual, como para esconder a commoção que ella acabava de produzir em seu animo, sorriu-se à força, e disse:
— Portanto, escutemos o profeta.

Rodrigues fingiu não ter ouvido a zombaria do moço, e, cruzando os braços sobre o peito, em pé, de frente de Salustiano, começou a história assim:
N’outro tempo, mancebo (bastantes’anos já são passados), havião n’esta mesma provincia do Rio de Janeiro, e em um dos seus municipios de serra acima, dous jovens bellos, ardentes, e generosos: tinhão ambos a mesma idade, vinte e cinco annos; seus pais havião morrido, e lhes deixado ricas heranças: Pedro e Paulo se chamavão elles: não erão parentes; achavão-se no mundo só e com um destino em tudo similarmente; Paulo tinha apenas um tio que d’elle não gostava; Pedro não conhecia parente algum. Esses dous moços encontrárão-se pois no mundo tão iguaes, tão similhantes, que se abraçarão um com o outro, jurárão amizade eterna, amor- rão-se como irmãos gêmeos, misturarão seus prazeres e seus pezares; de modo que aquelle que ofendesse Paulo teria ofendido Pedro, e o que fôsse amigo d’este seria por força também amigo d’aquelle.

― Até ahi nada de novo, meu caro, disse Salustiano; e, para poupar-lhe palavras, declaro que já sei que esse Paulo era meu bisavô, e esse Pedro o respeitável avô do Sr. Rodrigues.

Sem dar atenção ao que acabava de dizer Salustiano, o velho continuou:

― Esses dous amigos amárao ao mesmo tempo duas interessantes jovens; casárão-se no mesmo dia, e cedendo ao ardor da idade, e ás instigações de falsos amigos, votárão-se ambos a uma vida de prazer e de loucuras, que elles não pensavão de acabar um dia. Os banquetes erão succedidos por outros banquetes, e somente interrompidos pelas caçadas, pelas pescarias, e por mil outros prazer. Levárão muito tempo
assim, até que chegou um dia em que Pedro foi ter com o seu amigo, e disse-lhe:
— Paulo, temos andado mal; os meus bens chegāo apenas para os meus credores.
— Pedro, disse o outro; acordamos tarde; eu devo também tudo quanto possuo.
— Que faremos agora?
— Primeiro que tudo pagar a quem devo­mos.
— Os dois amigos chamārāo os seus cre­dores, satisfizērāo suas obrigações como homens honrados que erāo, e achārāo-se com uma sim­ples e pobre casinha para ambos, com uma mulher e um filho cada um d’elles, com duas espingardas, dois cães de caça, uma canoā, uma rede, e mais nada.
« Sorriāo-se ambos, olhando um para o outro, quando inventariārāo os restos de sua antiga riqueza.
« Os antigos companheiros de festas e de seus prazeres desprezārāo os dous amigos: elles rin­rāo-se ainda.
« Erāo dous homens de grande coração, de muito orgulho, e de immenso valor.
« Pedro nada tinha que esperar; Paulo nunca se lembrou que lhe restava um tio.
« Unidos sempre, esses homens embarcavāo-se na leve canoā, e os ferteis rios do Brasil lhes davāo peixe para suas mulheres e seus filhos.
« Outras vezes, seguidos dos dous únicos ami­gos que tinhāo ficado sempre fieis, de seus dous cães, Pedro e Paulo embrenhavāo-se n’ellas matas verde-negras, que cobrem numerosas legoas sem interrupção; ahi, ao lado um do ou-
tro, com seus cães ao pé e suas espingardas no hombro, impavidos e frios, elas esperavam a hora, em que começarão a combater com o tigre e o javali.

« Cem vezes Pedro salvou a vida de Paulo; cem vezes Paulo livrou da morte a Pedro; e depois, rotos, feridos, cobertos de manchas de sangue, elas voltavam à sua pobre casinha curvados sob o peso das vítimas de seu valor e de sua dextreza.

« Mas um dia, no meio dessa vida de trabalhos e de perigos, chega a notícia da morte do tio de Paulo, e outra vez a riqueza para este.

« Paulo era o herdeiro de seu tio.

— Somos ricos outra vez, disse este ao seu amigo; vamos para nossa casa: e agora sabremos ajuntar para nossos filhos.

— Vamos, respondeu Pedro sem vexame.

« Começarão de novo os dois amigos a gozar vida de abundância e de sosego; porém nada mais de banquetes, nem de festas.

« E quando elas morrerão deixarão seus dois filhos unidos como tinham sido seus pais, unidos como se fossem dois irmãos gêmeos.

« O filho de Paulo tinha ficado rico, e o seu amigo era apenas senhor de mediocres teres; mas essa diferença da fortuna não mudou nada à amizade, que os ligava.

« Amáram-se constantemente como seus pais; como seus pais casarão-se no mesmo dia. Um d’elles teve um fructo de seu hymeneu; foi um bello menino que se chamou Leandro! foi o filho do rico.

— Meu pai, murmurou Salustiano.
— O outro teve dois filhos gêmeos e uma filha que se chamavão João, Rodrigues, e Emilia. Fomos nós, Sr. Salustiano.
— Eu o sei.
— Quando nossos pais morrerão, bem cedo!... ficámos no mundo, herdeiros d’essa amizade pura, e sagrada, que era a honra de nossas famílias, e que fazia admiração das outras.
Salustiano não disse nada.
— Com orgulho, com a consciência cheia de prazer, de verdade, e de socego, nós dizíamos: — seremos como nossos pais! — oh! não desmentimos nunca!... fomos os derradeiros, é certo... porque minha irmã morreu, e meu irmão e eu não temos filhos; e porque o Sr. Leandro teve um filho que se não parece com seus antepassados.
— Senhor!
— Silencio, mancebo!... eu tenho o direito de te reprehender! fui o irmão d’alma de teu pai... sou um dos ultimos herdeiros da amizade de cem annos!... abaixa os olhos diante de mim; porque tu não serás nunca como forão os teus e os meus, e como somos ainda, meu irmão e eu. Silencio, mancebo; quem falia aqui não é o pobre velho Rodrigues, é a voz da amizade de cem annos.

O moço, apezar seu, abaixou a cabeça.

O velho proseguio:
— Sim... honra a nós; nós fomos como os nossos: Leandro, João e Rodrigues erão um só homem, e Emilia, dez annos mais moça do que nós e seis do que Leandro, era a menina dos olhos de todos tres, era o brilhante que se pre-
parava para a coroa de alguém que fosse digno de ajuntar-se com nós. Emilia era bellíssima, pura, ingênua como um anjo, com seus olhos pretos, suas faces pallidas, e seu corpinho debil... pobre Emilia!...

O velho enxugou com a face dorsal da mão direita duas grossas lagrimas, que estavão pendendo de suas palpebras. Depois continuou:

— Leandro apaixonou-se de uma joven senhora, tão linda como vaidosa, tão rica como pouco nobre: tarde conhecêmos esses defeitos; aliás, o nosso amigo não teria sido esposo de Mathilde.

— Falta de minha mãe, senhor? disse Salustiano erguendo a cabeça.

— Bem o sei, tornou o velho proseguindo: depois de casar-se Leandro, pediu-nos que consentissemos que Emilia fosse morar com sua mulher: nossa irmã tinha então dezesseis annos. Consentimos. Passarão os primeiros mezes sem que suspeitássemos, sem que cousa alguma podéssemos recear. Cedo porém começou Leandro a experimentar os excessos e efeitos da vaidade de sua mulher: sua casa se tornou um inferno; sua vida foi um martyrio constante. O único lenitivo, que achava para minorar seus sofrimentos o nosso pobre amigo, era vir depoitar suas magoas em nossos corações, e ir chorar-as ao pé de minha irmã.

O velho respirou, e depois disse ainda:

— Tua mãe, mancebo, aborreceu os amigos de teu pai: ciumenta e louca, vio uma rival em minha irmã, e inspirada pelo demônio, esquecida de tudo quanto é nobre e generoso, concebeu um pensamento infame!...
— Senhor!
— Na manhã de um domingo, depois do sacrifício da missa, que se celebrava na capela da fazenda de Leandro, estando a casa cheia, diante de meu irmão e de mim, mesmo à vista de seu marido, ela enxotou de sua casa a minha irmã, cobrindo-a de improperios e de maldições, dizendo contra ella calumnias que a nodoavão! oh! sim, mancebo, a lingua de tua mãe deshonrou a minha irmã! disse que uma virgem era uma mulher impura!... disse que seu marido a desprezava por minha irmã... disse tudo... tudo... disse tanto, que Emilia cahio desmaiada nos meus braços.

Salustiano não pronunciou uma só palavra em defesa de sua mãe. O velho continuou:
— Levámos a pobre moça desmaiada como estava para nossa casa: mancebo! quando minha irmã tornou a si, estava doida. Infeliz! vagava horas inteiras e sem cessar, interrompendo-se apenas para levantar a voz bradando — é falso!... — e vagava de novo, corria ajoelhando-se, erguia as mãos ao céo, e bradava — é falso! — lançava-se em nossos braços, chorava, soluçava, e por entre seus soluços deixava escapar o seu grito de innocencia — é falso. — Ah! mancebo! mancebo!... um mez inteiro se passou desse modo, e no fim desse mez ella expirou em nossos braços murmurando ainda a triste phrase — é falso! — Mancebo! mancebo! quem fez enlouquecer, quem fez morrer nossa irmã?...

Salustiano não respondeu nada.
— Foi tua mãe. Pois bem: a Providencia to-
mou o cuidado de vingar-nos; Mathilde não gozou o doce prazer de beijar seu filho. Mancebo, tu custaste a vida de tua mãe; ella morreu alguns momentos depois de te haver dado á luz.

— Infeliz! balbuciou Salustiano.

— E em nossos corações, prossegui o velho, a santa e immaculada amizade de cem annos teve força bastante para fazer com que João e Rodrigues carregassem ao colo o filho da assassina de Emilia: sim! porque o filho de Mathilde o era também de Leandro. Mas o nosso amigo tinha recebido terríveis golpes; a lembrança de Emilia o atormentava; a morte de sua mulher, que apezar de tndo elle amára extremosamente, veio aumentar seus pezares; lembrou-se da corte, sempre cheia de ruido, de festas e de prazeres, e emfim, resolveu-se a deixar a vida do campo. Vendemos quanto possuíamos, e viemos estabelecer-nos aqui. Mancebo, o resto de nossa vida tu sabes... é uma historia de vinte e cinco annos de cuidados gastos contigo, pois que tinhas apenas um anno quando deixaste os campos onde nasceste. Dize pois, não te lembras nunca do amor com que te tratavão os dous amigos de teu pai?...

— Senhor...

— Eras um menino indocil... passaste a ser um moço extravagante e altivo: dize pois, mancebo, já te esqueceste de que uma nodoa... a deshonra te ia manchar, e de que fomos nós os que te arrancámos, te salvámos da infâmia?!!

— Basta! exclamou Salustiano córando.

— Ninguém nos ouve aqui, tornou o velho;
podemos fallar sem receio: para alimentar teus vicios ousaste furtar uma firma... teu nome foi escripto no rol dos criminosos... e quem te valeu então?... quem comprou um escrivão sem honra, que prestou-se a queimar o processo?... quem pagou ao homem cuja firma ti-nhas imitado?... lembra-te, mancebo, que fomos nós, João e Rodrigues; porque teu pai queria que o filho indigno soffresse a pena merecida... lembra-te que fomos nós, que suspêndemos a maldição que dos labios de um pai austéro ia cahir sobre o filho pervertido.

— Senhor! senhor!...

— Sim... conseguimos o teu perdão; e quando a morte veio arrebatar-nos o nosso amigo, as últimas palavras que te dirigio, fôrão essas, que já m'as ouviu hoje: «ouve, meu filho, ouve e obedece a João e Rodrigues, como se fosse a mim que obedecesses.

— E' preciso concluir, senhor!

— Morto teu pai, uma nobre missão chamou-me longe d'esta casa: meu irmão porém ficou velando por ti. Mancebo, como pagaste ao amigo de teu pai os extremos, que gastou contigo?... dize.

— Respeitei-o, disse Salustiano: respeitei-o até hontem.

— E hoje?

— Hoje o ofendido fui eu.

— E qual a offensa?... pretendes que meu irmão arrancar de teu poder um papel, que te não pertence?... que direito tens sobre aquella carta?... que uso queres fazer d'ella?... ah! mancebo, o amigo de teu pai vem dizer-te, que isso
que tens no pensamento, e que cuidas realizar, mercê d'essa carta, é uma infamia.

— Senhor!

— Mas ainda é tempo de voltar atrás; os olhos da amizade dos cem annos ainda te olhão com piedade: em nome de teu pai, João te perdoa: em nome de teu pai eu te venho chamar para o caminho da honra. Mancebo, dá-me a carta da filha de Anacleto.

— Oh!.. eu tinha adivinhado o motivo da sua visita, Sr. Rodrigues.

— E então?

— E' impossível conseguir de mim o que pretende: reconheço os serviços que lhe devo; respeito os velhos amigos de meu pai, mas não posso abandonar assim a única esperança...

— A esperança, de que?

— De alcançar a posse da mulher que adoro.

— Não a alcançarás nunca.

— Essa carta, senhor?!!

— Essa carta fará a desgraça de uma mulher, e mais nada.

— Mas essa mulher terá meios de fazer-me esposo de Celina.

— Não, não; porque haverá quem se levante entre a virgem pura e nobre, e o mancebo pervertido...

— E quem ousará?...

— Eu.

— Bem, Sr. Rodrigues, veremos.

— E a 'carta, infeliz moço?...

— Nunca.

— Mas quando a vingança do ofendido vier cair sobre tua cabeça?...
— Nada receio.
— Pensa bem, mancebo: d’áqui a uma hora nada mais poderá salvar-te... pensa.
— Estou decidido, senhor.
— Então toda a esperança de conciliação está perdida?
— Toda.
— E as consequências?...
— Embora.
— Fiz quanto pude, disse o velho com voz lugubre; agora nada mais ha que esperar. Salustiano sorrio-se.
Rodrigues ergueu o braço direito como apontando para o céo, e sahio dizendo:
— Justiça será feita.
XIX

No alpendre

Logo que Rodrigues sahio, João entrou para o quarto d’este, cerrou a porta e esperou a volta de seu irmão, meditando sobre os meios de realisar um projecto, que desde muitos dias, e então mais que nunca, o ocupava.

Chegou Rodrigues, e adivinhando onde se recolhera o irmão, abrio a porta e entrou.
O velho guarda-portão estava triste e abatido.
— Então?... perguntou João.
— Nada.
— Não te havia eu prevenido de que serião inuteis todos os teus esforços?
— Paciencia; mas fiz o que devia.
— E agora ainda quererás suspender-me?
— Não; convém que aquelle moço seja abatido.
— Bem: tomo isso à minha conta.
Ficarão os dois velhos pensando durante algum tempo, e depois João perguntou:
— E a respeito do outro, que novidades ha?...
— Hontem à noite fez elle vinte e um annos.
— Eu o sei.
— A' meia noite bateu à porta do Purgatorio-trigueiro uma mulher de mantilha, que o foi procuraer.
— E essa mulher...
— Era Marianna,
— O que queria d'elle?
— Não sei bem; mas parece que conseguiu muito, porque ao romper do dia de hoje chegou ao Purgatorio-trigueiro muito a tempo...
— A tempo de que?
— De desmanchar um projecto de viagem a mais extravagante do mundo. Candido ia partir.
— Para onde?
— Elles mesmo não sabia dizer.
— Rodrigues, aquella mulher é o diabo em pessoa.
— E' muito desgraçada, João.
— Por culpa d'elle: tu foste sempre mais piedoso do que eu.
— Não, tu és que te finges mánio.
— Está bem; e então não conseguiste saber o motivo d'essa viagem?
— O nosso pequeno teimou em occulta-o.
— Mas por fim, cedeu e ficou.
— Sim; porém custou-me muito: foi-me preciso tocar-lhe na corda mais sonora de seu coração.
— Ah! já sei; fallaste-lhe em sua mão.
— E' verdade
— Pobre rapaz!... e como vai elle de amo-
res?
— Olha, Jão, eu não o entendo: até hontem
á meia noite era todo ardor, paixão e espe-
rança.
— E hoje?
— Não quer ouvir o nome da Bella Orphá.
— E esta!...
— A mulher de mantilha dobrou muito à sua
vontade aquelle coração.
— Quando eu digo que ella é o diabo!
— Infeliz! treme diante do mundo: Salus-
tiano é um aspecto que a assombra; obedece-
lhe como a um senhor.
— Cedo eu a livrarei d'esse phantasma.
— Como?
João ficou olhando por algum tempo para Ro-
drigues, e depois disse:
— Está bem... era um segredo que eu queria
guardar para mim só; mas vou dizer-t'o.
Rodrigues escutou curioso.
— Tens um bello vizinho ali defronte, disse
João.
— Sim, é o celebre Jacob... aquelle nosso
escrivão do processo.
— Pois sabe que é muito meu amigo.
— Teu amigo?... e tu apertas a mão de si-
milhante homem?
— Aperto.
— João!
— Nada de reprehensões; escuta: observei
que o tal Jacob ia de vez em quando ter com
Salustiano; ficavão a sós por algum tempo, e depois o escrivão retirava-se muito alegrezinho, e o outro ficava por algumas horas de mau humor.

— E a razão?
— Um dia consegui ficar em posição de ouvir-os, e apanhei-lhes o segredo. O escrivão é duas vezes infame.
— Como?... explica-te.
— Infame, porque recebeu dinheiro para queimar um processo, e por isso perdeu o ofício; e infame outra vez, porque o processo não está queimado.
— E então?...
— Ele o guarda.
— Oh! mas isso é o diabo.
— Pelo contrário, eu julgo que é excelente. Já te disse que tenho estreita amizade com Jacob.
— E que pretendes fazer?
— Ir morar com ele.
— E esperas conseguir isso?
— Com dinheiro tudo se consegue d'aquele homem: vou alugar-lhe um quarto em sua propria casa.
— E depois?
— Depois os papeis estão lá, e hão de ser meus, custe o que custar.
— Fallar-lhe-hás n'isso?
— Deos me defenda: Salustiano deve tê-los pago bem, para que elle m'os quizesse ceder!
— Olha, João, se te vás metter n'alguma...
— Deixa o caso por minha conta; mas que é isto?...
Ouvio-se uma voz terna e melancólica, que começava a cantar o romance do Sonho da Virgem.

«Era um dia um mancebo, qu’ardente,
«Pobre vida esquecido vivia;
E uma virgem...

O velho Rodrigues sorriu-se.
— De que te ris... perguntou João.
— E' que este canto me está chamando. A Bella Orphâ tem que me confiar.
— Pois vai; adeus.
— Não, espera; pôde ser que convenha que saibas o que ella tem para me dizer.
João ficou outra vez só no quarto de Rodrigues.
Uma hora depois voltou o velho guarda-portão.
— Que novidades há? perguntou João.
— O caso vai-se complicando.
— Então que temos?
— A tal mulherzinha de mantilha obteve do nosso pequeno uma carta para Celina.
— Bravo! provavelmente o rapaz desmanchou-se todo em juramentos de amor.
— Ao contrário, declara à nossa Bella Orphâ que a não ama, e que não quer illudil-a por mais tempo.
— E esta!... que dizes a isto?
— Fiquei com a cara à banda, João!
— Que disseste à pobre menina?
— Que desconfiasse, e que esperasse.
— Realmente foi boa resposta.
— Agora vamos sahir, João.
— Para onde?
— Tu para casa de Jacob, e eu para o Purgatório-trigueiro.
— Vamos.

Os dois velhos separarão-se á porta do alpendre. João entrou na casa de Jacob, e Rodrigues foi conversar com a velha Irias.
O coração de Jacob

Estava correndo a segunda noite depois d'aquelle dia, em que João tinha sido lançado fora da casa de Salustiano.
Erão cerca de dez horas.
Na acanhada saleta de jantar da cozinha, que ficava fronteira ao Céo côr de rosa, estavão três personagens ceando alegremente, sentadas ao redor de uma pequena mesa: erão Jacob, Helena e João.

O antigo agente da casa de Salustiano tinha calculado bem com o genio interesselro do escrevão; logo que se separou de Rodrigues apresentou-se na casa de Jacob com a bolsa na mão, e foi imediatamente recebido e installado no melhor quarto da casa.

Logo na primeira noite João ofereceu a seus
hospedes uma excelente ceia: Jacob era amigo de bom vinho, e Helena, ou por condescendência, ou por que quer que fosse, gostava de tudo de que seu marido gostava: portanto comeu-se e bebeu-se até alta noite.

Na que se estava seguindo, repetiu-se a mesma cena.

No entretanto conversavam.
— Mas, como ia fazendo notar, disse João, parece que o destino foi quem decidiu que nos ajuntássemos; eu fui um dos que cooperei para sua desgraça, e portanto era justo que viesse ajudar-a.
— Não nos lembremos disso, disse Helena.
— Sim, afoguemos os pezares com vinho.
— Vá feito! exclamou Jacob; á saúde da boa amizade.

E apenas esvasiados os copos, João os encheu de novo, porém com vinho diferente.
— Esta mistura de vinhos é que hontem me fez mal, observou Helena.
— Ora, saúde... um dia não é todos os dias...
— Apoiado! bradou Jacob.
— Comamos um pouco deste bolo inglez para fazer lastro.
— Vamos a elle, que está excelente!
— Eu já pedi a uma comadre minha a receita dos bolos inglezes; mas a maldita egoísta deu-me uma como a cara d’ella.
— Perdemos uma duzia de ovos, meu caro João.
— Deixe estar, Sra. Helena, que eu lhe hei de trazer a verdadeira receita dos bólos inglezes.
— Oh! Sr. João não faz idéia do gosto que me dará.
— Sr. Jacob, lá vai a saúde da sua boa senhora!...
— A razão da mesma!
Jacob e Helena, pouco habituados a beber vinhos de diversas qualidades, começavam a demonstrar uma alegria e vivacidade muito significativa.
— Que vinho delicioso! disse o escrivão.
— Tem vinte e cinco annos de sepultado.
— Ah!... eu logo vi...
— Mais um copo.
Os deus não se fizerão rogar.
— A propósito, disse João; hontem o Sr. Jacob começou a contar-me uma história que infelizmente não pôde concluir.
— Qual?
— A historia de uma grande trovoada doméstica: uma briga entre marido e mulher, a consequente separação dos sujeitinhos, e depois a sua recente conciliação... que diabo! eu fiquei espantado de o ouvir contar as cousas, como se as tivesse testemunhado, e ainda mais me espantei quando de e disse que tinha documentos d’isso no coração.
— Eu não entendo o que é o meu coração!...
— E’ verdade... confesso que não posso adivinhar semelhante charada.
— E’ segredo de familia, e portanto...
— Basta... já não quero saber. Vá um copo de vinho aos segredos de família!
— Vá!

João, que desde a noite anterior concebia as melhores esperanças de realizar o plano, que trouxera em mente quando viera morar em casa de Jacob, deixou passar cerca de um quarto de hora, durante o qual fez com que o ex-escrivão e sua mulher esvasiassem ainda mais dois calíces de vinho, e depois disse:
— Mas, tornando, como lá se diz, á vacca fria, devo notar que não são muito concordes em um ponto da tal história.
— Em qual?
— O Sr. Jacob diz que o casal brigado e separado reconciliou-se em consequência de uma carta muito cheia de lamúrias e de tolices, escrita por um d’ellas.
— E’ certo!
— Foi tal qual.
— Sim; mas hontem o Sr. Jacob sustentou que a carta estava assignada pela mulher, e a Sra. D. Helena jurou que era do proprio punho do marido.
— E’ da mulher.
— E’ do marido.
— Então em que ficamos?
Não faltava mais nada?... uma mulher abaixar a cabeça a um homem!...
— Pois digo-lhe eu que a carta é da mulher! exclamou Jacob, dando na mesa um forte murro.
— E’ mentira, Sr. João!
O velho soltou uma gargalhada estrepitosa. Jacob e Helena, extremamente espiritualizados, teimavão um com o outro com desespero
e furor: João, em vez de apasigual-os, os desafiava cada vez mais com suas gargalhadas.

— Feixe-me o sangue quando esta mulher do diabo teima comigo!...

— Este homem, Sr. João, não abre a boca que não minta! é um inimigo das mulheres...

— Pois se a carta é da mulher!...

— E' do marido!

— Óh! senhora... não teime...

— Tenho dito: é do marido!

— A senhora não sabe que eu tenho a carta no meu coração?...

João fez um movimento.

— Pois, se lhe parece... eu não tenho medo...

Jacob olhou para João com ar ainda meio temeroso.

— Deixemos-nos d'isto, disse este; acabemos com esta contenda; vá à saude dos bons esposos!

Os copos esvasiáram-se de novo: d'ahi a algum tempo João tornou:

— Mas vamos: a carta era da mulher ou do marido?

A embriaguez de Jacob e Helena já então era completa; gaguejavão ambos, fallando ao mesmo tempo.

— E' da mu... lher...

— E' do ma... ri... do...

— Quem falla verdade? decidamos.

— Eu...

— E u...

Os dous disputantes ficáram desesperados outra vez.

— Eu... vou... bus... car... o co... ra... ção!... exclamou Jacob.
Helena respondeu-lhe com um insulto, e o escrivão, cambaleando e segurando-se pelas redes, dirigiu-se ao seu quarto.

No entanto, e para que Jacob não se deixasse ficar no quarto, pois que tudo se podia esperar do estado de embriaguez em que se achava, João, instigando Helena, fazia com que a mulher injuriasse em alta voz a seu marido.

Jacob apareceu de novo à porta da pequena saleta.

João lançou um olhar cheio de curiosidade, de dúvida e de esperança sobre aquelle homem.

O ex-escrivão vinha abraçado com uma caixa de jacarandá, que se mostrava sob a fórmula de um coração.

Era de facto aquillo que ardentemente desejava vêr o antigo agente de Salustiano: era o coração de Jacob.

— Até que, emfim! murmurou João por entre os dentes.

E ergueu-se para ir ajudar a Jacob que vinha cambaleando.

O ex-escrivão chegou finalmente à mesa, e indo depositar ali a caixa que trazia, debruçou-se sobre ella olhando meio risonho, e ainda meio desconfiado para João.

— Vamos decidir a questão, disse este.

— E' do ma...ri...do, balbuciou Helena.

Com um movimento de desespero o ex-escrivão desabotoou o seu infalível fraque roxo, abriu a camisa, e deixando vêr um peito vermelho e cabelludo, foi com mão mal segura tirar um cordão preto, a que estava presa uma pequena chave.
— Vejamos... vejamos... disse João todo desejos e esperanças.

Jacob trabalhou por muito tempo para introduzir a chavinha na fechadura; porém, conhecendo que o não podia fazer, sentou-se de novo risonho, e disse gaguejando:

— Que...di...a...bó...não pos... so... pa... re...ce...me |que... es...tou be...ba...do.

— Dê-me a chave, que eu abro...

O ex-escrivão soltou uma gargalhada, sacudiu a cabeça e tornou a enfiar o cordão no pescoço.

— Também não vale a pena perder tanto tempo por isso, tornou João; acabemos o prazer d'esta noite com um último copo de vinho.

E encheu os copos. Jacob bebeu metade, e entornou sobre a mesa e sobre si mesmo a outra metade.

Helena não bebeu, porque já dormia a somno solto.

O antigo agente de Salustiano deixou cair a cabeça, e pareceu adormecido.

D'ahi a pouco Jacob roncava como um endemoninhado.

No fim de um quarto de hora João ergueu-se, observou cuidadoso os dous esposos; abriu a camisa do ex-escrivão, tirou-lhe o cordão do pescoço, e introduzindo a chavinha na fechadura da mysteriosa caixa, deu uma volta; e o coração de Jacob ficou por dentro patente a seus olhos.

A caixa estava cheia de papeis de todos os tamanhos e de toda natureza.

Cartas de familia, escriptos de amor, originaes de antigos impressos, tiras de papel com
algumas linhas escriptas, mas cujo sentido era quasi impossível decifrar, antigos processos... papeis judiciaes... e uma multidão immensa de outros objectos enchião o coração de Jacob.

O ex-escrivão tinha realmente dado um nome muito significativo áquella caixa : era o seu coração.

Era o coração do homem mão, intrigante; maledicente. Dentro d’elle estavão os materiaes, com que elle podia accender a guerra entre familias.

Jacob era um malvado, ou para melhor dizer, um miseravel malvado.

João não se demorou em fazer observações sobre o que tinha diante dos olhos ; foi passando um por um todos aquelles papeis, até que chegou a um processo.

— Ah! eil-o aqui!... eil-o aqui!... exclamou sem poder suster-se.

E folheando o processo chegou a um lugar, em que havia um documento:

— A letra falsa!... disse.

E como se mais nada lhe importasse do resto; como se houvera completado a sua missão n’aquella casa, guardou o processo no largo bolso de sua sobrecasaca, fechou o coração do mão, poz de novo o cordão no pescoço de Jacob, e indo ao corredor da casa despertou a escrava, mandou que lhe abrisse a porta da rua, e tomando o chapéo, sahio.

Era mais de meia noite.
XXI

Marianna

Uma verdadeira guerra de emboscadas era a que estava declarada: cada um dos combatentes tinha seu segredo, e por elle velava; alguns tinham dous segredos também; um que fazia alentar, e outro que fazia córar: outros viviam suspensos e temerosos, vítimas inocentes da intriga que fumegava.

João e Rodrigues, senhores das pontas d'aquella meada embarracada velavão, tendo os olhos fitos em Salustiano e Marianna; mas pareciam guardar ainda para si o — seu segredo querido —, que era talvez a historia de Candido.

Salustiano e Marianna esperavão e tremião: tinham ambos que esperar: ambos porém tinham ao mesmo tempo de córar.
A velha Irias ignorava por ventura tudo? parece ao menos que sim.

Anacleto, Candido e Celina erão aquelles que vivião suspensos e temerosos: erão elles as víctimas inocentes que se preparavão, porquêo primeiro deveria chorar por sua filha, e os dous ultimos por seu amor.

Henrique nada temia, e tudo esperava: estava quasi a brilhar o dia de seu casamento.

Os acontecimentos se ião precipitando, e deixavão adevinhar que o drama corria para um proximo desfecho. O dia que succedeu á noite de embriaguez de Jacob e de Helena, embriaguez que havia deixado cahir o coração do ex-escrivão nas mãos do antigo agente da casa de Salustiano, foi de terríveis sorpresas para o primeiro e para Marianna.

Salustiano soube na manhã d’esse dia que um documento importante, que o tornava criminoso publico, havia cahido nas mãos do homem, que dous dias antes se declarara seu inimigo.

Concebe-se qual deveria ser o effeito d’essa horrível notícia: era um raio que acabava de levantar-se sobre a cabeça do misero mancebo.

A Providencia castiga o crime por todas as maneiras: castiga-o mil vezes por seus descuidos e imprudencias; aquelles que tinhão comprado Jacob, poderião e deverião tê-lo visto queimar o processo e a letra falsa: a falta d’esse cuidado era agora um castigo que vinha sobre o crime, que não deveria ficar impune.

Salustiano mandou deitar fora de sua casa o ex-escrivão, que acabava de lhe trazer a fatal nova,
e ficou só... perdido em um mar de reflexões torturadoras... aterrado e furioso.
Depois lançou-se sobre sua secretaria, e escreveu uma carta com rapidez e desesperação.

Por sua parte Marianna tinha aparecido n’aquelle dia mais abatida que de ordinário. Um sonho terrível a atormentara toda a noite; acordára três vezes aos gritos de uma criança recém-nascida que lhe bradava: — minha mãe!
Depois do almoço retirou-se para o seu quarto, e ficou dolorosamente pensando... no futuro que a esperava.
Era um futuro portanto bem duvidoso!... de um lado estava Celina, que não daria nunca sua mão a Salustiano; do outro lado estava esse mancebo abominável pronto para fallar, e com uma folha de papel na mão: e sua primeira palavra era a deshonra, e esse papel era o corpo de delicto da desgraçada viuva!... e para completar o quadro, via-se no fundo um misero velho curvado pelos annos e pelos pezares, chorando com os olhos em sua filha, e descendo para dentro de uma cova funda como um abysmo!...
E depois de tudo isso a imagem de um mancebo pallido e melancolico... a imagem de Henrique tão bello, tão cheio do mais puro amor, tão capaz de fazer a ventura de Marianna!...
Pensava n’isso, via tudo isso a infeliz mulher, continuava sempre a pensar e a vêr, até que às onze horas da manhã uma escrava entrou em seu quarto, e entregou-lhe uma carta que acabava de chegar.
Marianna abriu a carta e estremeceu ao ler a assinatura.

Era a carta de Salustiano.

Retirou-se a escrava a um aceno da viuva, que, apenas se achiou só, leu a carta: « Senhora, um acontecimento, que pouco lhe importará saber qual seja, porque sómente a mim diz respeito, acaba de obrigar-me a modificar minhas disposições: a escritura de meu casamento com a senhora sua sobrinha deverá impreterivelmente ser hoje assignada. Às cinco horas da tarde terei o prazer de ir ao Céó-côr de rosa, levando comigo a escritura de que fallo, e a carta, que com toda probabilidade espero deixar hoje em suas mãos. Tenho a honra de assinar-me, etc. — Salustiano. »

Marianna ficou petrificada, pallida e imóvel como um cadáver ao princípio; depois com o rosto contrahido, os olhos espantados e o corpo convulso, causaria piedade ao coração mais duro.

Era a sentença final que a misera acabava de ler... o que lhe restava?... o que lhe cumpria fazer?...

Mas passada uma hora a graciosa cabeça daquella encantadora mulher ergueu-se bella e orgulhosa; brilhárão seus olhos com ardor imenso, suas faces se animaráo com o rubor da vida, e um sorriso que se não podia bem traduzir, que tinha alguma cousa do rir terrível do desespero, e do rir sosegado de um martyr christão, raiou em seus lábios grossos e voluptuosos, deixando alvejar seus lindíssimos dentes.

Animava-a a ideá de um novo crime: ella se exaltava com um pensamento sinistro.
— Vencerei... a meu modo!... murmurou ela.

E depois, por entre uma risada nervosa, e como filha da loucura, acrescentou:
— E' um tigre!... é um tigre que pretende devorar-me!... livrarei a minh'alma de suas garras... deixar-lhe-hei o meu corpo... ah! sim!... o tigre que se farte no meu cadaver!...

A infanțecida meditava no suicídio!...

Porém ela sentiu rumor: ouviu os passos compassados de alguém que vinha subindo a escada: eram os passos de um velho.
Marianna correu a receber seu pai.
— Meu pai!... exclamou ela.

O velho recuou dois passos, como sobressaltado, depois cruzou as mãos e disse:
— Graças a Deos!
— Porque, senhor?...
— Porque emfim te vejo alegre, Marianna.

Foi com tão viva expressão de prazer que aquelle bom velho agradeceu ao céo a alegria, que estava brilhando no rosto de sua filha, que ella mesma não pôde resistir á dôr que lhe causava a mentira que iludia seu pai.

Os olhos de Marianna arrasáram-se de água: a misera começou a soluçar desabridamente, de joelhos, abraçada com as pernas do sensível velho.
— Minha filha! minha querida filha!... que é isto?... bradou então elle; por acaso enganei-me eu?... és sempre incomprehensivelmente desgraçada?...

Marianna chorava mais ainda.
— Filha da minh'alma, continuou Anacleto.
chorando também, falla! derrama no meu co-
ração os teus pezares... falla pelo amor de Deos!
se tens um segredo, onde acharás para esse ar-
cano mais bem cerrado tumulo, do que o cora-
cção de teu pai?... oh! falla!... a alma de um
pai se abre piedosa ás penas que te dilacerão;
falla! se um tal silencio continua, e continuo
essas lagrimas e esse constante soffrer, cuja
causa me escondes, eu não posso resistir mais... 
eu morro, de certo!
— Senhor... balbuciou a misera.
— Ah! é porque tu não sabes o que é ser
pai Marianna; é porque ignoras que não ha
punhal, que rasgue mais dolorosamente as en-
tranhas de um pai, do que as lagrimas de uma
querida filha!... falla, meu anjo, falla, meu
amor, falla, minha filha!... porque choras?... 
tens por ventura commettido uma falta?... a
alma de teu pai é grande para t’a perdoar!... 
offendêrao-te?... falla, e meu tremulo braço
readquirirá as perdidas forças para vingar-te...
o que tens? vê que o teu silencio faz mal a ti
mesma... lembra-te que esse mysterio, em que
envolves a tua dôr, pôde dar lugar a que alguém
suspeite...
— Com a rapidez do relampago desapparece-
rão todos ossignaes de dôr ou de enternecimento,
que em Marianna acabavão de mostrar-se. Tinha
despertado a vaidade... a mentira.
A viuva ergueu-se.
— Então, minha filha?
— Nada soffro, meu pai.
— Mas que contradicção é essa?... chego e
acho-te risonha; dou graças a Deos pelo teu
contentamento, e cahes a meus pés desfazendo-te em pranto; chorando também por minha vez, peço-te que falles; e tu te ergues altiva, com os olhos enxutos, e me dizes que nada soffres?!! como explica isto?

A viuva pensou um momento, e depois respondeu tão socegadamente como se fôra a própria verdade, que nos seus labios fallasse:

— Meu pai, disse ella, tenho-lhe causado immensos pezares...

— Não nos lembremos das dores passadas: o que eu quero saber é simples: o que te atormenta hoje?

— Remorsos.

— Remorsos ?!! exclamou Anacleto.

— Sim, meu pai; remorsos dos desgostos, que lhe tenho causado.

O velho fitou por alguns instantes os olhos no rosto de sua filha; depois, sacudindo tristemente a cabeça, disse:

— Não é isso.

— Oh! é isso, meu pai, é isso mesmo. Fui desde criança uma louca, cheia de presumpção e vaidade, a mais pequena contrariade offendia meu orgulho; um homem, que deixasse de queimar incenso a meus pés me levava ao desespero; e depois, envergonhada de meus sentimentos, de minhas puerilidades, eu escondia a causa de minhas penas a meu pai, que chorava julgando-me desgraçada, quando eu era somente uma pobre louca.

— E mais nada? perguntou Anacleto.

— Muito mais, meu pai, muito mais; porém tudo se reduz pouco mais ou menos a isso.
— E ultimamente?
— Ultimamente eu era, eu sou louca como d’antes: eu sou criança ainda hoje, meu pai.
E com um sorriso graciosamente Marianna continua:
— Devo confessar-o?... pois bem: eu sou ciumenta, meu pai, perdidamente ciumenta: estou para casar-me, e se Henrique olha duas vezes para uma senhora, faz-me estar triste um dia inteiro; se conversa com prazer com outra, sou capaz de chorar duas horas. Eu não disse já que era louca?
— E mais nada? perguntou Anacleto de novo.
— Pois o que mais, meu pai?
— Minha filha, tu não queres ainda confiar-me os teus pesares; não tens piedade d’este pobre velho, que tanto te ama!... paciência!
Outra vez se encherão de lágrimas os olhos de Marianna.
— Choras ainda?... eis aqui...
— Meu pai! eu lhe tenho feito sofrer muito; ainda hoje, ainda agora acaba de chorar por minha causa; pois bem; eu lhe prometo que ámanhã, e que mais nunca me ha ver pezarosa.
Anacleto estremeceu todo, e disse:
— Marianna!...
— O que tem, meu pai?
— O que acabas de dizer pôde-se entender de dous modos: é um pensamento que pertence tanto á vida como á morte, e talvez que ainda mais a esta ultima.
— Morte!... disse a viuva rindo-se; pensar em morte uma moça, que está em vesperas de casar-se?
— Ah! Marianna, quem te poderá compreender sufficientemente?!!

A viuva apertou a mão de seu pai entre as suas, e perguntou:
— Meu pai, encommendou as flóres?
— Encommendei, respondeu o velho suspirando.
— Eu quero que o meu vestido de casamento esteja prompto ámanhã.
— Está bem.
— Meu adereço de brilhantes?
— Também ámanhã o terás.
— Como meu pai me ama!!! exclamou Marianna abraçando o velho.

Anacleto apertou sua filha contra o coração sem dizer palavra.
— O velho sofria muito; apesar de todos os esforços que fazia a viuva, o olhar penetrante de seu pai lia-lhe a mentira no rosto.

Ah!... se elle podesse lêr também o pensamento sinistro e infernal, que pairava no ânimo de Marianna; se elle adivinhasse que debaixo d’aquelle rosto tão bello e tão risonho, d’aquelle olhos tão ardentes, e dentro d’aquelle cabeça tão graciosâ estava a ideá da morte... o suicídio!...

— Mas, disse Marianna, agora é que eu reparo... meu pai está vestido para sahir.
— Sim; lembrei-me apenas ha uma hora, que faz hoje annos um de meus velhos amigos, e vou jantar com elle; vinha por isso dizer-te adeos.
— Não pretende voltar cedo?
— De ordinario a gente se demora mais n’estes dias...
— Então a que horas?
— A’s dez da noite, pouco mais ou menos.
Apezar seu, Marianna sentiu que lhe ía faltar as forças... tornou-se pallida, e segurou-se a uma cadeira.
Infelizmente escapou isso aos olhos de Anacleto, que se dispunha já a sahir.
— Meu pai, disse a viúva com voz muito comovida e suspendendo o velho, que já se achava na porta; meu pai, prometi-lhe que nunca mais me havia de ver pezarosa... pois bem; abençoe de coração a sua filha.
— Anacleto voltou-se com os olhos humidos, e abençoou Marianna.
Depois sahio.
— Abençoou-me pela ultima vez! murmu­rou surdamente a viúva.
E ficou estatica... pasma... aterrada. Tinha a morte n’alma.
Os remorsos

O crime mesmo, quando parece triumphar ou poder fugir ao castigo dos homens, envolto nas sombras dos mysterios, é ainda assim mil vezes mais desgraçado do que a innocencia, que succumbe.

A innocencia é sempre bella, sempre pura, sempre anjo aos olhos de Deos, que vê tudo, que vê o bem e o mal. A innocencia espesinhada pelos homens, ou com nobreza os despreza, ou chora doida de suas injusticas ; mas seu coração se volta para o céo, e suas esperanças vão para a eternidade : lá em cima o juizo dos homens é nada.

A innocencia é a virgem encantadora amada por Deos : Elle lhe paga cada lagrima com um triumpho : a gloria que a espera é tanto mais su-
bida, quanto mais doloroso foi o seu martyrio
cá em baixo.

E o crime ?...

O crime é sempre duas vezes formidavel-
mente castigado, sem contar com as penas e
tormentos a que o podem condemnar os ho-
mens.

E' castigado uma vez cá em baixo, e outras lá
em cima: a sentença não tem appellação, nem
na terra nem na eternidade; porque, quem
sentenceia é o juizo seguro, justo e severo de
Deos.

Os castigos inventados pelos homens são na-
da. A que se reduzem esses castigos ?... aos tor-
mentos physicos, á dôr: torna-se ineficazes,
ou por momentaneos, ou porque o habito de os
soffrer os nullifica.

O que é a forca ou a guilhotina ?... uma hora
de terror, e um momento de dôr. O que é a
prisão com trabalhos ?... perguntai aos galés se
no fim de um anno lhes pesão os ferros como
no primeiro dia; se no fim de dez annos os seus
soffrimentos são os do primeiro anno ?...

E depois, contra a policia e vigilancia dos ho-
mens tem o crime os ermos, e as noites ; e tem
mil vezes, para vergonha da humanidade, uma
protecção escandalosa, que o torna impune ;
embora em casos taes essa protecção deva ser
considerada um outro crime... igual talvez ao
primeiro.

Mas, graças a Deos, ahi está sobre os homens,
vigilante sempre, o olhar luminoso da Providen-
cia.

Não ha ermos para esse olhar; os bosques som-
brios, as cavernas, as altas penedias aparecem diante d'elle lisos todos como a superfície de um quieto lago.

Não há noite, não há trevas, não há mistério: esse olhar é o sol.

Não há protecção possível; perante o alto juízo, quem protege um delinquente é o delinquente mesmo com o arrependimento sincero e profundo; com a prática de nobres e puras acções.

E esse juiz severo e justo castiga duas vezes: cá... e lá: e os tormentos não são destinados ao corpo: o pó fica desprezado: quem sofre é a alma.

O juiz severo, justo e omnipotente castiga lá... em sua infinta sabedoria — elle sabe como; — nós, miseróis insectos diante d'elle, não podemos compreender esse castigar da omnipotencia.

E cá, elle creou na alma do homem a consciencia. A consciencia é terrivel!... a sabedoria de Deos fez cada homem juiz de si mesmo, e cada criminoso algoz de si proprio.

A consciencia castiga com os remorsos. O corpo continua sempre desprezado: os tormentos são ainda e sempre votados ao principio, que pecca.

O ladrão não dorme o somno, que regenera as forças; dorme un somno que fatiga; porque elle desperta cem vezes ouvindo o tinir do ouro, que roubou; e outras tantas vezes vendo diante de si a imagem do carrasco.

O assassino inda mais: esse homem que, mercê da morte e da solidão, matou impunemente o seu semelhante, que enterrou seu ca-
daver às escondidas no deserto, e que vos parece viver soecgado e impune, porque a justiça humana ignora o seu crime; esse homem... sofre mais do que sofreu sua vítima no momento terrível, em que vio erguido sobre o seu peito o punhal mortífero: esse homem véla sempre... de dia e de noite um phantasma o persegue e maldiz; sua sombra tornou-se um espectro: elle vê a cada passo a sepultura que abriu; vê o cadaver que enterrou; escuta o som do soquete com que calcou a terra... e vê erguendo-se da cova vingativo e formidável o esqueleto do morto.

Sabes quem é o pintor que prepara esse quadro formidável?... é a imaginação escravizada pelos remorsos. Os remorsos não são outra cousa mais do que o castigo, que Deos impõe ao crime cá na terra.

A infinita sabedoria de Deos quiz que o homem se punisse a si mesmo; e o homem, com effeito, a si proprio se atormenta com esse apparelho de horíveis torturas, a que se dá o nome de remorsos.

A desgraçada filha de Anacleto estava sendo a prova viva d'esta verdade eterna.

Marianna era uma mulher enormemente criminosa: não tinha ainda comparecido como ré diante de nenhum tribunal da terra; mas o castigo de Deos torturava a misera.

Ella tinha remorsos.

Como havia essa mulher sido levada á perpetração de um crime horroroso? ella, filha de um homem bom, irmã de um homem virtuoso, tendo diante dos olhos constantes exemplos de
piedade e religião?... como?... ah! não precisais ir pedir uma resposta ao pessimo da natureza humana, com que erradamente pretendeis explicar os efeitos das paixões, que não forão combatidas desde o berço.

Quereis saber porque Marianna ousou tanto?... perguntai á vaidade.

A filha de Anacleto, lindo anjinho na infância, encantadora moça depois, bella senhora inda então, cheia de graças e de espírito, havia sido creada sempre no meio de uma atmosphera de fataes lisonjas: respirou um ar de mentiras desde o princípio: com esse ar habituárão-se os seus pulmões; a verdade que fósse um pouco menos lisonjeira seria capaz de suflcal-a: objecto de um amor extremoso e cego da parte de seus parentes; objecto de culto e de adoração dos estranhos, Marianna julgou-se a princeza da formosura, empunhou orgulhosa o sceptro da beleza; ergueu a cabeça acima de todas as suas contemporaneas, e, cheia de vaidade, queria fitos em si todos os olhos, absorbos diante d’ella todos os homens, e curvos a seus pétos dos amores.

Perder essa posição seria morrer.

Mas ella amou: amou, e foi fraca: amou, e um dia viu que o seu throno ia ser despedaçado; que o sceptro ia escapar de suas mãos; que os cultos e as adorações tinhão de desaparecer para ella; que ao muito ella seria d’ahi por diante objecto de commiseração e piedade; porque emfim, ella tinha amado e sido fraca; tinha murchado em seu rosto a mais bella das flores, a flor da innocencia, e a natureza fallava em voz alta dentro de seu seio...
A misera lembrou-se então d’esse mundo encantador, que a adorava como rainha, e que bem depressa se erguera rebelado e furioso para arrancar-lhe o sceptro de flores...

Que partido havia a tomar?

Um meio lhe sugeria o espírito; um meio que a livrava das humilhações: era um meio extremo... e desesperado; era o suicídio: mas o mundo se mostrava a seus olhos tão bello... tão feiticeiro!... e ella tinha apenas quinze annos de idade!... qual é a moça de quinze annos, que não ama loucamente um mundo, que se sorri de joelhos a seus pés? morrer, não: aos quinze annos Marianna não se achou com bastante força para matar-se.

Que outro partido restava?... a resignação.

Ainda ha pouco, tinha fallado o amor do mundo para repelir a idéia da morte: agora, contra a idéia da resignação, ergueu-se o amor de si mesma levado a excesso; ergueu-se a vaidade. Resignar-se a que?... a passar de rainha a vassalla?... não ganhar mais nunca um só d’esses olhares ardentes e puros, que corações anhelantes dardejam sobre o rosto da inocência?... resignar-se-ia, quando passasse pallida e dolorosa, ouvir dizer — coitada! — quando ella estava acostumada a escutar — formosa!... — oh! era muito para Marianna. A mulher vaidosa escolheria antes a morte que a resignação.

E com effeto, a filha de Anacleto não se quiz resignar ao triste papel, que lhe marcavão as consequencias do seu erro. Primeiro esperou que o homem que a illudira a salvasse; quando não pôde mais esperar nada d’esse homem, espe-
rou do tempo... ela mesma não sabia o que; mas esperava sempre.

Quando porém o tempo correu tanto, que tinha já corrido assás... Marianna despertou assombrada ante o aspecto sinistro de uma desgraça eminente.

Falou outra vez a morte... falou outra vez a vaidade... a resignação ficou sempre vencida: as paixões triunfarão sempre.

A misera teve um dia de desespero; de febre... um dos mais fataes demonios, que tentão e perdem o coração humano, a vaidade, soprou um pensamento horroroso... abominável na alma da desgraçada mulher; esse pensamento era uma infamia... era um crime... mais realisou-se.

Foi um infanteçidio.

Marianna era sempre rainha.

O segredo de sua honra tinha escapado aos olhos do mundo. Os homens não podíam julgalar criminosa...

Mas o olhar de Deos estava sobre ella terrível e severo.

Mas a lei eterna da Omnipotencia se estava cumprindo a risca: a delinquente se punha a si mesma; a mãe desnaturada era o algoz de si própria.

Marianna tinha remorsos.

No movimento bello, encantado, estrepitoso de um baile, quando tudo era prazer, perfumes e flores; ao som dos instrumentos, que executavão a musica viva de uma valsa; ao som das
doçes lisonjas que dez cavalheiros murmuravão a seus ouvidos, Marianna via a imagem de uma criança recém-nascida, que jazia morta no meio da sala: ouvia a natureza exalando um gemido pungente... e ouvia maldições e pragas, que mil bocas invisíveis estavam proferindo contra ella...

Depois vinha um menino loiro, travesso e bello brincar a seu lado... então ella se lembrava!... e essa lembrança era terrível; era um punhal de lamina envenenada... era o castigo de Deos.

A sua vida foi sempre assim, sempre triste e fria dentro do coração, embora os lábios se sorrissem obedecendo ainda à vaidade, que os mandava sorrir. Era uma vida partida em duas bem distintas uma da outra: uma, a vida exterior, que era a mentira, que lhe brincava no rosto: outra, a vida interior, que era a verdade, que lhe roía o coração. Resumidas e combinadas ambas essas vidas, davão em resultado a peior de todas: — a vida de desgosto de si mesma.

Ao menos, porém, estava no meio de tudo isso, triunfando, a sua vaidade.

Ella era sempre rainha.

Mas uma noite... em uma d’essas noites de festa, de ardor, de prazeres fugitivos, um mancebo se apresentou junto d’ella, deu-lhe o braço, e aproveitando um passeio, pronunciou a seus ouvidos duas palavras sómente.

O terrível mancebo sabia tudo!...

A rainha cahio do seu throno... uma palavra só d’aquelle mancebo a podia tornar objecto de sarcasmos e de maldições...

E a vaidade ainda triunphou: Marianna ainda
se não quiz resignar: e para continuar a ser incensada n'aquelle mundo, que era tudo para elle, sujeitou-se a representar d'ahi por diante o triste papel de escrava de Salustiano.

O resultado de tudo isto já não se ignora. Marianna estava soffrendo tambem o castigo de seu crime, imposto pelo poder de um homem.

E o seu destino tocava um terrivel extremo: a hora fatal batia.

A desgraçada filha de Anacleto havia ficado em seu quarto pasma e aterrada logo depois que seu pai a deixou só.

Agora é o começo da tarde.

Marianna havia descido, e achava-se sentada no sofá, na sala de visitas do Céo côr de rosa.

Tinha vindo esperar Salustiano: no entretanto meditava.

O aspecto da triste viuva trazia em si um não sei que de sinistro: seus supercilios, bastos e negros, estavão dolorosamente enrugados de modo que quasi se confundião um com o outro: no entretanto, e apezar d'isso, seus olhos brilhavão, mas não com o fogo da vida... todas as suas feições se achavão contrahidas, e quando ella fallava, notava-se em sua voz alguma cousa, que se não podia explicar, mas que produzia uma impressão sobre-modo desagradavel.

Estava toda vestida de branco, mas trazia cingindo-lhe a cintura uma fita negra, cujas pontas cahião até o chão. Essa fita era lugubre.

Conservou-se muito tempo na mesma posição, immovel, e indifferente a tudo: parecia
haver medido perfeitamente o fundo do abismo, aberto debaixo de seus pés, e como que penetrada da certeza de não poder salvar-se d'elle. Não estava socsegada, estava inerte.

Marianna tinha tomado todas as medidas para não ser incomodada por testemunhas importunas n’aquellas horas: seu pai deveria voltar bem tarde; e a rogos d’ella, Celina prometêra não descer ao primeiro andar senão quando fosse chamada.

E portanto, ella esperava sómente uma pessoa; esperava Salustiano... a morte.

Depois de algum tempo de sinistra immobi-

lidade e mudez, a viuva levantou a cabeça que tinha um pouco inclinada, e, como se fallasse a alguém, murmurou com voz pausada:

— Eu lhe disse um dia, que elle se não lembra de que, se os homens sabem matar, as mulheres sabem morrer.

Sorrio-se terrivelmente, e disse:

— Provar-lh’o-hei.

Sorrio-se de novo, e ainda mais terrivelmente; depois tirou do seio um pequeno embrulho de papel; abrio-o com mão firme, e olhou; o que havia dentro era pó branco

— Arsenico!... balbuciou a misera com iron-

nia amarga e despedaçadora; arsénico!... o único amigo, que n’esta crise me acompanha e me salva, é um pouco de arsénico!...

Guardou de novo o embrulho no seio, e depois proseguiu:

— Vejamos se ainda me lembro do que li.

Ella pareceu recordar-se de alguma cousa, e foi repetindo compassadamente:
— Sabor acerbo e metálico... constricção de garganta... soluços... syncopes... resfriamento do corpo... sede... vômitos... prostração... delírio... convulsões... morte!...

Passado um instante perguntou a si mesma:

— E depois?!?!

E respondeu a si mesma com um tom horivelmente lugubre:

— Depois, a eternidade.

E estremeceu da cabeça até aos pés.

Ficou por algum tempo muda, e como que aterrada; mas emfim começou a dar um livre curso a seus pensamentos.

— O suicídio!... o suicídio!... que quer dizer o suicídio?... quer dizer que um homem ou uma mulher tem horror de si mesmo, julga-se de mais na terra, accusa-se perante si próprio, sentenceia-se, condemna-se, e executa-se!... Oh! tenho eu o direito de matar-me?... dizem que não: mas o mundo não tem também o direito de cuspir-me no rosto?

«Mas a religião proscreve o suicídio... e o que faço eu?... tróco um martyrio horrível por outro mais horrível ainda... tróco os martyrios da carne pelos tormentos da alma... tróco o mundo pelo inferno! ! !

A misera soltou uma risada nervosa.

— Ainda bem! proseguiu; ainda bem que o sei... o inferno me pertence...

O rosto de Marianna tomou uma expressão medonha... ella murmurou no meio de uma dilatação de labios, que não era riso, que era quasi uma convulsão horrorosa:
— Eu sou um demônio... eu matei meu filho!...

Respirou dolorosamente, e continuou:
— O suicídio! oh! sim! este é o meu segundo suicídio; pois então! não matei eu a carne de minha carne?... não derramei o sangue do meu sangue?... sim; esta é a segunda vez que eu matei; inda bem que é a derradeira.

« E eu devo realmente desapparecer do mundo; onde me havia esconder amanhã? entre os homens?... quem?... eu?... a infantezida?... oh! os homens lançarião sobre mim os cães... eu não sou da sua espécie... eu não tenho alma, ou então tenho alma negra!... deveria ir occultar-me nas brenhas?... oh! também não... lá os tigres amão seus filhos; eu sou mais feroz que os tigres.

« O que me resta é bem claro; n'este mundo resta-me um sepulchro... no outro espera-me o inferno.

« Este mundo dar-me-ha mais do que devia; porque o cadáver da mãe que mata seu filho ha de tornar estéril a terra, onde se enterrar. O outro mundo dar-me-ha o mais que pôde... o que eu mereço.

« Ah! eu me amaldiço a mim mesma!

« É preciso que eu morra; sim... esta mão, que deveria estar mirrada, ia tocar a dextra de Henrique... a mão pura de um mancebo honesto e honrado; oh! o crime é contagioso... eu ia infectal-o... o meu amor é hediondo; eu sou para as feras mais sanguinárias o que as feras mais sanguinárias são para os homens.

« É preciso que eu morra.
« E meu pai ? !!

A misera arrancou das entranhas um gemido pungentíssimo; desenhava-se a seus olhos a figura dolorosa do pobre velho, morrendo, a chorar ajoelhado sobre sua cóva.

— Meu Deus! meu Deus! exclamou ella de joelhos e com as mãos levantadas: meu Deus! não me perdoai embora os horíveis peccados, que tenho em minha nefanda vida cometido; mas perdoai-me, senhor da minha alma, perdoai-me as lagrimas que meu pai tem chorado e vai ainda chorar por mim; perdoai-me, meu Deus, os desgostos de que tenho enchido aquelle amoroso coração! meu Deus! meu Senhor! valei a meu pai na dôr immensa, que elle vai sofrer !...

Depois ella ergueu-se, e como se devesse estar vagando de tormento em tormento, como se tivesse antes de chegar o termo fatal, a morte, de passar por mil torturas, Marianna apertou as mãos contra o seio, e murmurou chorando:

— E meu filho !...

E proseguio por entre soluços:

— Meu filho, que hoje deveria ser um bello mancebo, que me levaria pelo braço á igreja e aos passeios, que me consolaria em minhas aflições, que me defenderia... que daria a vida por sua mãe !... oh ! para que fui eu fazer-me a mais malvada e mais infeliz de todas as criaturas ? ! !

« Meu filho! meu querido innocente !... meu bello anjinho ! ah ! se elle vivesse, vêr-me-ia eu hoje reduzida a tanto miseria ?... louca... criminosa que fui ! troquei a vida de meu filho por
um pouco de arsênico! Crime duas vezes... demônio sempre!

E apertando a cabeça com as mãos, a misera, tendo os cabelos já cahidos desordenadamente, começou a vagar a largos passos pela sala exclamando de um modo horroroso:
— Eu o matei! eu o matei!

Finalmente pareceu serenar: veio sentar-se de novo no sofá; mas quem lhe visse o riso estupido, que lhe enfeiava os lábios, quem lhe notasse os movimentos successivos, rápidos e inconsequentes, compreenderia que um excesso de dôr punha em desarranjo as ideias daquella infeliz mulher.

Ella sentou-se, pois, e d'ahi a pouco com uma especie de alegria que era capaz de fazer chorar, disse baixinho:
— Ninguem o sabe... ninguem o sabe; só elle... o mão; porém elle me verá morrer, e guardará segredo; ainda bem... ainda bem... ninguem o sabe.
— Eu o sei, senhora! disse uma voz rouca.
Marianna ergueu-se convulsa, lançou-se sobre a porta da sala, e perguntou desesperada:
— Quem está ahi?
A porta da sala abriu-se.
Appareceu o velho Rodrigues.
Marianna, com oscabellos eriçados e os braços estendidos para diante, recuou espavorida, como se lhe tivesse aparecido um espectro.

O velho Rodrigues entrou vagaroso e sosegado.
— Quem é?... perguntou a viúva aterrada: quem é o senhor?
— Sou o guarda-portão do Céu cór de rosa, senhora.
— E ouvio tudo?... balbuciou a misera.
— Não, respondeu o velho: eu não precisava ouvir nada: desde vinte e um annos que eu sei tudo.

Marianna deixou-se cair quasi desfalcida sobre o sofá.
Rodrigues vivamente commovido aproximou-se da infeliz mulher, e repetiu:
— Eu sei tudo.
A viuva sacudiu dolorosamente a cabeça, e murmurou:
— Não... não... é impossível!
O velho, em pé diante de Marianna, descansou a mão sobre o encosto da cadeira, e disse:
— Mulher! tens sofrido muito.
— Oh! sim!...
— Vaidosa, tu és ferida na tua vaidade.
— Oh!... sim!...
— Rainha, tu te tornaste escrava.
— Oh!... sim!...
— Caráter forte, intrepido, e até insolente, tu te rebaixas hoje, tu te revolves no pó, tu tremes de palavras, que se dizem em segredo.
— É verdade!
— Mulher destemida, tu és hoje a mais covarde entre todas.
— É certo.
— Tão covarde, que te queres despojar da vida!...
— Oh!...
— Christã, tu olvidas as leis de Christo!
— Oh!...
— Ahí, no teu seio, tu escondes um instrumento de morte.
— Senhor!...
— Eu tinha os olhos sobre ti, mulher; eu vi tudo. E sabes o que te acovarda?... sabes o que te leva ao desespero?... sabes o que te empurra para o tumulo? oh! tu o sabes, tu o sentes... é a consciência do crime.
— Meu Deus!...
— Não ha véo bastante denso para esconder de todo os delictos: tarde ou cedo... tudo se descobre; e muitas vezes, um homem que commeteu um crime abominável, e que se julga impune, porque acredita que todos ignorão a acção nefanda, que praticou; vai passando pela multidão com a cabeça levantada, sem saber que outro está apontando para elle e dizendo:
« Ali vai um malvado!
— Oh! é verdade!
— Mulher, desde muito que eu sei a tua historia: eu a sei mesmo muito melhor do que tu; vou repetir-ta... escuta.
— Não... não...
— É preciso que me ouças; quem sabe se dentro em pouco não estarás de joelhos a meus pés? escuta.
Marianna escutou com o rosto abrigado entre suas duas mãos.
O velho Rodrigues começou:
— No fim do anno de 1822, a cidade do Rio de Janeiro vivia a vida do enthusiasmo e das festas; a independencia estava proclamada, os ferros coloniaes tinham sido quebrados com desprezo; o congresso nacional, a assembléa constituinte ia em breve reunir-se, e trabalhar na execução da grande obra; levantar o magestoso monumento. O povo entusiasta da liberdade festejava a liberdade; os saráos seguião-se uns aos outros; o prazer estava em toda a parte.
Marianna exhalou, involuntariamente talvez, um suspiro de saudade.
— E no meio de mil formosas donzellas, que
davão vida a essas festas, havia uma joven senhora, uma moça que acabava de sahir da infancia, e que fazia o orgulho das sociedades, e martyrio das outras moças.

Marianna sentio apertar-se-lhe o coração.

— Era uma joven extrema e perigosamente encantadora; era morena, tinha os cabellos e os olhos negros e brilhantes, o rosto cheio de viveza e malicia, o pescoço garboso como o de um cysne: e toda ella era bemfeita; formosa e bemfeita, que arrebatava: e tinha um olhar magnifico, fixo e ardente como o do tigre, um sorrir meigo e carrinhoso que enfeitiçava; uma voz harmoniosa e tocante, e, finalmente, um andar que provocava: era uma mulher perigosa e terrivel... era capaz de ser o anjo da salvação, ou o demonio da perdição de um homem. Essa mulher immensamente encantadora chamava-se Marianna.

E Marianna suspirou de novo.

— Objecto de todas as attenções, os mancebos a rodeavão e festejavão de mil modos; os pais davão parabéns ao pai da feliz moça; e as moças, a invejavão; e as casadas tinham os olhos fitos em seus maridos por causa d’ella; e as mais a malquerião por causa de suas filhas; porém Marianna, orgulhosa de seus encantos, passeava por entre aquellas senhoras, e por entre todos aquellos homens, como o sol que faz o seu giro no espaço, escurecendo as estrellas, e espalhando sua luz por toda a parte.

E a viuva suspirou ainda uma vez.

— Ídolo de tantos, ídolo de todos os homens, pelos menos, a indifferença de um era um
insulto para essa moça tão bella, como vaidosa; era um insulto de que ella sabia vingar-se, trabalhando por prender maneato ao seu carro o insolente, que se esquecera de vir queimar incenso aos pés da princeza das festas. Essa moça queria escravos adoradores, e presumpçosa aceitava todos esses cultos, concedendo às vezes um olhar a este, um sorriso àquella, uma palavra meiga àquelle outro, mas não dando o seu amor a nenhum.

— Foi assim; murmurou a infeliz.

— Todavia apareceu nas sociedades um homem, que não se lembrou de correr aos pés de Marianna, não era uma criança, nem um velho; ninguém lhe daria menos de vinte seis annos, nem mais de trinta; estava livre, tinha coração, e portanto devia pretender agradar à bella moça; esse homem não curou d’isso: melancólico e abatido, sempre vestido de luto, parecia tão ocupado com suas magoas passadas, que não tinha tempo de admirar a belleza do dia. Esse foi a principio julgado uma fera bravia por Marianna, e portanto indigno de suas costumadas vinganças; depois, ella mudou de opinião, entendeu que era um montanhez mal educado; depois, acreditou-o insolente e orgulhoso; e depois...

— Provoquei-o!... balbuciou Marianna.

— Provocou-o, repetiu o velho: Leandro (era o nome d’esse homem) despertou às provocações da bella moça; vio... vio então, e observou pela vez primeira esse dilúvio de encantos e de graças, que a natureza tinha acumulado n’essa mulher, e não pôde resistir à necessidade
de admiral-a : o amor tinha algum tempo antes aberto no coração de Leandro profundas feridas, que ainda não havião cicatrizado ; e pois, elle fugio de Marianna, como de um perigo, de uma tentação, de um encanto, insidioso.

— Offendeu a minha vaidade !

— Sim : offendeu a vaidade da mulher aitiva ; e ella jurou ser, a todo o custo, dona d’aquelle coração : desde o momento em que concebeu um tal proposito, Marianna esqueceu todos os seus antigos adoradores, e, sem o pensar, queimou incenso por sua vez aos pés de um homem...

— Amei-o !...

— Sim ; a vaidade de Marianna fêl-a amar a Leandro. Todos os meios de seduccion de que ella podia dispôr forão postos em campo... o homem não resistio ; Marianna e Leandro amarão-se.

— Oh ! foi assim mesmo !...

— A’ primeira hora de declaração de amor, seguirão-se dias de embriaguez e de felicidade inconceivivel, e seguiu-se uma noite de paixão delirante... de prazer feroz...

— Oh ! basta 

— Teve lugar em um dos arrabaldes da corte uma brilhante festa campestre ; havia um saráo no meio das flores... um jardim illuminado... um lago cercado de luzes... um bosque de arbustos floridos adiante... encanto em toda a parte. Leandro e Marianna achárão-se presentes á festa : dançarão juntos, e fôrão juntos passear pelo jardim. Esquecerão o mundo e os homens... lembravão-se unicamente de seu amor... e primeiro vagárão por entre as flores... depois con-
versaráo espelhando-se nas águas socegadas do lago... e depois entrárão no bosque...
— Oh!
— O interior do bosque era sombrio; fóra soava a musica terna e maviosa; dentro exhalavão-se embriagadores perfumes; mas... outra vez o bosque era sombrio... senhora! Leandro e Marianna perdérão-se no bosque.
— Perdérão-se!... balbuciou dolorosamente a viuva.
— Quando voltárão, para de novo tomar parte na festa, Marianna estava pallida, e Leandro mais que nunca apaixonado.
— Elle sabe tudo! disse a pobre mulher.
— No dia seguinte, proseguio o velho, Leandro foi visitar o pai de Marianna, e pedio-lhe a mão da bella moça; o casamento foi ajustado; deveria celebrar-se d'ahi a um mez; no entanto Leandro e Anacleto ligárão-se, como bons amigos.
— Ah!... por bem pouco tempo!...
— É verdade; a intolerancia política veio logo separal-os; com effeto, o ministerio da independéncia, o gabinete Andrada acabava de cahir; homens accusados de sympathia pelo antigo systema subirão ao poder; a população dividio-se em dous campos inimigos, e a exaltação dominou em ambos. Anacleto extremava-se defendendo as veitas idéas: Leandro representava as novas, que pouco antes havião triunphado. Um dia o velho e o moço encontrárão-se defronte um do outro em completo antagonismo; o exaltamento de ambos inspirou-lhes palavras desabridas, e o pai de Marianna, estendendo
O braço, mostrou ao noivo de sua filha a porta por onde devia sahir, para não tornar mais nunca á sua casa; ficárão inimigos irreconciliáveis.

— Oh! foi assim!

— Anacleto ordenou a sua filha que esquecesse para sempre o feroz republicano; e a desgraçada, que já não tinha o direito de esquecel-o, não teve animo de cahir aos pés de seu pai e de confessar-lhe, que havia commettido um erro, e que sentia fortemente as consequencias d’esse erro. Mais ainda; Anacleto fez-se perseguidor de Leandro, que vio-se obrigado a viver occulto durante alguns meses d’essa época tão calamitosa. No entretanto, senhora, tinha cogado do campo dois amigos de Leandro; dois amigos, que não hesitarão em dar a vida por elle; o infeliz abrio-lhes o seu coração... contou-lhes tudo; e João e Rodrigues, os dois amigos, tomarão sobre seus hombros o encargo de observar Marianna, de velar por ella...

Marianna levantou um pouco a cabeça.

— Como lamentavas tu, mulher vaidosa, a desgraça do homem que te amava?... como choravas tu, mulher imprudente e louca, a tua propia desgraça?... alegre e festiva tu te embriagavas de novo com os prazeres da corte... os saráos... os passeios... a vida de loucuras continuava sempre!... parecias até esquecida de ti mesma: ah! sim! mulher, a tua cabeça não se lembrava de teu seio.

Marianna tornou a esconder o rosto entre as mãos.

— O teu viver exasperava o infeliz Leandro,
que não podia estar a teu lado, e que, escondido, via-te apenas pelos olhos de seus dois amigos. Elle compreendeu, que não serias nunca uma esposa extremosa e devotada em corpo e alma a seu marido; e todavia o pensamento único que o ocupava, a ideia que lhe roubava o sonno, era a divida imensamente, que te ficara devendo: suspirava pela liberdade para salvar-te; sabendo que te sorrias no mundo, que te sorrias, mulher, tu que devias chorar, o infeliz chorava em dobro... chorava por ti... e por si.

Marianna não disse nada; conhecia-se porém que estava soffrendo muito.

— No entretanto, prossegui o velho Rodrigues, o tempo corria... as perseguições continuavão, a assembléa constituinte tinha sido dissolvida... os mais extremados patriotas deportados: Leandro não podia ainda aparecer. Foi então que soubemos, que Marianna havia deixado a corte para passar algum tempo com uma velha parenta estabelecida na roça. Compreendemos o fim da viagem, e um dos amigos de Leandro, eu, senhora, fui encarregado de seguir Marianna. Comprenderi-me da delicadeza de minha missão, e, decidido a tudo arrostar, tive uma conferência particular com a velha parenta da amante de Leandro.

— Basta! balbuciou Marianna; vejo que nada ignora... nem do que falta... mas basta.

Sorrio-se tristemente o velho, e prosseguiu:

— Rodrigues e a velha parenta derão-se as mãos, e velarão de commum acordô; e queres saber, mulher, qual foi o primeiro resultado d'essa vigilância?... foi descobrir-se que havia
em uma das gavetas do toucador de Marianna um frasquinho cheio de um líquido sinistro... a décima parte desse líquido contido no frasquinho sobejava para afogar uma criança... e a mãe dessa criança também.

— Oh!...

— Pois, passado um mês, Marianna fez a sua primeira experiência; bebeu a décima parte daquele líquido, e, contra sua expectativa, passou às mil maravilhas.

— Senhor...

— Passado outro mês... segunda tentativa; e o mesmo resultado ainda...

— Então...

— Ah! o outro mês era realmente para temer-se: a mulher louca e vaidosa empunhou o frasquinho, levou-o aos lábios, e esvaziou-o todo: devia ser a morte o que ela tinha bebido.

— Meu Deos!...

— Ao anoitecer... dores... anciãs horíveis... no fim de algumas horas perda completa de sentidos... ficou como morta.

— Oh!... porque não morri, meu Deos!

— Senhora, quando aquella mulher abriu outra vez os olhos, a natureza falou antes da vaidade: ella abriu os olhos e exclamou com dor imensa: — meu filho!... — e a velha parenta, que a pouca distancia a observava tristemente, respondeu: — nasceu morto.

— Ah!...

— Porém no dia seguinte, ás onze horas da noite, senhora, a borrasca ribombava... a chuva calia... os elementos estavão desenfreados... e um homem envolvido em longa capa negra, foi
bater à porta de uma pobre casa na cidade do Rio de Janeiro. Dentro d'essa casa estavão resando aos pés de Nossa Senhora das Dóres uma mulher velha, e uma escrava: a porta foi aberta; o homem entrou, lançou a capa fora de seus hombrs, e em nome da Santíssima Virgem Mãi de Deus, aquella mulher recebeu e adoptou uma criança recém-nascida.

— E essa criança?... exclamou Marianna com um grito desesperado.

— Era teu filho, Marianna!

A viúva soltou um brado arrancado do amago do coração, e cahio aos pés do velho Rodrigues.

— O licor do sinistro frasquinho havia sido trocado.

— Meu filho!... meu filho!... bradava a pobre senhora.

— Mas desde que Leandro soube que a alma de Marianna concebera o horrível pensamento de um infanticidio, e tratara de realisá-lo, aborreceu-a tanto quanto a havia amado.

— E meu filho?... onde está meu filho?... perguntava Marianna desesperadamente.

— Essa criança foi criada com desvelo e ternura; nada lhe faltou nunca... ao sahir da infância partio para a Europa... educava-se lá quando seu pai morreu...

— E meu filho!

— Na véspera do dia de sua morte, Leandro fez sahir todos de seu quarto, e ficou só com seus dous amigos. « João, Rodrigues, eu vou deixar-vos o meu mais caro thesouro, disse-nos o triste pai; deixo-vos meu filho. Eu podia fazer testamento, e reconhecer por meu filho
esse pobre inocente, que ambos conheceis: mas elle pôde morrer antes de chegar á idade em que deverá receber a herança que lhe compete, e eu teria infructuosamente publicado um erro de minha mocidade, e dado assim a conhecer a uma mãe desuaturada o filho, que ella pensa ter assassinado. Pensei melhor, quanto a mim.

«Leandro mandou-nos abrir uma gaveta e tirar d’ella um papel que designou, uma carta que estava fechada.

«Eis aqui, continuou elle, uma carta que fareis chegar cautelosamente ás mãos da filha de Anacleto: vai ahi dentro toda a nossa correspondência do tempo de amor e de esperança. Agora este papel, meus amigos, é a ultima prova, que vos dou da minha amizade. Este papel é o escripto de reconhecimento de meu filho, que vós ides assignar como testemunhas, guardar para depositar em suas mãos, quando elle fizer vinte e um annos,

— «João e eu assignámos e guardámos então o escripto de reconhecimento de teu filho, mulher.

— Oh! exclamou Marianna; mas que me importa isso?... que tenho eu com essa historia? ouvio, senhor, eu quero meu filho?

— Leandro morreu, senhora, continuou Rodrigo sem attender a Marianna; e ficarão seus dous amigos velando sempre sobre o pobre moço. Elle voltou da Europa, e eu tive o pensamento de trazê-lo ao tecto em que morava a sua mãe.

— Oh! sim!... sim! disse a viuva com as mãos postas.
— Para conseguil-o vim aqui pedir, como um pobre velho sem meios, o lugar de guarda-portão do Céu cor de rosa. D'ali, d'aquelle alpendre velei por teu filho, mulher! d'ali, d'aquelle alpendre concebi o projecto de trazê-lo para junto de sua mãe, fazendo-o esposo da mais bella das virgens, esposo de Celina...

— Oh!... bradou Marianna, em cujo espirito tinha brilhado um raio de luz.

— E agora, mulher, teu filho? teu filho tem já vinte e um annos... ama a Celina; e tu, mulher, queres matar a mãe do misero mancebo, porque não podeste conseguir roubar-lhe o coração da amada! sim, queres suicidar-te!...

— Meu filho!... meu filho!... meu filho!... bradava Marianna andando como louca pela sala.

— Tu o enxotaste já uma vez para longe desta casa!

— Meu filho!...

O movimento que havia, e o ruido que se fazia na sala, impedio que Rodrigues e Marianna ouvissem os soluços de alguém que se achava escutando junto da porta.

— Mas emfim, mulher, continuou o velho, tu tens sido já bem castigada!... agora...

— Eu quero meu filho!

Marianna fallava por entre lagrimas; seus cabellos estavam soltos, seu olhar brilhante, seu rosto enrubescido, e sua voz alterada.

— Escuta, disse o velho.

— Ouvi de mais, exclamou ella com força: não escuto nada... não quero... não posso: eu quero vêr meu filho... quero abraçal-o...
quero beijal-o... quero... oh ! meu filho é o anjo que me salva ! meu filho é o perdão de meus peccados, que eu não merecia, e que Deus me concede !... ah !... não preciso que me guiem... eu conheço, eu sei quem é : eu sei onde está meu filho ! vou vê-lo, vou buscal-o !... meu filho ! meu filho !...

E, quasi delirante, atirou-se para a porta.

Batião nesse momento desesperadamente.

Rodrigues, com os olhos lavados em lágrimas, e soluçando com força, deu volta à chave.

A porta abriu-se, e ele entrou...

Mãe e filho cairão ambos de joelhos, e abraçarão-se um com o outro chorando, e exclamando ao mesmo tempo :

— Minha mãe !...
— Meu filho !...

O filho de Marianna era Candido.
Elles continuavam abraçados misturando suas lagrimas e seus carinhos.

Era um tesouro insondável, uma riqueza enormissima, que ambos acabavam de obter do céo.

Cândido achava finalmente o objecto d’aquelle amor santo de seu coração: abraçava sua mãe.

Marianna encontrava inesperadamente no mundo uma criatura, que supunha ter ella mesma feito desapparecer do mundo: abraçava seu filho.

Não havia mais vazio no coração do man­cebo; nem phantasma na imaginação da mulher.

Choravam ambos; suas lagrimas porém eram bem doces; eram lagrimas de uma felicidade
que se não mede: felicidade tão grande que não lhe bastão os lábios por onde sahe em sorrisos, que lhe são precisos também os olhos por onde em lágrimas se derrama.

Completava o quadro a figura nobre do velho Rodrigues.

Aquêle moço e aquella senhora abraçados, e de joelhos junto d'aquelle velho alto e respeitável, pareciam talvez dous amantes trocando votos do mais terno e puro amor, á sombra de uma árvore secular e magestosa.

De repente, e com um movimento rápido e forte, Marianna desenlaçou-se dos braços de seu filho, e recuo dous passos.

— Minha mãe!... exclamou o mancebo com os braços estendidos para ella.

Marianna lançou a mão ao seio, e tirou de dentro o embrulho de arsênico.

— Era a morte!... disse ella, lançando o papel no chão e pisando-o com força: entre meu filho e meu peito estava ainda um crime de permeio! agora sim... estou livre... estou bella... estou pura!... o amor de meu filho lava todas as minhas culpas.

E atirou-se de novo nos braços de Candido.

Aquêle prazer, a felicidade era tão grande em ambos, que Marianna esquecia Henrique, e Candido não se lembrava de Celina.

Mas ouviu-se o rodar de uma carruagem que parou junto ao alpendre do Céo côr de rosa.

— É elle! disse o velho Rodrigues.

— É elle! disse erguendo-se Candido, que já sabia tudo.
— Agora pôde chegar, disse por sua vez Marianna erguendo-se também.

Com effeito pouco depois entrou na sala Salustiano, que pareceu admirar-se de achar Marianna acompanhada de duas pessoas.

O irmão de Candido estava mais pallido que nunca.
— Pensava encontrar-a só, senhora, disse elle.
— Enganou-se: eu quiz que duas pessoas testemunhassem o que se vai passar entre nós dous, respondeu a viuva levantando nobremente a cabeça.

Salustiano chegou-se para uma janella.
— Se é uma traição o que se me prepara, tornou elle, lembre-se, minha senhora, que ainda não é noite fechada, que muita gente está passando por baixo d'esta janella, e que ao primeiro signal de emprego de força, eu farei presente de uma folha de papel ao primeiro que passar.

Sorrio-se Marianna, e disse:
— Descance, meu caro senhor, tudo se concluirá em perfeita paz; vejo porém que me lembrou a tempo do que me devia ter já lembrado: a noite começa, e estamos quasi ás escuras.

Deu dous passos para a porta do corredor, e disse:
— Luzes! tragão luzes!

Candido de um lado e Rodrigues do outro, observavão a scena de braços cruzados.

A sala achou-se bem de pressa illuminada.
— Nada de ceremonias: sentemo-nos. Vejamos, meu nobre senhor, apresente-nos o seu ultimatum.
— Senhora!...
— Nada de interjeições: sobretudo, eu tenho pressa.
— Pois bem, senhora; eis-aqui um contrato de casamento, ao qual só falta a assignatura de sua sobrinha.

Marianna recebeu o contrato, e depois de seriamente examiná-lo, disse:
— Pouco entendo de direito; todavia, creio que o tabellião e as testemunhas deverião ter-se achado aqui.
— E’ possível que o desejasse?
— Certamente; e como faltou essa formalidade, que me dizem ser de modo mui positivo recomendada pela lei, peço-lhe licença para, em nome de minha sobrinha, rejeitar este papel.

Salustiano mordeu os beijos, e disse:
— E’ terei eu também licença para mostrar aqui, e em toda a parte um outro papel, que trago no meu bolso?

— Aqui é desnecessario, respondeu Marianna sem hesitar; porque sabemos ambos que o Sr. Rodrigues tem inteiro conhecimento d’esse papel, e o Sr. Candido já não ignora sobre que elle trata.
— E lá fora! perguntou Salustiano elevando a voz.
— Lá fora, senhor, poderá mostral-o a quem bem lhe parecer: mas já que se quer dar ao incômodo de tornar publico um erro de meus primeiros annos de moça, ofereço-me para facilitar-lhe a prova viva e documental d’esse erro.
— Eu a tenho no meu bolso, senhora.
— Quero dar-lhe outra muito melhor.
— Melhor ainda? e qual?
— E' meu filho, disse a viuva apontando para Candido.
Salustiano ficou estupefacto.
Candido aproximou-se d'elle, e oferecendo-lhe a mão, disse com accento commovido:
— Meu irmão...
A voz de Candido despertou Salustiano, que, soltando uma risada d'escarnear, exclamou:
— Impostor!
Candido córou até á raiz dos cabellos, e reco-lhendo a mão que havia estendido, encruzou de novo os braços.
Marianna apertou entre as suas uma das mãos do mancebo; dizendo-lhe:
— Não córes assim, meu filho; que importa que teu irmão te desconheça, se tua mãe te abre os braços?... vem... eu quero apertar-te contra meu seio diante d'elle; vem!
E depois de abraçar apertadamente seu filho, continuou dirigindo-se a Salustiano:
— Vê bem que já não receio o veneno da sua linguá: acabou-se o senhor, desappareceu a escrava: agora eu o desafio orgulhosa!
— Ainda quando o que se representa aqui não fosse uma miserável comedia, respondeu Salustiano; ainda quando o que está dizendo tivesse todos os visos de verdade; acredita, minha senhora, que toda a esperança de vingar-me estava perdida para mim?
— Oh!... ainda?...
— Pois bem... o Sr. Candido é seu filho? qual é o nome do pai de seu filho?
Marianna fez um movimento.
— Senhor !...
— Não responde ?... tanto melhor: irei perguntal-o ao Sr. Henrique...

A viuva empallideceu; lembrou-se do amor d’aquelle, que o inesperado apparecimento de seu filho fizerá esquecer tanto tempo: duas lagrimas eloquentes pendêrão das palpebras de Marianna.

Cândido com um olhar cheio de amor e de profundo sentimento, mostrou comprehender a significação d’estas lagrimas.

— A resposta de Henrique, senhora, será prompta e nobre: não preciso dizer qual seja...

— Embora... balbuciou, como gemendo, a mãe de Cândido, olhando ternamente para seu filho.

— Deixarei Henrique, senhora, proseguiu Salustiano, e hei de vir fazer a mesma pergunta a um honrado velho, que vive de amar sua filha... que a julga pura, que...

Marianna soltou um grito; Cândido ia dar um passo; mas elle atirou-se entre elle e Salustiano.

— Embora! exclamou com fogo: embora! perca-se tudo! rompa-se este casamento que deveria fazer a ventura do resto da minha vida! derrame ainda meu pai lagrimas amargas por minha causa; mas renegar meu filho?... affastal-o de meus olhos?... negar-lhe o meu seio? nunca! nunca! agora, senhor, antes de todos está meu filho.

E chorando lagrimas de amor, abraçou-se estreitamente com Cândido.
— Bem, senhora, disse Salustiano tomando o chapéu; eu meus retiros... tudo está decidido entre nós.

Cândido tinha sentido vibrar todas as cordas do coração de sua mãe; compreendeu que ia ser a causa de seus tormentos e de sua desgraça; e fazendo um violento esforço, desprendeu-se dos braços que o apertavam, e lançando-se adiante de Salustiano, exclamou:

— Uma palavra, senhor!
— O que temos? perguntou com desprezo o moço.
— Conhece a letra de seu pai?
— Sim.
— Pois veja.
— E tirando do bolso uma folha de papel, que mostrava ter estado por muito tempo guardada, Cândido abriu-a aos olhos de Salustiano.

Era o escrito pelo qual Leandro reconhecia Cândido por seu filho.

Salustiano quando acabou de ler, tremia da cabeça até aos pés, e estava pallido como um finado.
— Eu sou seu irmão, disse Cândido.
Salustiano não respondeu.
— Metade da fortuna de que se acha de posse, pertence-me de direito.

Salustiano, com os lábios brancos e convulsos, olhou com um olhar espantado e feroz para aquelle, que lhe estava falando.

Cândido voltou o rosto para Rodrigues e perguntou:
— Diga-me, Sr. Rodrigues, sabe pouco mais ou menos quanto devo receber do Sr. Salustiano?
— Um milhão, respondeu o velho.

— Pois bem, tornou Candido com todo o sangue frio; Sr. Salustiano... meu irmão; eu dou-lhe um milhão pela carta de minha mãe.

O velho deu um passo...

Marianna ficou extática...

Salustiano continuou a olhar espantado para Candido.

— O caso é simples, continuou Candido: o senhor não conseguirá nunca desposar aquella que pretende; ao muito fará infrutíferamente a desgraça de minha mãe. E para que isso, senhor? para que procurar um remorso? acabemos com isto: eis-aqui uma vela que arde, accendamos n'ella nossas duas folhas de papel; um queima um escripto que lhe dá um milhão, outro extingue uma carta que vale uma desgraça. Senhor, outra vez, o caso é simples: trata-se de um milhão!

Salustiano instinctivamente lançou a mão ao bolso e tirou d'elle um papel.

— Os dous mancebos aproximáram-se um do outro; Salustiano estava desfigurado, Candido risonho e animado.

— Senhor, disse este, permita que minha mãe examine se é essa a carta de que se trata.

Salustiano chegou-se a Marianna, que, depois de lêr a carta, respondeu:

— É' ella mesma.

— Senhor, continuou Candido dirigindo-se a seu irmão; jura pela sua honra, pela salvação de sua alma, e pelas cinzas de sua mãe e de nosso pai, que nunca abusará d'este segredo?

— Juro, murmuro Salustiano.
Então... ao fogo!

Chegáram-se os dois moços para junto da luz; mas o velho Rodrigues, suspendendo Cândido, exclamou:

— Mancebo, lembra-te que vais queimar um milhão.

Cândido, com o mais eloquente silêncio, apontou com a mão esquerda para sua mãe, e deixou cair a direita sobre a luz.

Enquanto as duas folhas de papel ardia, Salustiano olhava para as chamas com a estupidez de um idiota, e Cândido com o sorriso de um anjo.

Só restavam cinzas... Marianna lançou-se com entusiasmo sobre Cândido.

— Meu filho!

Cândido recebeu-a de joelhos.

— Agora eu! disse uma voz.

Todos olharam: era João que acabava de entrar na sala.

— Que é isto?...

— E a vingança! bradou ele.

Salustiano deixou-se cair aturdido sobre uma cadeira.

— Falso!... falso!... exclamou João sacudindo o processo, subtraindo a Jacob, diante dos olhos de Salustiano; falso! falso! eis aqui a vingança!...

— O que quer dizer isto? perguntou Cândido a Rodrigues.

Breves palavras do velho explicarão tudo.

Cândido avançou para João.

— Meu bom amigo, eu sou o filho de Leandro, eu sou o herdeiro da amizade de cem anos.
A voz do moço era doce e tão terna, como foi o olhar que João lançou sobre elle.
— Em nome de meu pai, em nome da sagrada amizade que d'ora ávante ha de ligar-nos até á morte, João, meu amigo, dá-me esse processo!...

João ficou immovel, arrasaráo-se-lhe os olhos d'água.
Candido estendeu o braço, e tirou-lhe o processo das mãos, sem que o velho fizesse a menor resistencia.
— Por mais que queiras, João, disse Rodrigues commovido, tu não pôdes ser máo...

Candido tinha-se chegado outra vez junto da luz, e queimava o processo.
— E’ meu irmão, disse elle soluçando.
CONCLUSÃO

A felicidade e o prazer se estavam sorrindo de mil modos no Céu cõr de rosa.

Candido frequentava de novo e mais assiduamente que nunca a casa de Anacleto; dirigindo-se a Marianna, tratava-a por — minha senhora; — mas sua voz tinha um tom de indizível ternura.

Marianna estava bella e deslumbradora como em seus primeiros dias de ventura: chamava o mancebo comod’antes — Sr. Candido, — porém seus olhos ardentes e amorosos lhe davão ao mesmo tempo o mais carinhoso dos nomes.

Anacleto não podia compreender aquella metamorphose; mas, respeitava o segredo da felicidade de sua filha, tanto quanto havia respeitado outr’ora o de seus tormentos.

Celina sorria-se para a vida... amava, era amada, e emfim esperava ser feliz; quelle importava o mais?...
Chegou o dia destinado para o casamento de Henrique e Marianna.
Tudo estava pronto: o altar, o sacerdote, os dois amantes, e os convidados.
Só faltava Cândido. Debalde o esperarão por muito tempo.

Na manhã d’esse dia Cândido, ao erguer-se do leito, recebeu da mão de Irias uma volumosa carta a elle dirigida.

Abriu, e leu a carta curioso.

« Meu irmão: — Déste-me uma grande lição de virtude: mostrar-te-hei que a não gastaste mal comigo.
« Eu era um moço perdido, sem nobreza, sem generosidade, e sem amor do que é verdadeiramente bello: provarei, que, com o exemplo da honra, soube conhecer os meus erros.
« Meu irmão, quando eu tornar a aparecer a teus olhos, não te envergonharás de me apertar a mão. Eu parto, para onde não sei ainda...
« Voltarei talvez um dia... quando o estudo, a meditação, as lagrimas, e as viagens tiverem gasto todos os meus renhorsos, e me disserem que já não sou o mesmo.
« Voltarei, digno de meu irmão; digno daquelle que fez arder a meus olhos um milhão e um processo.
« No entretanto, meu irmão, eu te deixo a minha casa, confio-te a riqueza, que nos deixou nosso pai. Acompanhão a esta a escriptura e todas as disposições necessarias, para que tomes a
direcção da casa, como seu administrador geral e meu sócio.

« Não é possível recusar, meu irmão; em nossa casa te esperão; e quando receberes esta, já estarei longe do Rio de Janeiro.

« Adeos, meu irmão. Eu te agradeço teres-me feito bom... teres-me feito christão.

« Adeos! até um dia.

« Teu irmão, — Salustiano »

Acabando de ler a carta, Cândido vestio-se apressadamente, e sahio agitado: encontrando João e Rodrigues, contou-lhes o que havia, e correrão todos três em procura de Salustiano.

Perderão quasi todo o dia em inúteis indagações; finalmente descobrirão que o mancebo tinha tirado um passaporte, e que se embarcara ao romper d'aurora em um navio europeu.

Os três amigos correrão á praia... tomarão informações; um inconveniente inesperado demorava o navio por algumas horas. Cândido, Rodrigues, e João atirarão-se dentro de um bote, e mandarão remar com toda a força para o navio.

Já não estavão longe... reconhecerão em pé sobre a tolda, com os olhos embebidos na cidade que ia deixar, o infeliz Salustiano: Cândido soltou um grito de prazer; era-lhe possível arredar seu irmão d'aquella triste viagem.

Salustiano ouvio o grito... lançou os olhos sobre o batel, e estendeu os braços...

Mas o navio abriu de repente as azas... e graciosamente deslizou-se sobre as aguas.

— Adeos! gritou Salustiano agitando seu lenço branco; adeos! até um dia!
— Adeos! respondeu Candido chorando.

Erão nove horas da noite quando, em companhia de João e Irias, Candido entrou no Céo cór de rosa.

O sarão tinha já começado.

O mancebo desculpou o melhor que pôde a sua ausencia, dirigindo-se a Anacleto e Henrique.

Correu depois aos pés de Marianna, e, aproveitando um momento, disse-lhe toda a verdade em duas palavras.

Faltava Celina.

A Bella Orphã saudará com sorriso de amor a chegada de seu amado, e não podendo esconder sua perturbação, sahio da sala, e fugio para o jardim.

Marianna compreendeu o olhar de Candido que se voltava por toda a sala, e apontando para a porta do corredor, disse sorrindo-se:

— No jardim.

Candido voou para o jardim.

Celina estava em pé junto de uma roseira.

Os dous amantes ficarão defronte um do outro perturbados, suspirando, e sem dizer palavra durante muito tempo.

Quando emfim Candido ia pronunciar a primeira phrase de amor... ouvio-se uma voz meancolica e tremula que cantava perto:

Era um dia um mancebo, qu’ardente
« Pobre vida esquecido vivia;
« E uma virgem formosa, innocent,
« Qu’outra igual não se vio, não se via.
« Quem separa o ardor da belleza?...
« Um abysmo fatal : — a pobreza. »
Cândido e Celina reconhecerão a voz do velho Rodrigues, e ficarão suspensos escutando o romance da virgem.

Finalmente o bom velho chegou à última estrophe do romance, e cantou:

E o mancebo, que tinha tentado
A paixão que nascia, abafar,
Hoje a ella de todo curvado
Stá c'os olhos no céo a clamar:
« Quem não fôra nascido; — ou então
« Quem me déra o terceiro botão!... »

Cândido, sem pensar talvez no que fazia, repetiu como um éco, o ultimo verso da estrophe.
« Quem me déra o terceiro botão!... »

A Bella Orphã compreendeu o pensamento de Cândido; tirou da roseira um botão de rosa, e o offereceu ao feliz mancebo.
Dava-lhe o seu coração.
Cândido recebeu dejoelhos o presente de amor.
— Parabens!... disse uma voz doce.
Os dos amantes voltárão-se, e virão junto de si Marianna e Henrique.
Ficarão ambos confusos.
— Não se perturbem, exclamou Marianna: nós approvamos o vosso amor.
Depois, dirigindo-se a Henrique, continuou:
— Olha, Henrique, não são bem dignos um do outro?...
Henrique sorrio-se.
— Queres tu que os adoptemos por nossos filhos?...
Henrique abriu os braços a Celina.
— Minha filha!... disse o esposo de Marianna abraçando a Bella Orphã.
— Meu filho! exclamou Marianna com um grito d'álma.
— Minha mãe! respondeu Candido caindo-lhe ao pés.
— Graças a Deus! disse o velho Rodrigues que acabava de mostrar-se.

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO TOMO
ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fíel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não publique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliana@usp.br).